ROMANCE DE CLÃ

Tzimisce

ERIC GRIFFIN

VAMPIRO
A MASCARA

Tzimisce

parte um:

O CONSELHO DE GUERRA

7

parte dois:

A DANÇA DO FOGO

57

parte três:

A FRAUDE

99

Sábado, 19 de junho de 1999, 21h12min
Sala Chandler, Hotel Omni, Centro CNN
Atlanta, Geórgia

Polônia avaliou a sala de conferências com um olhar crítico. *Perfeito.*

Mesmo assim, ele parecia um pouco preocupado enquanto continuava com o ritual — trocando a posição de um marcador de lugar aqui, retirando uma peça de cristal lascado ali e arrancando um dispositivo de escuta mal escondido. De forma mecânica, corrigiu meia dezena de falhas sutis, mas potencialmente desastrosas, em relação às regras de etiqueta e protocolo. Estava penosamente consciente de que era necessário bem pouco para transformar um conselho de guerra do Sabá em um turbilhão violento e descontrolado.

Ele completou uma volta inteira em torno da enorme mesa de reunião e começou de novo. À medida que caminhava, as pontas dos dedos de sua mão direita percorriam a superfície lisa da mesa. A sensação era reconfortante.

A mesa de carvalho escurecido era uma presença importante na sala. Polônia, com um ar de aprovação, enumerou mentalmente as suas virtudes. Para começar, era imensa. O seu tamanho descomunal tornava pouco provável que mesmo o monstro Tzimisce mais brutal fosse capaz de esmagá-la ou (como estavam tão acostumados) de esmagar alguém *com* ela. Apenas isso já seria uma vantagem significativa quando a discussão ficasse mais intensa, o que inevitavelmente iria acontecer.

A grande mesa circular tinha ainda o peso adicional da tradição e da História sobre ela. A peça havia sido comprada, por uma soma considerável, de uma coleção particular na região de Lake, na Inglaterra. Era sem dúvida uma imitação, mas uma imitação com uma História. E isso fazia toda a diferença. Assim como a sua antecessora lendária, esta távola redonda servia para evitar as infinitas poses e exibições de poder que de outra forma poderiam surgir em uma assembléia de generais orgulhosos e temperamentais conforme cada um disputava um lugar de honra como o "cabeça" da mesa.

Polônia sorriu com esse pensamento. Não era só a mesa que não tinha um "cabeça", mas também toda aquela maldita assembléia. Ele estava completamente consciente de que nada levaria os facciosos líderes de grupos do Sabá a aceitarem a sua liderança. Havia aplicado uma boa parte de seus esforços na preparação desse acontecimento apenas para se assegurar de que não pertenceria ao grupo dos que seriam destroçados nas discussões iniciais.

Como arcebispo Sabá de Nova Iorque, Francisco Domingo de Polônia era, sem dúvida nenhuma, um dos principais líderes Cainitas da América do Norte. Afinal, Nova Iorque tinha sido uma das primeiras bases Sabá no Novo Mundo e se tornara a jóia da coroa, apesar da incômoda presença da Camarilla na cidade. Polônia suspeitava que o fato de ainda pensar na América como "o Novo Mundo" revelava demais a sua idade. Mas fora exatamente esse cuidado que fizera Nova Iorque deixar de ser de mero pesadelo pré-industrial para se tornar o parque de diversões completo da Gehenna que é hoje.

Era por essa razão que, mesmo aqui em Atlanta, longe da sua esfera de influência, a responsabilidade por acolher esse pequeno encontro deveria recair sobre Polônia.

Na geografia dos mortos-vivos, apenas Miami ousava se colocar como rival da primazia de Nova Iorque. Entre essas duas cidades, estendia-se uma faixa contínua

de território inimigo cobrindo quase toda a Costa Leste. Polônia sabia que o seu poder e influência eram inúteis aqui em Atlanta. A cidade fora uma fortaleza da Camarilla desde a sua fundação. Havia pouco em que confiar. Claro que ele podia estar seguro da lealdade das forças escolhidas a dedo e trazidas para o conselho — supondo, obviamente, que nenhuma oportunidade mais interessante iria aparecer. Ele iria tomar cuidado para que isso não acontecesse, e essa era uma área em que tinha uma certa experiência.

No entanto, a reunião de generais do Sabá causava uma incerteza ainda maior. Encontrados em bandos saqueadores que devastavam de ponta a ponta toda a zona rural americana, esses grupos de mercenários autônomos não eram leais a ninguém e só respeitavam alguns escolhidos — aqueles que tinham conquistado esse respeito em lutas com fogo e espada.

Em menos de uma hora, Polônia percebeu, aquela sala de conferências estaria apinhada com uma multidão clamorosa formada pelos mais implacáveis tiranos, predadores, fanáticos, mafiosos, *serial killers*, salteadores, líderes de bandos e anarquistas que ficaram juntos em um único lugar desde... bem, provavelmente desde o começo da Primeira Cruzada.

Os pensamentos de Polônia regressaram com relutância ao tempo presente. Esta reunião moderna seria o orgulho do Sabá — *a elite da elite* — dos líderes de grupos, dos prelados e dos generais. Todos os que conseguissem comandar um conjunto de seguidores que tivesse pelo menos uma dezena de Cainitas estariam disponíveis para realizar um ataque contra a odiada Camarilla.

Polônia tinha completado mais um circuito em torno da mesa, regressando ao seu lugar e ao corpo que balançava lentamente atrás dele, como uma tapeçaria. O objetivo era que isso fosse um sinal visível da proximidade da Camarilla — um jovem Toreador, empertigado, feminil e imaculado. Polônia não parecia nem um pouco incomodado pelo nó grosseiro na corda ou pelo ângulo improvável formado pelo pescoço. Como tudo na sala, o jovem estava perfeito.

Polônia queria manter a atenção concentrada na Camarilla — na posição, fraquezas e vulnerabilidades dela. Não podia estar mais satisfeito com o resultado da caçada. As mãos da vítima estavam unidas diante dele em uma atitude de súplica. Elas seguravam uma vela negra de aspecto viscoso. Polônia acendeu o pavio e sombras se espalharam por todas as direções.

À luz da vela, ele examinou melhor os traços da vítima. Inestimáveis. Até mesmo os caninos do Toreador eram vestigiais e nada ameaçadores — um fato que, sem dúvida, explicava o curioso artefato que havia encontrado mais cedo.

Polônia pegou mais uma vez o lenço de seda dobrado com delicadeza e ligeiramente perfumado. Ao abri-lo, revelou um pingente de prata bem trabalhada — um dedal comprido e com um belo acabamento em cuja ponta se salientava uma magnífica lanceta. De repente, Polônia deu um golpe sob o queixo da vítima, retirando a lanceta antes que a primeira gotícula de sangue pudesse cair. Ele embrulhou novamente e com cuidado a delicada lâmina de prata ao som dos primeiros pingos que assobiavam e crepitavam abaixo.

Agora, estava irrevogavelmente comprometido com o ritual à sua frente.

Foi com grande relutância que deu as costas à sala de conferências. Seus dedos ansiaram pelo conforto tátil da grande mesa, por uma última volta pela sala, por colocar cuidadosamente em ordem as incertezas da noite que se aproximava.

Chega. Não havia mais nada que pudesse fazer. Com resignação, Polônia empurrou suavemente o cadáver, fazendo-o balançar com um lento movimento em arco. Sangue e cera salpicaram as lajes do chão, formando uma intricada espiral.

Ele perguntou a si próprio que sinais e presságios poderiam ser lidos naquele desenho curioso de pequenas gotas caídas. Em um borrifo suave do rastro de sangue, ele via um influente general morto, trespassado pela sua própria espada. Em um coágulo de cera que se destacava, visualizou um brasão fixo a um contrato que juntava os líderes de bandos rivais e dava a toda a Camarilla razão para tremer.

A resposta estava em algum lugar, escondida na charada de gotículas caídas. Mas quais imagens seriam de coisas que estavam para acontecer e quais seriam meros fantasmas invocados por um desejo ou, seu oposto, pelo medo? Polônia, atormentado apenas por mais incertezas, abandonou as suas reflexões.

Ele não conseguia resistir lançar um último e longo olhar sobre a sala. Em seguida, com uma mistura de satisfação e resignação, firmou o cadáver que balançava e deu um só passo para o lado, em direção à sombra.

Polônia atravessou a barreira em direção ao reino tenebroso conhecido apenas pelos melhores guerreiros da sombra do seu clã. A sala em frente era bastante parecida com a que tinha acabado de abandonar. Uma mesa de reuniões redonda e lisa dominava o salão. À meia-luz incerta, cada um dos buracos de cupim espalhados sobre a superfície de carvalho era perfeitamente visível e realçado com precisão.

O jogo de luzes e sombras deixava ainda mais confuso o salão de banquetes cuidadosamente ordenado, parecendo de certa forma enfatizar a cadeira de Polônia. Agora, ela apenas parecia um trono vazio adornado de forma lânguida com o tecido de um caixão. Essa cadeira funerária presidia em uma grande mesa de banquete com prataria oxidada, taças transbordando de pó e tecidos tênues e delicados. Polônia inspecionou a mesa com uma ponta de satisfação. Uma maçã de um vermelho vibrante em cima de uma taça de frutas decorativa imediatamente prendeu seu olhar. Além da chama da vela, essa era a única fonte de cor na sala. Todo o resto estava decorado com tons sutis e variados de cinza.

— Aquela eu perdi. — Polônia disse alto e pensativo.

— Envenenada, talvez. — respondeu uma voz — Muito romântico, mas nem um pouco eficaz. Obviamente, seus convidados não precisarão fingir que estão comendo em uma ocasião tão importante.

Não importa quantas vezes acontecesse, Polônia sempre ficava um pouco surpreso com o aparecimento instantâneo dos enviados. Em um instante não estavam ali, no seguinte estavam — falando, agarrando, tocando.

Ele virou-se rapidamente, mas não conseguiu evitar que o outro agarrasse seu cotovelo para conduzi-lo à cadeira. A sensação não era muito diferente de ter uma serra atravessando os próprios ossos. Polônia se esquivou da forma mais educada possível e tomou seu lugar à mesa.

— Não. É mais provável que a maçã contenha uma arma ou talvez um dispositivo de incêndio.

— Aaah... — respondeu o enviado com um interesse crescente.

Uma brisa ondeava no ar e uma sombra pareceu irromper-se e ir em direção à maçã. De repente, um clarão iluminou a sala. Pedaços de sombra lançaram-se em todas as direções e depois caíram sobre o chão com uma chuva suave de confetes

chamuscados. A explosão de luz e o seu resultado foram acompanhados por um silêncio absoluto e inquietante.

Polônia recostou-se na cadeira. Não havia mais tumultos, indícios de cor, de vibração. Ele se resignou a esperar.

— Uma excelente bomba incendiária. Sim, bastante satisfatória. Borges?

Polônia esperava que a voz viesse de um dos cantos da sala, para onde as sombras tinham fugido. Ficou desapontado quando a forma se materializou bem à sua frente, em cima da mesa. Ela fez uma reverência sutil.

— Sem sombra de dúvida. É a marca dele. — respondeu Polônia, tentando parecer tranqüilo — Parece que em Miami esses aparelhos modernos estão em voga — armas de fogo, granadas, lança-chamas...

A forma diante dele agitou-se com a simples menção do lança-chamas.

— Então Borges também vem?

— Sim, claro. Irá vê-lo com seus próprios olhos. Ele sentará à minha frente, do lado oposto da mesa. Ali.

Polônia apontou para a outra ponta da mesa, onde havia um banco de madeira rústica e meio encostado à perna da mesa. Havia um pedaço de pão seco e uma xícara de metal sobre a mesa em frente ao banco.

Polônia sorriu diante de mais este artifício do reino das sombras. Estava bem familiarizado com as alterações sutis que esses elementos produziam em quem os via, imagens cuidadosamente criadas para deleitar, tentar e enganar.

Começou a pensar mais uma vez nos estranhos agouros em sangue e cera na entrada deste reino crepuscular — reflexos de desejos e medos se manifestaram. Emanações visíveis de coisas escondidas ou, mais precisamente, disfarçadas.

— Tinha a impressão de que Borges jurara nunca mais voltar a pôr os pés em Atlanta.

Polônia sorriu.

— Ele armou uma grande cena, claro, dizendo que não vinha. Acho que o meu colega arcebispo encarou isso como uma espécie de ofensa, já que a honra de dirigir a reunião não lhe foi concedida.

— É possível que ele tenha mais alguma coisa a dizer sobre esse assunto antes de o encontro terminar.

— Sim, também sou dessa opinião. — respondeu Polônia — Afinal, Atlanta fica praticamente no quintal dele.

— E a alguma distância do seu território, Polônia. Acho que o entendo. Sem dúvida, ele já estendeu sua ambição, senão a própria mão, sobre a cidade.

Polônia riu alto.

— Sim, os agentes dele estiveram entre os primeiríssimos a serem enviados para fazer o reconhecimento da cidade e, mais tarde, para destruir as operações e as posições da Camarilla. Mas nunca houve uma possibilidade real de Borges não estar presente neste conselho de guerra. O Cerco a Atlanta será algo comentado por várias gerações. É um acontecimento importante demais para ser perdido.

— Se não se matarem primeiro. — disse a sombra.

— Se não se matarem primeiro.

Um silêncio incômodo baixou sobre a escura sala do trono. Foi o enviado que o quebrou.

— E a regente? Não mandará um representante ao conselho?

— A regente? — Polônia baixou a voz — A nossa Distintíssima Excelência contenta-se em permanecer inevitavelmente ocupada com a Cidade do México. Não, ela frisou bem que não vai de forma alguma envolver-se em "briguinhas regionais."

— Ah, mas ela não pode continuar alheia se houver alguém que consiga unir os bandos de guerra inimigos e expulsar a Camarilla de Atlanta... um indivíduo assim com certeza estaria no caminho certo para conquistar um trono de cardeal.

Polônia conseguia sentir o assento mexer-se debaixo dele, expandindo-se, elevando-o. Ele fez um gesto de desprezo com a mão e o movimento cessou.

— A vigário de Caim exercita apenas a sua estranha capacidade de perceber quando está para acontecer uma briga entre os seus arcebispos.

Ela é suficientemente perspicaz para se manter bem ausente nesses momentos. A regente não virá, nem um legado que defenda a causa dela e nem sequer um núncio que proclame a sua vontade.

Polônia interrompeu-se. Sempre era um assunto um tanto quanto delicado. O que se podia dizer ou não para os enviados. Seria tolice acreditar que a regente não possuía uma maestria das sombras tão desenvolvida quanto a do próprio Polônia. Era bem possível que ela fosse tão boa em obter testemunhos prejudiciais dos enviados sombrios quanto o era em relação aos Cainitas que estavam sob o seu poder.

O enviado interrompeu esses pensamentos.

— Você teme que eles não esqueçam as diferenças, que não o aceitem como líder.

— Temo — disse Polônia — que façamos cair sobre nós a mais sangrenta e mortífera guerra que já atingiu o Sabá.

— Ah, mas você se esforçou tanto para garantir que isso não acontecesse. — acalmou-o o enviado — Olhe em volta. Está tudo em ordem. Tudo está no lugar certo.

O enviado lançou um olhar de surpresa sobre a disposição precisa das coisas. Fez uma pausa e a sua mão de sombra eclipsou o marcador de lugar à esquerda de Polônia.

— Vykos? Não acredito que estejamos familiarizados com...

— Não, vocês não estão. Uma Tzimisce. Do Velho País. Ela é a emissária especial do cardeal Monçada, de Madri.

O tom de voz de Polônia revelou o ressentimento que mantinha em relação ao que muitos veriam como uma intromissão estrangeira em assuntos puramente internos.

— Ah, Monçada. Esse é um nome conhecido. Mas que interesse o grande cardeal pode ter neste evento? Já faz muito tempo que ele não dá atenção para estas costas longínquas.

— Monçada é um estrategista perigoso e traiçoeiro. — disse Polônia pensativo. Brincava distraído com um cálice enferrujado.

— Faz menos de um ano que o mais novo membro da Universidade dos Cardeais manteve seu cargo acabando com a voraz Maldição Sangüínia. A peste dizimou bandos inteiros do Sabá em ambos os lados do Atlântico.

— Em Nova Iorque, nada menos do que um em cada três membros dos bandos foi atingido — uma perda da qual não nos recuperaremos tão cedo. Há rumores de

que Madri foi ainda mais devastada pela epidemia, e alguns relatórios chegaram a apontar valores de incidência tão altos quanto três em cada quatro.

— Morrer de peste. — comentou o enviado, pesaroso — Que fim inútil, que desperdício.

Sentiu-se um súbito frio úmido no ar, que podia ter sido um suspiro.

— Com essas dificuldades desesperadoras, poderia se dizer que não foi uma coincidência Monçada ter feito a ruptura crucial. Se não tivesse conseguido isso, ele e toda a sua linhagem estariam agora mortos e seriam esquecidos.

— No entanto, há quem tenha chegado a dizer — a voz de Polônia transformou-se em um sussurro conspiratório — que a descoberta de Monçada não foi um mero produto da Providência. Já ouvi dizer que foram os próprios agentes do cardeal os criadores da praga, embora eu não consiga imaginar o que poderiam lucrar com isso. Não que eu seja do tipo que espalha boatos, sabe.

Polônia fez uma pausa significativa antes de continuar.

— De qualquer forma, ninguém contestaria o fato de que as ambições de Monçada eram muito exageradas — e ele não é contra o uso de medidas extremas para atingir os seus objetivos. Não seria incoerente achar que ele está se posicionando para lutar pela própria regência.

— E que preço seria muito alto para uma recompensa tão sublime? — disse o enviado com grande agitação, levado por essa linha de pensamento — As vidas de alguns seguidores escolhidos a dedo? Com certeza, ele não iria hesitar diante de um custo tão pequeno.

— Não são as vidas dos seguidores dele que me preocupam. — Polônia replicou friamente, cutucando o mais próximo dos pregos de caixão que fixavam o braço do trono.

— O simples fato de ter forças presentes na vitória de Atlanta não faz Monçada avançar nem um pouco em direção à regência.

— Sim, mas... ah, entendo. Você teme que talvez não sejam apenas os seguidores quem ele pretenda sacrificar. Afinal, o que são as vidas de umas dezenas de presunçosos do Sabá do Novo Mundo para o grande cardeal?

— O que me preocupa mais — respondeu Polônia — é que Monçada estará disposto a sacrificar a todos — seus seguidores, seus aliados, a própria vitória em Atlanta — por causa de algum benefício maior. O cardeal pesa com muito cuidado os ganhos e perdas, mas eu não consigo ver suas balanças sombrias e desconfio muito delas.

Ele prosseguiu:

— Quanto vale uma vitória em Atlanta comparada com a possibilidade de desestabilizar o Sabá norte-americano? De enfraquecer a base de poder da regente do Novo Mundo? De privá-la de seus aliados mais próximos? É bem provável que o emissário de Monçada não venha para nos apoiar, mas para trair o nosso esforço de guerra.

Se Polônia esperava provocar alguma reação em seu companheiro sombrio, ficou desapontado. O enviado limitou-se a menear a cabeça, aceitando essas novas informações sem comentários ou censuras. Depois de uma pausa, a sombra fez uma pergunta de um modo meio distraído:

— Mas por que ele enviaria um Tzimisce como seu representante?

Polônia também havia ficado perturbado com essa escolha do embaixador. Monçada era um Lasombra, um Taumaturgo das Sombras como o próprio Polônia, a regente e a maioria dos outros líderes importantes do Sabá. Seria natural que Monçada enviasse ao encontro um de seus subordinados, um companheiro Lasombra.

Um Tzimisce era uma história completamente diferente. Embora sempre se mostrassem leais ao Sabá e formidáveis aliados de seus irmãos Lasombra, os Tzimisce eram notoriamente maus políticos, negociadores e conselheiros. Poucos ousariam enfrentar um Tzimisce em um conflito direto — porque eram inimigos temíveis, com uma inclinação para inspirar respeito e terror. Mas mandar um Tzimisce como representante em um conselho era um bom motivo para causar briga.

— Talvez ele queira fortalecer a sua posição e apoio no Sabá do Novo Mundo. — disse Polônia.

— Depois de lutar lado a lado contra a Camarilla, Monçada pode muito bem exibir o Cerco de Atlanta como exemplo da forma como as suas forças ficaram ao meu lado e ao de Borges — mergulhadas até o peito no sangue inimigo, ou outra balela romântica qualquer — enquanto a regente, cujas forças estavam bem próximas, nem se dignou a levantar um dedo para vir nos ajudar.

— Ah, e se algum novo cardeal aparecesse como resultado da batalha, — concordou o enviado com voz adocicada — ele naturalmente seria favorável a seu novo irmão de armas.

— Um pensamento certamente mais agradável do que a possibilidade de ele estar mandando um Tzimisce por não haver ninguém mais capaz de destruir uma paz frágil do que um monstro voraz, irascível e mutante.

— Não consigo deixar de sentir que o envolvimento de Monçada é um mau agouro para os nossos melhores planos.

Polônia encarou o enviado com um olhar que não dava margem a discussões.

— Estou contando com você para neutralizar essa ameaça.

— Como posso ajudá-lo?

Polônia desdobrou um pequeno pedaço de tecido velho e gasto. Até pouco tempo atrás, era um lenço de seda delicado e perfumado. Agora, parecia apenas com um capuz esfarrapado que um leproso poderia usar para esconder a sua deformidade.

De dentro das dobras da estopa, saía um clarão intenso de luz prateada. O enviado encolheu-se para trás instintivamente.

Polônia esticou a mão, desviando um pouco o rosto da estrela recém-nascida na palma de sua mão. Com relutância, o enviado agarrou o pacote apresentado e voltou a embrulhá-la rapidamente.

— Você vai ficar posicionado aqui.

Polônia levantou-se e moveu-se para a esquerda. Suas mãos pousaram nas costas da cadeira em frente ao lugar marcado com o nome de *Vykos*. A estrutura da cadeira parecia ser inteiramente feita de ossos brancos, brilhantes e partidos com precisão nas extremidades. Polônia passou as mãos distraidamente pelas beiradas pontudas. As articulações da mão ficaram brancas com a intensidade de sua concentração.

— A prata irá direto ao alvo — mesmo através da barreira que separa as duas salas.

Ele abaixou uma de suas mãos, fez um arco lento e deu um tapinha no espaço vazio onde estaria a garganta da convidada.

— Não hesite em atacar assim que eu lhe fizer o sinal. O toque da prata não lhe fará nenhum mal permanente. Nada, na verdade, se comparado com a minha fúria caso você falhe.

— Não falharemos. — respondeu o enviado, ainda mantendo o pacote mortal bem longe.

— Você nunca fez isso antes. Por favor, mande os meus cumprimentos ao seu senhor e mestre e diga-lhe que Polônia tem a honra de continuar como seu bom e fiel servo.

Com essas palavras, Polônia virou-se e tocou no Toreador, que ainda balançava suavemente atrás do trono. Com mais um passo para o lado, ele voltou para a barreira e retornou ao seu mundo. Um mundo de sombras, de luar e com aspectos funerários.

Sábado, 19 de junho de 1999, 23h35min
Sala Chandler, Hotel Omni, Centro CNN
Atlanta, Geórgia

— E mais uma coisa. Não me interessa como as coisas são feitas em Nova Iorque. Não estamos em Nova Iorque. Não queremos estar em Nova Iorque. E já estou ficando um pouco cansado de ouvir falar em Nova Iorque. Se eu quisesse que as coisas aqui fossem como em Nova Iorque, você seria o primeiro a saber.

Caldwell enfatizava cada ponto colocando o dedo bem na cara do homem à sua frente. Ele se inclinava de longe sobre a mesa de reuniões, como se ela fosse a única coisa que o impedia de atacar fisicamente seu companheiro. Vendo que seu antagonista estava perdendo a compostura, Caldwell continuou ainda mais agressivo.

— Eu o chamaria pessoalmente. E diria "Costello! Andei pensando. O que nós precisamos de verdade aqui é de um pouco mais de Nova Iorque, sabe. Você se incomodaria em vir para Atlanta e endireitar todos nós, um bando de caipiras retrógrados? Não? Excelente! Você é um cara legal".

— Por enquanto, porque você não pega essa sua carcaça decadente, podre e fedida, leva ela de volta para LaGuardia, joga do lado do seu telefone — no próprio centro do universo conhecido — e fica esperando eu ligar? Tá certo?

Costello fumegava. Uma escuridão líquida escorria de seus punhos, que agarravam com força os braços da cadeira. Sobre seus ombros, sua sombra desdobrava-se silenciosamente como uma ave de rapina e pairava ameaçadora sobre a cadeira.

— Seu animal bastardo e ingrato! — ele começou, levantando-se da cadeira.

— Senhores!

A voz de Borges cortou a tensão crescente.

— Não estamos aqui para dar asas às nossas diferenças, mas para as deixarmos de lado. Temos um trabalho importante a fazer. Um trabalho glorioso!

Na primeira palavra, todos os olhares se viraram para Borges. Ele captou a atenção não com o seu olhar, mas com o seu sorriso imaculado e assassino. Era o rosto de um velho e amável mastim. A parte superior desse rosto estava escondida em uma sombra eterna. A luz não conseguia ultrapassar essa barreira em nenhuma direção. Embaixo, porém, as linhas do rosto e do queixo ainda eram visíveis e mostravam claramente o desgaste dos anos. Devagar e com um esforço óbvio, o arcebispo de Miami levantou-se, gesticulando para todos se sentarem. Ele passou uma mão na beirada da mesa, sentindo seu caminho ao redor da circunferência.

— Haverá muitas oportunidades para demonstrarem o seu valor diante de nossos inimigos em comum.

Contrariados, tanto Caldwell quanto Costello voltaram às suas cadeiras.

— Sim, assim está melhor. Sentem-se. Bebam. Ânimo! — disse Borges, acalmando-os.

— Estamos aqui reunidos e prestes a obter uma vitória gloriosa. Antes de nos separarmos, vamos desferir um golpe terrível — um golpe do qual nem a Camarilla e nem os mestres Antediluvianos se recuperarão tão cedo.

— No entanto, — e Borges levantou um dedo de advertência — ainda não conseguimos essa vitória. Não há grandes dúvidas sobre o que espera vocês além dessa porta.

Fez um gesto em direção à única saída da sala, mas todos os olhos se dirigiram para o cadáver do jovem Toreador enforcado que balançava suavemente ao lado dela.

— Estamos no território da Camarilla, senhores. Não tenham dúvidas quanto ao destino que os espera se forem apanhados no lado errado daquela porta.

— O jogo, senhores, chama-se Cerco do Sangue. O prêmio: nada menos do que a liderança incontestada da cidade de Atlanta.

Um clamor de entusiasmo partiu de um carniçal guerreiro Tzimisce sentado bem mais distante na mesa. Talvez "sentado" não fosse a palavra adequada. O carniçal *agigantava-se*. A forma enorme tinha dois metros e setenta até os ombros e dava a impressão de estar inclinado sob o próprio peso. Ele se arrastava inquieto de um lado para o outro, criando um ruído parecido com o de uma pedra de amolar afiando uma tesoura. As taças de cristal sobre a enorme mesa de reunião tremiam e tilintavam suavemente em resposta a cada um dos movimentos da besta.

Um homem muito magro, que parecia apenas uma criança ao lado da máquina de guerra brutal, levantou-se e falou com o Tzimisce com um tom de repressão. As reverberações estrondosas reduziram-se ao silêncio.

Outros em torno da mesa fizeram questão de não notar essa intervenção oportuna. Na verdade, os outros líderes e conselheiros do Sabá mantinham uma distância saudável da dupla. A verdade é que a aversão que tinham pela enorme aberração nem se aproximava do temor que sentiam com a presença do seu afetado companheiro de óculos, o homem a quem chamavam o Alfaiatezinho de Praga.

Dois lugares permaneciam vagos de cada lado da dupla formada pelo Tzimisce e seu carniçal guerreiro. Ninguém fez a mínima tentativa de disfarçar uma aversão que se enraizava como mais do que mera xenofobia. Apenas Caldwell foi suficientemente descuidado para comentar o fato.

— Aquilo ali — caramba, nem sei do que chamá-lo — aquela *coisa* tem que estar aqui? Nem consigo pensar com isso sentado na minha frente.

Ele empurrou a cadeira para trás e fez menção de levantar.

O homem sentado à sua esquerda pôs uma mão repressora no braço de Caldwell.

— Fique parado, *Capitán*.

— A voz era grave e possuía apenas um pequeno tom de ameaça.

— Que droga H...

Caldwell virou a cara, com uma expressão de nojo. O homem não aliviou a pressão sobre o braço de Caldwell enquanto não sentiu a resistência acabando. No entanto, Caldwell não voltou a empurrar a cadeira para se juntar à conversa. Em vez disso, levantou primeiro um pé e depois o outro ruidosamente e cruzou-os sobre a mesa.

Averros preferiu ignorar esse pequeno espetáculo de rebeldia. Ele aumentou a voz de modo que fosse ouvida por toda a sala.

— Mas o meu companheiro levantou uma boa questão. Nós respondemos a "intimações" urgentes para participar do conselho. Não porque reconhecemos que esta assembléia tem qualquer autoridade para "intimar" alguém — porque não tem; é melhor que isso fique claro desde o início. E nem porque o nosso estimado (embora visivelmente ausente) Polônia — e o resto de seus sócios nova-iorquinos — tenha qualquer jurisdição aqui, porque não tem. E muito menos porque qualquer um de vocês tenha algum direito sobre nós, ou mesmo alguma razão para esperar o nosso apoio — porque não têm.

— A Coligação Nômade está aqui, senhores, porque andam dizendo que Atlanta está pedindo um ataque e vocês, homens, não têm nem a experiência, nem o poder de fogo e nem a coragem para fazer esse ataque sem nós.

Um clamor e um tumulto instalaram-se entre os chefes guerreiros Nômades e até Caldwell se levantou. Um homem à esquerda de Averros brandiu um punho em que dançavam nada menos do que três maléficas e mordazes navalhas com lâminas tão longas quanto o seu próprio antebraço.

O venerável Borges levantou uma mão pedindo silêncio e a multidão aos poucos começou a se acalmar o suficiente para que se pudesse ouvir de novo vozes individuais. Até mesmo alguns Nômades pareciam inclinados a voltar à mesa, pegando quaisquer cadeiras que ainda estavam inteiras depois da explosão de exuberância.

O clamor foi interrompido por uma voz diferente:

— Honorável Borges...

O som da voz de uma mulher teve um efeito de apreciação sobre o grupo cada vez mais alvoroçado. As atenções voltaram-se para ela.

— Honorável Borges, é um prazer para nós estarmos aqui como convidados deste conselho. Saibam que Montreal apóia firmemente as decisões e ações desta assembléia. Gostaríamos ainda de apresentar as nossas desculpas pela ausência do arcebispo, mas temos certeza de que compreendem as pesadas exigências de seu cargo.

Encorajada por um gracioso gesto de aceitação do arcebispo de Miami, a representante de Montreal continuou falando:

— Estamos aqui em resposta ao pedido dos senhores, para oferecer o melhor conselho que estiver ao nosso alcance. Estamos aqui de boa fé e respeitando os termos estabelecidos pelo arcebispo Polônia em seu convite. Estamos aqui com a clara compreensão de que não seriam permitidas armas de qualquer espécie nas câmaras do Conselho.

Um Tzimisce a alguma distância na mesa executou uma transformação particularmente vívida, e talvez mal-educada, em seu dedo do meio — um gesto destinado, sem dúvida, a expressar a sua opinião sobre a prática de tal proibição diante da presente companhia. A representante de Montreal fez de conta que não tinha visto o gesto.

— Sim, o som do aço sendo desembainhado. Eu ouvi isso, com certeza. — Borges refletiu em voz alta — Se alguém aqui tiver armas, — o seu sorriso de gato era a única coisa visível debaixo do capuz de sombra pura — que as deixe de lado agora.

Ninguém se moveu.

— Hardin... — incitou Averros.

— Nem pensar. Nem pensar, porra! Não vou dar minhas lâminas para algum...

— Vamos.

— Não. Chega. Vou embora. Por mim, todos vocês podem ir tomar em seus frios e branquelos...

Averros levantou-se.

Hardin praguejou em voz baixa.

— Então é assim?

Hardin tentou forçar a passagem, mas Averros colocou a mão em seu peito.

As mãos de Hardin estavam afastadas, mas um inconfundível anel de metal mostrou a Averros que já não estavam livres. Hardin falou de maneira bem lenta e calma.

— Por que você não faz um favor para todo mundo aqui e some da minha frente, droga?

— Não vai dar, amigão. Muitos companheiros enfrentaram a Morte Final para você estar aqui tagarelando e se fazendo de idiota. O contrato foi escrito com sangue. Ninguém abandona a Coligação. Um só sangue, um só corpo. Agora, coloque as facas em cima da mesa.

— Você fala demais dessa Coligação.

As facas começaram a abrir e fechar em uma agitação nervosa.

— Mas quando começa o show... bom, aí é que vemos a verdade, né? É sempre aquela baboseira de fraternidade e união enquanto as coisas acontecerem do seu jeito. Mas o que acontece quando a pressão aumenta? O que acontece quando é cada um por si?

De todos os lados, os outros líderes da Coligação levantaram-se cuidadosamente e começaram a formar um cordão em torno dos dois antagonistas. Averros nem sequer olhou em volta para ver em que lado se formava o apoio. Ele apenas sorriu e estendeu a mão.

— As armas.

Hardin parecia nervoso e perturbado. Olhou em volta, à procura de encorajamento, e deve ter encontrado pelo menos algumas caras amigáveis na multidão. Virou-se para Averros com uma determinação renovada.

— Esta é a hora, grandão. O que você vai fazer? Estes filhos da mãe aqui... — ele apontou para a mesa de reuniões, onde o resto da assembléia continuava olhando, alternando aversão, curiosidade neutra e uma sede mal disfarçada de sangue.

— Você acha que estes caras vão ficar do seu lado quando virem como paga aqueles que o ajudaram a colocá-lo onde está agora? Esquece. Estes caras são jogo duro. Caramba, eles *são* o Sabá, o verdadeiro Sabá. Os caras que fazem as coisas acontecerem. Você não está mais lidando com um bando de vadios e membros de clãs; fugitivos e sobreviventes; excêntricos e cultistas. Você acha que eles estão aqui sentados esperando alguém dizer-lhes o que devem fazer e a quem?

— Olha aquele cara. — Hardin apontou irritado na direção do Alfaiatezinho — Você pensa que ele dá a mínima para a sua Coligação? É um filho da puta. E aposto que ele sempre fez as mesmas merdas esquisitas desde... bom, desde antes de Mary Shelley ter um vislumbre do Dr. Frankenstein. E vai *continuar* a fazê-las muito depois de eu e você comprarmos uma fazenda de vermes — quero dizer, *realmente* comprar. Para sempre, desta vez.

— Para sempre. — concordou Averros, agourento.

Hardin deu uma volta com cuidado, posicionando-se de forma que a parede ficasse atrás dele e Averros tivesse que dar as costas para toda a assembléia traiçoeira a fim de encarar Hardin. As facas giravam livres agora, fazendo uma série complexa de padrões, muito rápidas para os olhos.

— Não seja idiota.

O sussurro ameaçador de Hardin cortou a barreira de lâminas rodopiantes que os separava.

— Você está desarmado. Eu o corto de cima abaixo antes mesmo que consiga pôr a mão em mim.

— Olha, eu não quero te matar, e aposto que você não quer morrer. — disse Averros em um tom adequado para falar com uma criança imbecil — Embora eu não queira ter de provar isso apenas com base no que se passou nos últimos minutos. Se quiser fazer isso, vá em frente. Senão, dê-me as armas e sente-se, pois tenho que

invadir uma cidade, caçar uns filhos da puta da Camarilla e fazê-los implorar por suas não-vidas miseráveis, e você está atrasando o espetáculo.

— Então, como vai ser, Estripador? Se me atacar, não vai mais sair daqui. Você sabe disso. Olhe para estes filhos da mãe. Vamos, olhe para eles. Estes caras vão comer sua pobre carcaça no almoço — aliás, já teriam comido se eu não estivesse aqui entre você e eles. Acha que eles estão brincando? Isto é para sempre, Estripador. Este é o espectáculo. Então, vamos fazer como você quer. Um só sangue...

O braço direito de Hardin disparou, e a faca descreveu um arco de aço sibilante, a curta distância.

Averros não fez nenhum esforço para se esquivar da lâmina arremessada em sua direção. Continuou encarando com firmeza os olhos de Hardin.

Enquanto girava, a faca fez um corte profundo e ricocheteou para trás e para baixo. Ela cravou-se na mesa verticalmente, emitindo um baque surdo, e tremendo.

— Um só corpo.

Hardin reuniu as lâminas restantes e virou-se de costas para Averros, desafiando-o. Ele deu três passos até a mesa. A cada passo, sentia que os músculos entre as omoplatas estavam tensos com a antecipação do golpe de retaliação. Um... dois... três.

Nada.

Ele respirou de modo contínuo e lento e então jogou as lâminas de maneira ruidosa e com desdém sobre a grande mesa circular. Elas se chocaram e pararam perto do centro, além do alcance de todos os membros do conselho sentados à sua volta. Sem olhar para os lados, Hardin retornou ao seu lugar.

— Perdão, venerável Borges. Acredito que era a graciosa senhora do Canadá quem estava com a palavra.

Averros ficou parado, como se estivesse mergulhado em pensamentos. Seus olhos não se deslocaram do lugar que Hardin tinha recentemente ocupado. Não conseguia evitar sentir-se feliz com o intervalo causado pelos dramas do outro.

Deixou seus olhos fechados por um momento enquanto se concentrava. Com uma parte de sua mente, convocou o poder do sangue para estancar a ferida recente em seu lado esquerdo, logo abaixo do braço. Com a outra, alcançou um fio solto de sombra e prendeu-o para disfarçar o corte no casaco de couro onde a lâmina o tinha golpeado com precisão — sem sequer diminuir a velocidade — e depois lançou um olhar intenso em direção à mesa.

Agarrando outro resto fugidio de sombra, Averros virou-se para a assembléia. Ele exibiu um sorriso afável, destinado aos que ainda o olhavam com expectativa e agarrou uma cadeira alta com ambas as mãos. Inclinou-se sobre ela, testando seu peso e firmeza. Ela conseguiria suportá-lo.

Seu lado esquerdo ainda ardia muito, mas não podia dar muita atenção a isso por enquanto. Enquanto os olhos em volta da mesa dirigiam-se de novo para a representante de Montreal, Averros aproveitou a oportunidade para fazer os fios de sombra serpentearem em direção à faca que ainda estremecia sobre a mesa. O pedaço de escuridão enrolou-se com força em torno da lâmina, escondendo quaisquer vestígios de sangue que ainda estivessem grudados nela. Apenas neste instante Averros se permitiu relaxar por um momento.

Hardin iria pagar por isso mais tarde, é claro. E mais de uma vez, filho da puta presunçoso. Averros vira o brilho da vitória nos olhos de Hardin antes que ele lhe

desse as costas. Faria questão de lembrar desse olhar para poder refazer essa mesma expressão na cara de Hardin depois de o corpo ser destruído.

Não, não havia dúvidas. Hardin tinha sido o primeiro a derramar sangue e *sabia* disso. Ninguém iria querer saber dele antes que fosse colocado em seu lugar.

Mas, para seu próprio bem, Hardin mantivera seu pequeno espetáculo de desafio em segredo, revelando-o apenas para seu adversário. Para o resto do conselho, deve ter parecido que Hardin recuara — de maneira bem extravagante, mas recuara. Isso já era algo a seu favor.

Ele tinha livrado a cara de seu comandante e, portanto, da Coligação. Deus sabia a pouca autoridade que este tipo de Coligação tinha aqui — somente alguém capaz de destroçar Averros conseguiria livrar-se dos vorazes lordes dos Malditos que estavam ao redor daquela mesa. Esse era um tipo de acordo verbal entre os integrantes do Sabá — uma lei de manutenção do respeito. Entre estes vampiros, era impossível criar ou destruir estima. O único modo era arrancá-la de outro que já a possuía.

Sim, Hardin merecia algum crédito. Tinha trazido o problema à tona, mas recuara antes de colocar tudo a perder. Talvez só tenha feito isso porque foi a única coisa de que se lembrou para salvar a sua miserável pele de morto-vivo. Mas assumiu a culpa.

Caramba, Hardin sabia o que estava em jogo aqui. Uma vitória em Atlanta daria à Coligação a autoridade de que necessitava para brincar com os grandes. Mas eles só teriam uma parte suculenta da ação em Atlanta se Averros conseguisse convencer o conselho que possuía aquilo de que tanto precisavam — uma horda de assassinos sanguinários e experientes, determinados (até onde era possível um grupo assim demonstrar qualquer grau de determinação) a atacar a Camarilla desprevenida.

Averros era um líder justo, ainda que fosse incapaz de perdoar. Havia decidido que Hardin iria pagar caro. Mas a punição seria equivalente à transgressão cometida — iria sofrer sozinho.

— Estamos satisfeitos. — disse a representante de Montreal, fazendo gestos de desprezo em direção às lâminas no centro da mesa, como se quisesse varrê-las para longe.

— Mas nós — contrariou Averros — não estamos satisfeitos.

Dezenas de olhos atentos viraram-se para ele de novo.

— O que estava tentando dizer, senhores, aquilo que o *Capitán* Caldwell exprimiu de forma tão franca em seus comentários anteriores, é que nem todas as armas foram removidas da câmara do conselho.

Ele se virou diretamente para o Alfaiatezinho de Praga.

O significado disso foi captado pela platéia. Até o carniçal guerreiro começou a urrar de forma ameaçadora, em protesto.

O cavalheiro acusado não olhou para Averros. Em vez disso, tirou os óculos bem devagar e colocou-os contra a luz. Tirou do bolso um lenço velho, com várias manchas de sangue, e começou a polir as lentes. De vez em quando, parava e olhava de novo as lentes contra a luz. Não demorou muito para que toda a assembléia percebesse que as lentes tinham ficado cobertas por uma película vermelha uniforme. Satisfeito, o Alfaiate colocou os óculos sobre o nariz e começou a falar.

— Senhores, não é nenhuma surpresa para mim que muitos de vocês estejam um pouco apreensivos e até desconfiados da minha presença aqui hoje. Já sabia que,

— Acredito que devemos encerrar a sessão — disse o venerável Borges.

— Se alguém desejar aprofundar alguns dos assuntos levantados aqui, ficarei feliz em receber a todos, sem exceção, na minha suíte, no último andar deste hotel. Para o resto dos nossos honoráveis convidados, desejo uma boa noite e espero vê-los aqui de novo amanhã à noite, neste mesmo horário.

O grupo não saiu em silêncio da sala, mas todos se retiraram ordenadamente, deixando o velho e seu carniçal guerreiro com posse do terreno.

Domingo, 20 de junho de 1999, 02h37min
Suíte da cobertura, Hotel Omni, Centro CNN
Atlanta, Geórgia

— Estou lhe dizendo, isso não me agrada. — disse Sebastian, enfurecido. Ele se pendurou languidamente nas pesadas cortinas escuras que rodeavam a suntuosa suíte da cobertura do hotel. Nos grandes castelos da Europa, elas eram muito mais do que parte da decoração — tinham a função de afastar os piores excessos de um clima hostil. Nas regiões atingidas pelo vento do Atlântico Norte, esses extremos indesejáveis eram o frio e as correntes de ar. Aqui, a preocupação óbvia era manter afastados os raios mortíferos do impiedoso sol de Atlanta.

Borges levantou a mão, fazendo sinal para que Sebastian se acalmasse.

— Chega. Você já deu sua opinião no conselho. E, ao fazer isso, conseguiu evitar a ameaça principal — que foi, incidentalmente, a possibilidade bem real de você ser destroçado ao ficar próximo de Vallejo. Mas, como dizem, amanhã é outro dia.

— Vallejo? Mas quem teve tempo para se preocupar com Vallejo? O senhor me deixou à mercê do Carniceiro!

— Eu?

Borges acomodou-se mais para trás na cadeira suntuosa e parecida com um trono em frente à lareira.

As chamas bruxuleantes causavam em Sebastian um incômodo evidente. O motivo não era só o calor da noite já ser suficientemente opressivo e nem o medo instintivo do fogo que já está enraizado em todos os Filhos de Caim. O problema era que, mesmo quando o seu mestre se virava de frente para a luz das chamas (como estava fazendo neste instante), Sebastian continuava sem qualquer pista sobre as feições dele, a não ser aquele sorriso brilhante e assassino. Isso o fez lembrar que, embora ele e Borges tivessem o mesmo sangue, não eram iguais.

— Desculpe, Borges. Estou fora de mim. Só o pensamento de ver aquela monstruosidade! Sinto-me péssimo.

— Que besteira. Foi um risco calculado. A probabilidade exata de você ser destroçado ali mesmo, na câmara do conselho,era muito vaga, apesar de ser difícil calcular isso com todas aquelas incógnitas Tzimisce na equação.

— Isso é muito reconfortante. — respondeu Sebastian. Ele pegou o atiçador de brasas e, levantando-o à altura dos olhos, observou através dele. Testou o peso do instrumento e fez a posição de *en garde*. Borges continuava a olhar fixamente na direção do fogo.

— Você podia ter me avisado — continuou Sebastian — que "Carniceiro de Praga" era mais do que uma ofensa qualquer, um jogo com um título profissional.

Ele assumiu uma posição mais descontraída e, mantendo o atiçador entre as mãos, dobrou-o uma ou duas vezes para testá-lo.

— Cheguei a pensar por um momento que ele iria sair do sério. Quer dizer, sair do sério mesmo. O que você teria feito se tudo ficasse fora de controle?

Borges fez um gesto de desprezo com a mão.

— Isso não aconteceu. E, pelo menos por isso, temos motivo para ficar agradecidos. Sim, devo admitir que estou bastante satisfeito com os acontecimentos da noite.

— Você não respondeu à minha pergunta. — insistiu Sebastian. Depois, com um giro repentino e teatral do atiçador, firmou-o como uma bengala e começou a andar com elegância pela sala. Tentando parecer o mais casual possível, parou exatamente atrás da cadeira de Borges.

— Mas não me pareceu que o conselho conseguiu uma vitória decisiva. Por exemplo, os Nômades monopolizaram os procedimentos, abusando de seus direitos. Eu estava completamente preparado para silenciar com um berro a ralé desorganizada de facínoras com sangue fraco. Mas achei que fizeram uma apresentação bem impressionante.

Borges não interrompeu a contemplação das chamas.

— Pouquíssimos acidentes para a sessão de abertura. É um mau agouro para o futuro.

— Boa observação.

Sebastian levantou a ponta do atiçador e olhou-a com um ar crítico.

— Mas agora há pouco você estava alegando uma vitória óbvia para o seu partido.

— Bem, considere nossos ganhos.

Sem se virar, Borges foi indicando os pontos com os dedos, que exibiam unhas impecavelmente tratadas.

— Um. Com a ausência de Polônia, o fato de termos assumido o papel e o poder de presidentes do conselho não foi contestado. Não consigo supervalorizar a importância dessa posição. Os privilégios que provêm dela permitiram-nos determinar a pauta, conduzir a discussão, definir os termos do confronto com a Camarilla, levar questões prementes à mesa ou adiá-las indefinidamente. O jogo terá as nossas regras.

— Boa tacada. — disse Sebastian tentando girar de maneira diferente o ferro da lareira.

— Segundo ponto?

— Dois. Todas as partes presentes, incluindo a Coligação e os vampiros do Velho Mundo, reconheceram a nossa superioridade nesses procedimentos e a primazia da nossa reivindicação — a reivindicação de Miami — em relação aos territórios em disputa. Você reparou como ficaram zangados com o nosso anfitrião ausente enquanto se submetiam à minha autoridade? A nossa frente de batalha é sólida. O sudeste inteiro é o nosso quintal, e pronto. Não interessa se alguns desses bandos renegados de Nômades já estão operando nesta região há anos. A vantagem de jogar em casa, como se costuma dizer, é nossa.

— Bravo. Vou levar principalmente esse ponto em consideração, pois gostaria de discutir mais os nossos planos para a Atlanta conquistada. Mas não me deixe distraí-lo; ponto três?

— Três. Averros quer desesperadamente ser um dos atores principais de toda a peça. E ele está bem longe de conseguir. Podemos usar isso. Fornecer-lhe um pouco de coragem. Mostrar-lhe que pode muito bem haver outros arcebispados para modelar a costa oeste. Um grande triunvirato! Polônia no norte, Borges no sul e Averros — como líder da sua gloriosa Coligação Nômade — na zona central. Uma frente de batalha formidável com a qual o Sabá conseguiria esmagar os territórios frágeis da Camarilla. Mas talvez esteja me precipitando.

— Nada disso. O senhor é um visionário. E os visionários devem discorrer com toda a liberdade. Há um ponto quatro?

— Quatro. Nenhum de nós está morto, por enquanto.

Sebastian baixou o atiçador e o deixou no topo da cadeira. Apoiou os cotovelos sobre ela e começou a falar diretamente por cima da cabeça de seu mestre.

— Há aqueles que poderão usar de subterfúgios, mas eu concordo com o ponto quatro. Muito bem, então. Esta noite, vamos celebrar. Mas me diga algo antes. O que devemos fazer amanhã para enfatizarmos a vantagem que ganhamos com tanto esforço? Aquele monstro Tzimisce não estará lá de novo, né? Confesso que ele me irrita bastante. Se me permite a indelicadeza, ele não tem uns carniçais guerreiros para costurar uns aos outros?

— Nós ainda vamos ver isso, minha criança. Mas pegue aquele banco e sente-se perto de mim um pouco para que possamos delinear os nossos planos para o conselho de amanhã. Você andando de um lado para o outro vai acabar me distraindo.

— Era exatamente isso o que eu estava pensando. — disse Sebastian.

Ele se dirigiu à frente da cadeira e jogou o atiçador de volta ao seu lugar, fazendo um ruído. Obedeceu a seu mestre e colocou o banco perto da lareira.

— Agora, deixe-me ver. A primeira ordem de batalha é, suponhamos, determinar um plano para forçar o cerco a suas etapas finais. Para acelerar a morte agonizante da Camarilla. Agora, deixe-me ver. Se não me falha a memória, quando o Cerco de Miami chegou ao seu glorioso clímax...

— Devagar, meu filho. Você é tão impaciente! O primeiro passo é terminar de cavar o fosso entre os Cainitas do Novo Mundo — o nosso lado, claro, já concorda com esse ponto, mas os seguidores de Polônia e a Coligação têm que ver a luz também — para cavar o fosso entre nós e os intrusos de Madri sob o comando de Monçada.

— Sim, estou vendo. Quer dizer, estou ouvindo, mas é a mesma coisa. Claro que você tem toda a razão. Vamos ver. Isso significa o Carniceiro e a sua horda de escravos carniçais guerreiros. E Vallejo e a sua maldita legião de tropas pessoais do cardeal. E não há uma Feiticeira Koldúnica nesse meio? — continuou Sebastian — Não me lembro de tê-la ouvido hoje, mas logo percebi sua presença. Ela é inconfundível. Cheia de tatuagens tribais, pinturas com sangue pelo corpo e *piercings* de osso. Realmente medonha. E depois, claro, tem a tal Vykos. A emissária escolhida por Monçada. Isso é outra coisa que não me deixa nem um pouco contente. Vykos.

— É claro que não sei nada sobre ela. — Sebastian prosseguiu, puxando um narguilé grande e opaco em sua direção — Nada, claro, além do que os outros conselheiros estão cochichando.

Ele deu uma bela tragada e soprou um anel perfeito da mais pura sombra. Houve uma longa pausa, mas Borges não parecia disposto a fornecer mais informações.

— Ela é uma Tzimisce, claro. — disse Sebastian, que continuou sem receber uma resposta.

— E um demônio bem antigo, se o que dizem é verdade — nascida em Bizâncio, ou Constantinopla, ou em algum lugar parecido. Um autêntico pesadelo do Velho Mundo. Você ainda não teve a oportunidade de conhecer a senhora em questão, não é, Borges?

— Fique tranqüilo em relação a isso. — disse Borges — Eles não deixam esses tipos saírem muito. Gostam de mantê-los onde possam observá-los, sem dúvida. Você conhece o velho ditado: "sempre mantenha seus inimigos por perto".

— Conheço o ditado.

Sebastian lançou um olhar a Borges.

— Ouvi o senhor citá-lo em diversas ocasiões. Acredito que seja: "sempre mantenha seus inimigos e suas crias por perto."

— É isso mesmo.

Borges acariciou distraidamente o cabelo de Sebastian, de um modo não muito delicado.

— E eu achava que ninguém ligava para as palavras de um velho senil.

Sebastian encolheu-se de forma instintiva diante do grande sorriso de mastim, fugindo do toque do velho.

— Não se preocupe com essa Vykos. — disse Borges secamente — Se você cumprir sua tarefa, se cavar seu poço com destreza, ela não terá um chão firme para se apoiar.

— E se ela for mais uma lunática voraz?

— E se ela for? — repetiu Borges — Há vários Tzimisce vorazes. Mais um com certeza não vai ser uma ameaça à nossa posição. O que mais me preocupa é: e se ela *não* for uma lunática voraz?

— Agora, preste atenção, pois irei falar como devemos proceder.

E Sebastian encarou de propósito o negro capuz de sombra onde os olhos do mestre deveriam estar e gravou na memória cada palavra que saiu daqueles lábios.

Domingo, 20 de junho de 1999, 23h18min
Sala Chandler, Hotel Omni, Centro CNN
Atlanta, Geórgia

E você também irá negar — continuou Sebastian — que o seu precioso cardeal tem um interesse particular demais no futuro da cidade de Atlanta?

Vallejo ignorou essas acusações, bem como a explosão de gargalhadas, que mais pareciam latidos, vindos do lado da mesa onde a Coligação acompanhava Sebastian, mas essa camada de altivez estava ficando mais fina.

— Sua Eminência, o cardeal, não escondeu o fato de estar profundamente preocupado com os acontecimentos que se desenrolam dentro e perto da cidade de Atlanta.

— Esconder? Acho que não. — retorquiu Sebastian — A essa hora, até a Camarilla já deve saber que você e a sua "legião" estão aqui — como acredito que você chama essa ralé de refugiados sonâmbulos e cheios de vermes que o acompanha desde Madri. Honestamente, não sei o que é que se passa no estado da Geórgia para inspirar a Europa a escancarar as portas das prisões à mínima provocação...

— Eu acho — disse Vallejo com os dentes cerrados — que você está se excedendo, meu caro.

— Talvez tenha razão.

Sebastian acalmou-se e começou a andar pela sala. Talvez fosse afetação dramática, ou talvez se destinasse a esconder o fato de que os que se encontravam sentados perto dele haviam começado a se afastar cuidadosamente.

— Talvez eu deva antes dizer o que é mais importante na cabeça das pessoas aqui reunidas. Vou falar claramente, meu caro. Como até o senhor já deve saber, a sua simples presença aqui compromete a nossa posição.

Vallejo resmungou com desdém durante o silêncio que se seguiu a essa declaração.

— Embora esteja disposto a aceitar que são vocês quem têm um conhecimento mais íntimo das posições que podem nos comprometer, — começou ele, aquecendo-se com o desafio que se aproximava e instigado pelas vaias dos Nômades — deve admitir que, entre nós dois, tenho alguns anos a mais de campanha a meu favor. E ainda estou para ver um exército que tenha sido perdido por receber reforços adequados.

— Não são os reforços que me preocupam.

Sebastian estava quase gritando para ser ouvido através da multidão.

— São os custos desses reforços. Não somos tão ingênuos quanto você pensa. Acha que a importância dos interesses de nosso cardeal ambicioso está perdida nesta assembléia cheia de pessoas astutas?

O argumento lançado foi interrompido pelo ressoar de três pancadas fortes na porta da câmara.

— Abram! — gritou uma voz autoritária do lado de fora — Em nome de Sua Eminência De Polônia, Arcebispo de Nova Iorque, Vigilante do Novo Mundo, Guardião das Trilhas de Sombra.

O arauto não esperou que suas palavras fizessem efeito para entrar. Antes que qualquer um pudesse se dirigir à porta, ele irrompeu pela sala. Uma figura débil e deformada revelou-se, empunhando uma picareta com uma das pontas em prata brilhante. O utensílio tinha sido obviamente usado de maneira grosseira. Estava

gasto e danificado e havia um peso inconfundível dos anos sobre ele. A haste de madeira havia sido transformada em uma ponta afiada e fora enegrecida pelo fogo. O sinistro objetivo dessa estaca de madeira improvisada era claro para todos — principalmente porque os últimos centímetros dela possuíam manchas escuras de sangue antigo.

A figura brandindo a picareta era igualmente desagradável. Seu corpo era desajeitado e inchado, dando a clara impressão de um cadáver submerso. Os traços do rosto eram moles, como um fungo poroso que ficaria em pedaços se fosse tocado com a pontinha dos dedos. A cabeça da criatura parecia uma maçã embolorada que havia começado a se dobrar sobre o seu próprio peso.

O arauto avançou pela sala, arrastando uma perna atrás dele que obviamente não servia mais para mantê-lo em pé. Ele inverteu a picareta e bateu mais três vezes o lado preteado do instrumento no chão.

A sala ficou em silêncio.

Um verme, tão largo quanto o pulso de uma dama delicada, irrompeu da face do arauto. A cabeça do homem tombou para frente e parecia prestes a desmoronar por inteiro. O verme se contorceu, como se estivesse cumprimentando a assembléia, revelando nada menos do que cinco segmentos de seu corpo escuro e pegajoso antes de se retirar desdenhosamente e desaparecer de vista.

O arauto não deu nenhum sinal de estar consciente dessa interrupção, e nem sequer de ter se incomodado com ela.

— Todos de pé! — ele ordenou.

Em torno da mesa, os conselheiros começaram a se levantar — alguns com mais rapidez do que os outros. Costello e o contingente de Nova Iorque logo ficaram atentos. Os dignitários visitantes, vindos de cidades distantes do Sabá, que tinham pouco interesse pessoal na luta pelo poder sobre Atlanta, notavelmente os de Montreal e Detroit, também se levantaram rapidamente para honrar seu anfitrião.

Até mesmo os representantes do Velho Mundo — incluindo os lacaios de Monçada — estavam de pé. Na verdade, a maioria deles, como Vallejo, já estava assim durante o confronto acalorado com Sebastian. Mas nenhum deles seria tão mal-educado a ponto de voltar para o lugar.

No entanto, o lado da mesa onde estava a Coligação era um problema completamente diferente. Alguns dos generais Nômades podiam ser vistos mexendo-se um pouco incomodados em seus lugares, mas nenhum parecia estar ansioso para fazer qualquer movimento que poderia ser interpretado como um reconhecimento da autoridade de Polônia. Muitos observavam Averros com cautela — alguns esperando seu comando, outros tentando pacientemente ver qualquer sinal de fraqueza.

Em meio à incerteza e tensão, Caldwell colocou lenta e deliberadamente um pé, e depois o outro, sobre a mesa. Cruzou-os e deu um suspiro exagerado.

Averros, que estava encostado confortavelmente na cadeira, agora inclinava-se para frente. Ele disse algo a Caldwell, com rispidez, mas falou baixo para não ser ouvido pelos que os rodeavam. Caldwell bufou.

Com um murmúrio de nojo, Averros levantou-se e agarrou um dos pés de Caldwell, empurrando as pernas dele violentamente para fora da mesa.

— Que merda! — protestou Caldwell. Girando na cadeira e ficando de pé, viu-se encarando seu líder.

— Não vale a pena. — avisou Averros, vendo a raiva e o ar de desafio na face de Caldwell. Instintivamente atraídos pelo confronto, os outros Nômades se levantaram e se aproximaram, cercando a dupla.

— É, ele não vale a pena mesmo. — ele se afastou, mas estava irritado e não conseguiu resistir a dar outra indireta — Mas se você for um bom garoto e fizer apenas o que o mestre lhe disser, talvez o bondoso arcebispo permita que você conduza a todos nós durante o hino nacional ou durante o Juramento à Bandeira. Você poderia ser até monitor de sala, droga!

Caldwell sentiu a garganta apertada, pois seu colarinho foi puxado para trás. Ele se virou e aplicou um golpe que faria as garras de sua mão direita cravarem-se no peito do inimigo e arrancarem seu coração negro.

Garras partidas ricochetearam no chão. Caldwell praguejou e puxou a mão que sangrava e que provavelmente estava quebrada. Cambaleou para trás um pouco, mas Averros não parecia disposto a acompanhá-lo e terminar o que havia começado.

— Na próxima vez que fizer uma palhaçada dessas, — sibilou Averros com um tom de voz suficientemente alto para ser ouvido pelos seus seguidores, que se amontoavam em volta dos dois — você vai morrer. Entendeu? Por isso é melhor ir se acostumando com a idéia de ser a melhor droga de monitor de sala de toda a Coligação, porque, da próxima vez que você sair da linha, já era. Da próxima vez que abrir a boca, já era. Da próxima vez que eu tiver que lembrá-lo quem manda aqui, simplesmente já era. Agora, comporte-se, *Capitán*. Entendido?

— Sim, senhor. — confirmou Caldwell, com um grunhido e sem olhar para cima. Ocupou-se em colocar ruidosamente os ossos dos dedos no lugar.

Felizmente, Averros não tinha vindo tão despreparado para esta sessão do conselho, como havia feito no dia anterior. Depois do incidente com Hardin, não estava disposto a ser pego de surpresa por outro show de exibicionismo. Ele esfregou com cuidado o ponto dolorido do seu corpo onde Hardin o tinha atingido. A maldita ferida não fechara direito. Houvera sangue fresco nos lençóis esta noite e até agora a costura rosa irregular ainda ardia.

Ele havia costurado às pressas no conselho da noite anterior com um fio solto de sombra que estava à mão. Hoje, algumas horas antes, gastara um tempo considerável recolhendo fios semelhantes, testando a sua resistência, tecendo-os uns aos outros para formar cabos grossos de sombra e prendendo-os a si. O resultado foi um colete protetor muito mais formidável do que uma cota de malha, muito mais resistente do que kevlar — uma armadura que conseguia resistir bem a qualquer força com a qual ele poderia se deparar dentro das câmaras do conselho, exceto o primeiro toque suave do sol da manhã.

Passando despercebida devido à agitação causada em função da luta pelo poder na Coligação, a única figura que se manteve no lugar ao longo de todos os acontecimentos foi o venerável Borges. A facção de Miami havia se levantado para mostrar respeito a Polônia, mas o seu próprio arcebispo não parecia sentir esse impulso.

Polônia entrara vestido com o traje oficial completo de seu cargo — o tradicional manto de arminho, mitra e báculo de arcebispo. Pode ter sido um truque da luz incerta que vinha do corredor atrás dele, mas Polônia parecia projetar não uma, mas duas sombras distintas à sua frente.

Ao atravessar a entrada, as duas sombras tornaram-se mais distintas, parecendo ganhar substância e dimensão. Onde ambas alongavam-se anteriormente, planas, no chão em frente ao arcebispo, agora se elevavam, como se estivessem subindo um lance de escadas. Primeiro, emergiram as cabeças, quebrando o plano do chão em ângulos retos. Depois, os ombros tornaram-se visíveis. Logo se viu que cada um dos servos de sombra carregava uma pequena almofada de veludo. Em cada uma dessas almofadas repousava um artefato precioso e que foi facilmente reconhecido pela assembléia. Na mão direita estava a maçã dourada de Nova Iorque e, sobre a esquerda, a esfera do domínio da sombra.

Os portadores depositaram os objetos com uma graciosidade solene em frente ao lugar de Polônia na vasta mesa circular. Depois, viraram-se e voltaram para o chão da mesma forma curiosa como tinham emergido.

Polônia fez uma pausa para examinar o grupo antes de tomar o seu lugar. Todos os outros também foram forçados a ficar de pé. Recebendo a homenagem dos líderes do Sabá e tendo como moldura o espetáculo do jovem Toreador suspenso no teto atrás de si, Polônia estava claramente em seu ambiente.

Dirigiu-se ao grupo reunido:

— Obrigado por terem vindo, senhoras, senhores, amigos e honoráveis convidados. Sinto uma certa expectativa vibrante no ar desta sala — uma premonição, se quiserem, de que a grandeza e a glória estão próximas.

— Agradeço os sacrifícios que muitos tiveram que fazer para estar conosco nesta ocasião importante. Vocês cruzaram longas distâncias e enfrentaram grandes perigos para alcançar este ponto de encontro, bem isolado das linhas inimigas.

Ele esticou um braço e fez suavemente com que o corpo pendurado do Toreador balançasse em um lento arco circular.

— Portanto, asseguro-lhes que as decisões que tomarmos aqui e os desafios que aparecerão nas próximas noites darão a Camarilla uma razão para tremer.

Polônia fez uma pausa para deixar o clamor da assembléia se acalmar.

— Como, sem dúvida, já sabem, Atlanta tem sido uma fortaleza da Camarilla quase desde a sua fundação. Talvez não seja surpresa que uma cidade inicialmente nomeada Terminus chamasse a atenção de nossos rivais. É exatamente o tipo de coisa que atrairia a afetação deles.

Polônia apontou um dedo acusador na direção do corpo passivo do jovem Toreador e foi recompensado com uma trilha de sangue que descia pelo peito da vítima. O aroma tentador do sangue espalhou-se pela sala.

— Também devem saber que Atlanta é uma cidade propícia para uma conquista do Sabá.

Levantou a mão, em um esforço para refrear o entusiasmo, e recomeçou:

— Já faz algum tempo que estamos empenhados em estabelecer as bases para o Cerco de Atlanta. A Camarilla está recuando, senhores, e se autodestruindo com tentativas desesperadas de evitar a queda.

— Tudo começou com a Maldição Sangüínia. A Morte Vermelha acabou com a Camarilla. Diz-se que as perdas entre os elementos marginais mais vulneráveis da sua sociedade — os neófitos, os sem-clã Caitiffs e os Anarquistas — atingiram gradualmente valores tão altos quanto quarenta por cento nas primeiras semanas da epidemia. E a peste se espalhou sem controle por quase seis meses.

— Em uma tentativa desesperada de parar a propagação do fogo desenfreado da maldição, o governante da cidade, o príncipe Benison, estabeleceu decretos rígidos destinados a pôr de quarentena os grupos de alto risco. Naturalmente, os que foram sujeitos a essas ordens severas ficaram ressentidos por se verem privados de liberdade. O curso exato dos acontecimentos e das represálias que se seguiram a partir desse ponto é um pouco difícil de reconstruir.

— Sabemos que, incitados pelos intrometidos Brujah, os Anarquistas se revoltaram. Logo, o conflito aberto devastou as ruas de Atlanta. Diz-se ainda que os Brujah realizaram um atentado contra o próprio príncipe, um incidente infeliz que apenas serviu para apressar o exílio deles.

Polônia esperou pacientemente essas novidades serem assimiladas. Borges e sua facção já estavam, sem dúvida, apreciando a situação. Fazia meses que mantinham tropas na cidade — fazendo um reconhecimento, incitando os Anarquistas, destruindo as costuras da tão querida Máscara da Camarilla.

No entanto, para os demais, o fato de os Brujah terem sido expulsos da cidade seria uma boa novidade, com certeza. Polônia estava satisfeito com o efeito que as suas palavras haviam produzido. A assembléia parecia estar animada e havia muitas discussões paralelas.

— Os Brujah. — ouviu-se Caldwell resmungar com um tom de desprezo.

— São um clã difícil de combater. — admitiu Vallejo, em animada discussão com o representante de Detroit — Eles sempre são o foco de resistência mais forte nas frentes de batalha da Camarilla.

— Não, a gente tem que ficar de olho naqueles malditos Gangrel. Talvez não haja tantos em Madri, mas lá em cima na fronteira não dá nem para balançar um gato morto sem despertar um ninho inteiro deles.

— Claro que temos Gangrel em Madri. Bem, não em Madri, mas na Espanha, ãh? Em campo aberto, garanto, não há pior inimigo do que um animalesco Gangrel. Mas em uma luta corpo-a-corpo urbana? Não, nisso os Brujah são os adversários mais perigosos.

— Os Gangrel? — intrometeu-se Hardin do outro lado da mesa. — Vocês não são daqui, né? Onde é que vocês vão achar Gangrel por aqui? É claro que é possível haver uns bandos espalhados, hibernando nas montanhas do norte da Geórgia ou coisa parecida. Mas é simplesmente impossível que um grupo de Gangrel venha correndo até Atlanta para defender a cidade. Podem acreditar, o resto do estado não morre de amores por Atlanta. E os Gangrel serão particularmente reservados em relação a maior fonte de poluição e resíduos industriais deste estado.

— Bem, quanto menos Gangrel melhor.

Palavras de consentimento espalharam-se pela sala.

— Então, só restam os Tremere.

Essa bomba acabou com os comentários. Era, evidentemente, um exagero. Na verdade, havia sete clãs formando a Camarilla. No entanto, quando a discussão era sobre puro poder de fogo, as três maiores ameaças da Camarilla, quase universalmente reconhecidas, eram os Brujah, os Gangrel e os Tremere.

Os Tremere não eram uma facção militar. Não do mesmo jeito que os Brujah e os Gangrel, pelo menos. No entanto, eram temidos pela sua coragem e pela ameaça

que representavam. Os Tremere eram os mestres da Taumaturgia. Os seus poderosos encantamentos tinham sido o motivo da ruína de muitas ofensivas do Sabá.

— Qual é o poder da capela de Atlanta?

Madame Paula, a Feiticeira Koldúnica, tinha se animado com a referência aos horríveis Tremere.

— Suficiente — replicou um dos Nômades, que ostentava uma tez particularmente pálida (mesmo para um dos Malditos) e olhos cor-de-rosa bem agitados. *Que belos olhos cor-de-rosa*, pensou Madame Paula. Não se lembrava de alguma vez ter visto uma tonalidade tão perfeita em um Cainita, mas talvez isso fosse mais uma novidade do Novo Mundo. Ela resolveu experimentar também, assim que tivesse a oportunidade.

Paula interrompeu suas divagações quando o albino explicou melhor:

— É antiga — bem antiga para os padrões americanos — tem mais de um século. Isso quer dizer que podemos esperar algumas defesas arcanas bem complexas. E abriga pelo menos uma dezena de feiticeiros.

— Acho que essa estimativa é um pouco exagerada — interrompeu Sebastian, com autoridade.

— Está bem, uma meia dezena, então, embora eu ache que é uma estupidez não esperar pelo pior. Ficou melhor assim? Estamos analisando baixas consideráveis aqui.

— E um cerco consegue enfraquecer apenas um pouco a determinação de uma capela bem estabelecida — disse Madame Paula, pensativa —Não poderão matá-los de fome, como já sabem. E enquanto vocês estiverem ocupados em espremer lentamente a cidade em submissão, eles irão atacar os sitiantes. Ah sim, todas as noites. Um aqui, outros ali. Tudo é válido. Bem desanimador.

— Posso me pronunciar?

A voz de Vallejo, emitida em um tom autoritário adquirido em uma vida inteira de serviço militar — aliás, várias vidas — atravessou a sala.

— Fui instruído a entregar uma mensagem do meu senhor, exatamente sobre esse assunto.

Polônia logo ficou desconfiado. Lançou um olhar rápido para a ponta oposta da mesa, onde Borges estava sentado, mas o rosto do seu colega continuava inescrutável como sempre, por trás de seu capuz de sombra onipresente.

Os olhos da assembléia estavam em Polônia e ele não tinha outra escolha senão reconhecer o autoproclamado mensageiro.

— Sim, sim. — fez um gesto com a mão mostrando dar pouca importância à situação — Entregue-a.

— O meu cardeal achou que seria uma insensatez colocá-la no papel. Posso, no entanto, citá-la *ipsis verbis*. É apenas isto: "O conselho não deve se preocupar com os Tremere. A embaixadora do cardeal, a senhora Sascha Vykos, neutralizará a ameaça Tremere."

Os Nômades deram gargalhadas, zombando da mensagem. A face de Vallejo corou.

— Parem imediatamente. — ordenou ele — Essas são as palavras de Sua Eminência, o cardeal Monçada. Desdenhem delas por sua própria conta e risco.

Seu tom de voz calou os piores ofensores, mas, do lado do arcebispo Borges, Sebastian levantou-se para enfrentar o espanhol.

— Talvez, então, possa explicar como esta Vykos vai, sozinha, derrubar o poder reunido pela capela Tremere. Você há de admitir que, à primeira vista, isso parece bem... ridículo.

— Não me é permitido saber as instruções do meu senhor à sua representante. — replicou Vallejo friamente — E não as revelaria se soubesse. Apenas digo que serão cumpridas. Monçada deu a sua palavra. Serão cumpridas.

— E onde, exatamente, está essa embaixadora? O conselho está reunindo há duas noites. E ela apareceu para ao menos apresentar as suas credenciais? Não. Conhecemos muito bem o "interesse" do seu mestre neste assunto e, na minha opinião, estaríamos muito melhor sem a sua intromissão e a dele.

— Seu puxa-saco ingrato... — começou Vallejo, com a mão repousada na lateral de seu corpo, onde pode muito bem ter ficado, há muitos séculos, uma espada — Já o avisei uma vez e não vou avisar de novo. Se insistir nessas afirmações absurdas, deverá estar preparado para defendê-las com a sua honra.

— *Ingrato*? — repetiu Sebastian, descrente — Acha que deveríamos estar gratos por essa intromissão? O seu cardeal é um homem impiedoso e traiçoeiro. Isso não é um insulto, mas uma simples constatação. Não há como negar. Estou familiarizado com esse tipo de pessoa. Para ele, "'interesse pessoal" é apenas uma maneira educada de dizer que já preparou a escritura da propriedade, mas que a tinta do contrato ainda não está seca.

Sebastian sabia que havia outros, é claro, que fariam tudo o que estivesse ao seu alcance para que o Cardeal Maledictus Sanguine — o Cardeal da Maldição Sangüínia, como lhe chamavam seus difamadores — não pusesse a mão em Atlanta. Talvez um dos que mais se opunham à intervenção de Monçada em Atlanta fosse o próprio Borges, que, como se dizia na linguagem dos sabotadores Lasombra, estava "extremamente preocupado" com a situação atual da cidade. "Extrema preocupação" significava que Borges tinha colocado suas forças a postos para exercer influência direta sobre a cidade.

Essa preocupação era obviamente primordial para lançar o desafio. Monçada respondeu "demonstrando sua simpatia" pelo povo de Atlanta. O que queria dizer que tinha escalado ainda mais o conflito enviando as suas próprias forças — principalmente a sua legião elite de tropas pessoais: o detestável fabricante de carniçais de guerra de Praga, uma Feiticeira Koldúnica e a sua representante pessoal, a tal Vykos.

Era um exército pouco ortodoxo, constituído por uma ralé e reunido às pressas, sem sombra de dúvida. Mas, à medida que Sebastian testava metodicamente o caráter de cada dedo das quatro garras do cardeal e o seu alcance, cada um mostrava ter um poder útil. Juntos, eles seriam realmente formidáveis. Mas, com certeza, nem mesmo Monçada conseguiria usar de maneira eficaz essa arma estranha e imprevisível com um oceano no meio.

Sebastian ouviu seu nome ser mencionado e virou-se para o seu mestre:

— Acredito que Sebastian estava apenas expressando sua admiração e, talvez, inveja em relação à crueldade do cardeal. Seria sensível demais da parte de vocês considerar esses comentários inofensivos uma ofensa mortal. Eu achava que eram mais fortes.

Borges lançou o seu sorriso de mastim a Vallejo.

Avaliando a situação, Sebastian disse com rapidez:

— Claro, claro. Por favor, sente-se, meu nervoso amigo. Tenho simplesmente o maior respeito pelo seu querido Cardeal Maledi... Por um acaso já lhe contei — continuou — o que meu mestre sempre diz sobre ele? Não? Bem, Borges sempre afirmou que não há um único Cainita em toda a Europa com uma tão injustificável...

— ...humildade em relação a si próprio — terminou Borges, com um olhar preciso para seu jovem protegido — E agora, poderíamos retomar o tópico sobre iniciar nossos preparativos para o cerco?

— Mas isso é exatamente o que estou tentando lhe dizer, senhores.

Era a voz de Polônia, em um tom mais alto e discordando educadamente.

— Não haverá cerco nenhum.

Segunda-feira, 21 de junho de 1999, 02h41min
Uma gruta subterrânea

Uma pequena corrente oxidada pendia do abajur sobre a escrivaninha. A lâmpada acendia e apagava. Um soco resolveu o problema, embora a quantidade de luz fosse consideravelmente mais fraca. A escuridão aumentava em torno da figura sentada. Dedos com garras viraram uma página, e depois outra. Um suspiro áspero e descontente acompanhou o barulho do papel.

Silêncio. Calma.

Então, as garras retorcidas pegaram a caneta vermelha sobre a escrivaninha e, com surpreendente agilidade, começaram a fazer anotações em uma página.

20 de junho de 1999
re: Investigação

DUPLICADO

Falei rapidamente com Rolph via link da SchreckNET - diz que ataque surpresa na festa dos Toreador em Atlanta será à meia-noite, 22/06. Alguma atividade do Sabá na cidade, constatada por várias fontes, compatível com o relatório.

algum movimento de Miami

O ataque dará oportunidade para interação de Rolph c/ o homem de Hesha (re: OdH); Emmett também tem planos condizentes - diz que as preparações estão terminadas; problemas na investigação a serem resolvidos, execução dependente da chegada ao encontro do Solstício; anfitriã V. Ash.

Vegel

Nota: Julius convidado; resultado provável Julius-JBH interação óbvia; referência cruzada também sobre modelo de interação,

re: Julius - Victoria Ash;
Julius - Eleanor Hodge;
V. Ash - E. Hodge;
V. Ash - Thelonious/Kantabi.

atualização do arquivo: Hazinel
atualização do arquivo: Petrodon
Nota: perguntar Rolph re: General (Mal.)

Segunda-feira, 21 de junho de 1999, 04h43min
Décimo terceiro andar do Hotel Buckhead Ritz-Carlton
Atlanta, Geórgia

Três pancadas secas. Ao ouvir esse som, Sascha Vykos interrompeu seus afazeres e olhou para cima com um leve ar de aborrecimento. Ela voltou a dobrar cuidadosamente a carta, que desapareceu em um bolso interno do traje Chanel imaculado.

A porta abriu-se apenas o suficiente para deixar Ravenna esgueirar-se por ela. Ele não fechou a porta atrás de si, mas encostou-se contra ela, como se para impedi-la de abrir mais.

— Desculpe, Vykos. Há um... *senhor* aqui que insiste em vê-la imediatamente.

O carniçal conseguiu manter o tom apropriado de repugnância, mas a sua ansiedade era óbvia.

Vykos sorriu com o constrangimento dele.

— E como é o nome desse cavalheiro?

Um olhar quase aterrorizado cruzou a expressão cuidadosamente controlada do carniçal.

— Minha senhora! Eu não... uma pessoa não... o que eu quero dizer é...

Era evidente que Vykos não iria ajudá-lo a sair daquele situação desagradável. A voz de Ravenna baixou para um tom conspiratório.

— É um Assa...

Houve um estalido agudo e Ravenna caiu no chão.

— *Assassino* é uma palavra tão feia. — disse o visitante, passando por cima do corpo inerte do carniçal — Mil bênçãos para você e a sua casa. Pode considerar esta a primeira.

Vykos permaneceu impassível e examinou o estranho.

Os movimentos dele eram como mel escorrendo — fluidos, hipnotizantes. Suas formas estavam quase inteiramente cobertas por uma túnica solta de linho cru. *Uma indumentária incomum para um assassino.* Ela chegou a pensar que devia haver algum tipo de norma implícita sobre o vestuário destes assassinos contratados. Todos pareciam preferir roupas justas, que não iriam interferir nas necessidades de combate ou fuga. Já havia imaginado quatro ou cinco situações em que a roupa esvoaçante do visitante seria uma desvantagem se ocorresse uma luta corpo-a-corpo. No entanto, era bem provável que aquelas pregas ocultassem uma série de armas mortais que tornariam essas especulações discutíveis.

Ela também sabia que vestir-se inteiramente de preto era como uma farda para os agentes da segunda profissão mais velha do mundo. Esta roupa brilharia até mesmo sob um luar pálido, frustrando qualquer esforço de movimentação furtiva. Evidentemente, nem um amador cometeria um erro assim. Não, era óbvio que seu convidado não estava nada preocupado em esconder sua aproximação. As palavras, os atos e até mesmo a roupa dele mostravam uma grande confiança em seu próprio valor. Vykos considerou o fato ligeiramente irritante.

— Isso era necessário?

O tom de voz de Vykos revelou apenas um descontentamento comercial — o suficiente para deixar claro que não consideraria o carniçal morto um serviço prestado.

O visitante ergueu as mãos e inclinou ligeiramente a cabeça. Suas mãos eram grandes e elegantes — como as de um pianista, um artista, um cirurgião. A graciosidade lânguida delas transmitia uma energia quase irreprimível. Flutuavam com suavidade, como as asas de um pássaro delicado.

Vykos não tirou os olhos daquelas mãos.

— Você podia, no mínimo, levá-lo de volta à sala da frente para não termos de ficar olhando para ele enquanto falamos — continuou Vykos — Não me conformo com a sua tranqüilidade em relação a se livrar de corpos e coisas semelhantes. E traga outra cadeira quando voltar. Os meus criados mal tiveram tempo de desfazer as malas.

Um sorriso branco como a neve rastejou pelas feições talhadas em ébano do visitante.

— Não tenho o hábito de esconder as minhas obras. A não ser, claro, que você queira levar em conta a remoção de testemunhas. E não precisa se preocupar com o meu conforto. Vou ficar de pé mesmo. Estamos sozinhos? Você disse algo sobre criados.

— Sim, *agora* estamos. Dispensei os meus companheiros mais valiosos esta noite. Alguns dos meus convidados têm fama de ser um pouco... irritáveis.

A voz do estranho tornou-se baixa e ameaçadora.

— E não teme pela sua segurança? Muita gente nesta cidade gostaria de vê-la em perigo.

— Esta noite, sou a pessoa mais protegida de toda a Atlanta.

Vykos ficou propositalmente de costas para ele e atravessou a sala em direção à escrivaninha cheia de coisas.

— Seus mestres não são tão descuidados a ponto de mandarem um agente para me matar quando ainda há negócios pendentes. Não seria nada profissional. Nem poderiam permitir que terceiros me fizessem mal, já que as suspeitas recairiam imediatamente sobre eles.

Vykos virou-se para ele e continuou logo em seguida, antes que pudesse ser interrompida.

— Não, não tenho medo de você, embora traga a morte até minha casa. Esta noite, você é meu anjo da guarda, meu cavaleiro protetor. Será capaz até de lutar, ou mesmo morrer, para impedir que algo me aconteça antes de concluirmos o nosso negócio. Não é mesmo?

— Esta noite — o Assamita exibiu de novo um sorriso assassino — sou a sua apólice de seguro. Mas apenas esta noite, senhora.

Ele retirou um saco de estopa, que estava embaixo da túnica. Com um movimento de braço, tirou as coisas amontoadas no centro da escrivaninha e depositou bruscamente um pacote sobre ela.

Bastardos dramáticos, pensou Vykos. Mas a esta altura não havia outra escolha, a não ser continuar com o jogo. De outra maneira, não seria muito fácil concluir este negócio. Com um suspiro de resignação, ela abriu o pacote.

Reconheceu os traços familiares imediatamente, lembrando-se das fotos. Era Hannah, a líder da capela Tremere. Mais precisamente, a cabeça dela. As mãos de Hannah também tinham sido cortadas e estavam depositadas bem debaixo do queixo. *Muito bom gosto*, pensou Vykos. A mistura ideal de superstição e tradição. Estava

bem consciente de que o ódio dos Assamitas pelos feiticeiros era tão antigo quanto o do seu próprio clã.

Claro que ela não deu ao Assamita o prazer de expressar sua admiração em voz alta.

— Está bem mortinha.

O Assamita fez o que pôde para não mostrar que estava desiludido com aquela reação banal.

No entanto, antes que ele conseguisse responder, ela continuou, talvez com uma ponta de malícia:

— Tem certeza que é ela?

Com o orgulho ferido, ele parecia prestes a dar uma resposta incisiva. Depois, deteve-se visivelmente e se acalmou.

— Ah, agora estou percebendo. Você resolveu se divertir um pouco às minhas custas. Com certeza, você era mais do que uma mera conhecida da... defunta.

O tom do Assamita era suave e formal como o de um gerente de uma funerária abordando um tema chocante nos termos mais suaves possíveis.

— Nunca a vi antes. — respondeu Vykos com frieza, pronunciando cada palavra separadamente e de maneira clara.

— E, se entendi direito, só cheguei a este país depois da morte dela.

— Não se preocupe com isso. Tudo foi executado da maneira como você especificou. Quanto à identidade da bruxa, não há dúvidas. Se me permite...

O Assamita depositou descuidadamente um punho sobre a cabeça decepada para fixá-la enquanto puxava uma das mãos brancas como lírios que estavam embaixo do queixo. Ele a virou e a colocou sobre a escrivaninha, com a palma da mão para cima.

— A magia da bruxa ainda está nas mãos dela. A faca não a corta, a foice não a destrói.

Ele recitou essas palavras com reverência, como se estivesse citando alguma escritura antiga.

Acariciou a mão suavemente, como um amante.

Com o toque, a rede de linhas delicadas que cruzavam a palma da mão escureceu e se tornou mais densa. À medida que ele a esfregava com as pontas dos dedos, as linhas pareciam contorcer-se e deslizar em direção às beiradas da mão, como se estivessem tentando se afastar de uma chama.

Sob o olhar de Vykos, as linhas rastejantes formaram uma série de símbolos mágicos complexos e sutilmente perturbadores.

O Assamita recuou com um sorriso de satisfação. Os hieróglifos continuaram a se contorcer e a deslizar uns sobre os outros.

— Conhece estes sinais?

Vykos não disse nada, mas não tirava os olhos da dança de símbolos arcanos.

— Não me foi concedida a capacidade de interpretar os símbolos. — continuou o Assamita — Mas um perito poderia dizer seus nomes apropriados. Cada sinal é uma assinatura mágica única — uma lembrança persistente dos encantamentos perversos que ocuparam os últimos dias da bruxa. Precisa desses conhecimentos?

Ainda de olhos fixos na mão, Vykos balançou a cabeça, devagar. Depois, como se regressasse de um lugar bem distante, respondeu:

— Não, não, isso não interessa agora. Com a morte de Hannah, toda a capela estará...

Mudou rapidamente o rumo da conversa, mas sem se interromper.

— Mas onde estão minhas boas maneiras? Não devo aborrecê-lo com detalhes sobre dificuldades pessoais e insignificantes. Você é realmente muito bonzinho comigo. Agora, o que estava dizendo sobre a prova incontestável da identidade de Hannah?

Levantando ligeiramente a própria mão, o Assamita apontou para os símbolos.

— Um exercício fascinante. — disse Vykos — Suponhamos, por enquanto, que acredito piamente na sua versão do que acabei de ver.

Ela levantou a mão para impedir qualquer protesto.

— Mas isso apenas me diz que esta mão pertencia a uma bruxa Tremere. E não que pertencia especificamente a Hannah.

— As aparências — continuou Vykos — fatalmente enganam.

Ela se sentou à escrivaninha. Enquanto falava, suas mãos afastaram, com um gesto distraído, alguns fios desalinhados do cabelo de Hannah que estavam caídos sobre a face pálida. Desceu suavemente as mãos e acariciou a carne morta do rosto e da garganta.

Quando se dirigiu novamente ao convidado, não parou de olhar aquela máscara da morte à sua frente.

— Claro que já a vi antes, mas só em fotos.

As pontas de seus dedos encontraram-se na parte de trás do pescoço.

— Você a acha bonita?

A pergunta pareceu pegar o convidado de surpresa. Ele bufou com desprezo antes de recuperar a compostura.

— Minha senhora, essas considerações não têm lugar no meu trabalho.

Vykos sorriu. Os polegares abriram e fecharam suavemente as pálpebras.

— Não, claro que não.

A voz dela era calma, seus olhos fitaram o chão. Seus polegares demoraram-se sobre os olhos fechados de Hannah, pressionando-os ligeiramente como se para garantir que não voltariam a se abrir.

— Mas eu não estava pedindo uma opinião profissional. Com certeza, você teve várias oportunidades de vê-la e estudá-la. Diria que era bonita?

O assassino afastou-se dela e resmungou algumas sílabas em uma língua estrangeira e de maneira ríspida.

— Espero que me perdoe se lhe disser que é uma das clientes mais irritantes que conheci. É claro que observei os movimentos da bruxa. Como é que podia deixar de fazer isso? Não há margem para erros, nem hesitações e nem misericórdia quando se lida com os da corja Tremere. Ela está aí na sua frente agora. Julgue sozinha se é bonita ou não!

Vykos, aparentemente impassível com essa explosão, observou o rosto imóvel à sua frente com um olhar crítico. Após uma observação demorada, abriu uma gaveta, pegou uma escova de prata e começou a escovar o cabelo comprido e ruivo de Hannah.

— Sim, mas você a viu com todo o fulgor do sangue — quando ainda estava "viva"; quando ainda havia movimentos e gestos, expressão, emoção. Essas são coisas que as fotografias — e as recordações — não podem me mostrar.

Ele andou rapidamente de um lado para outro e demorou bastante para responder:

— Sim, eu vi a bruxa viva. Sou, como você sabe muito bem, a última pessoa que pode dizer isso.

Fixou o olhar em um ponto imaginário e um pouco distante, como se estivesse vendo, e não pela primeira vez, pessoas e coisas que já não existiam.

— Senti o arco das costas quando minhas mãos envolveram a cintura dela. Vi a pulsação delicada na linha da sua garganta enquanto os cabelos esvoaçantes se esticavam. Vi os lábios entreabrirem-se para pronunciarem palavras de poder que nunca foram iniciadas. Sim, ela foi tão bonita morrendo quanto o é na morte.

Vykos sorriu e continuou a escovar, contando em voz baixa.

O convidado moveu-se constrangido, mas não recomeçou a andar pela sala.

Houve um silêncio tenso, quebrado apenas pelos sons regulares da escova. Como se subitamente houvesse lhe ocorrido um pensamento, Vykos olhou para cima e fixou o seu olhar no Assamita. Com as pálpebras semicerradas, ela perguntou:

— Como devo, então, chamá-lo, meu assassino sentimental? Você ainda não me disse seu nome.

Ele virou a cabeça e olhou Vykos por um momento, como se estivesse procurando perceber se ela realmente esperava uma resposta ou se continuava apenas tentando irritá-lo. Havia um tom peculiar oculto na pergunta. Alguma coisa além da voz, quase felina e com certeza perigosa. Isso contrariava o ar inocente do olhar dela. Sem querer, ele adotou uma postura mais defensiva.

— E nem vou dizer. Pode me chamar de Parmênides.

— Ah, um filósofo então. Quase confundi o senhor com um poeta.

Ela continuou a pensar alto:

— Não parece ser grego e também não está tão enrugado a ponto de poder ter andado entre os luminares da Escola de Atenas. Portanto, deve ser uma espécie de classicista, de erudito... um romântico.

Ele quase encolheu com esse último epíteto e começou a protestar.

— Não. Não diga mais nada. A conclusão resulta inevitavelmente das premissas. Mas não tenha medo, o seu segredo ficará a salvo comigo.

Ela pegou a escova e retomou a sua tarefa, como se tivesse esquecido a presença do Assamita.

Ele a encarou com total descrença, mas ela parecia completamente absorta. Com a escovação constante, o cabelo de Hannah começou a cair em grandes chumaços emaranhados. A escrivaninha logo ficou repleta de cabelos, mas Vykos continuou mesmo assim.

— Minha senhora, acredito que ainda precisamos discutir alguns assuntos.

Vykos não tirou os olhos do seu trabalho. A escova começou a raspar com um som áspero os pedaços expostos de couro cabeludo que estavam entre os cabelos que restavam. O som parecia atingir diretamente os nervos sem antes passar pelos ouvidos.

A carne começou a escurecer e a ficar ferida. Depois de um bom tempo, Vykos disse distraidamente:

— Você estava lutando para provar que esta é realmente Hannah, a bruxa Tremere e líder da capela de Atlanta. No entanto, quanto mais examino esta coisa, menos semelhança vejo entre uma e outra.

Ela soltou a escova e pôs a cadeira mais para trás para observar o resultado de seu trabalho. Assentiu com a cabeça, satisfeita.

— Falta um certo... brilho.

Vykos beliscou suavemente as bochechas para deixá-las coradas, mas pareceu desapontada com o resultado.

— Já não se vê mais aquele ar de desafio nesta linha delicada do rosto. — disse e fez uma carícia lenta com o dedo indicador.

— E os olhos. Mesmo em foto, era possível ver que os olhos da bruxa eram bem fundos — como se tivessem recuado com as coisas que ela testemunhou nas horas sombrias. Estes olhos são salientes e não possuem o fogo característico da magia negra dos Tremere.

Vykos afundou os polegares nas órbitas, como para resolver o problema. Parmênides fez um som de desaprovação, ou de nojo, e se virou.

— Chega. Conhece esses sinais pelo que eles são, minha senhora. Eles representam as marcas da sepultura, da Morte Final, nada mais. Mas, se continuar por esse caminho, os restos ficarão completamente irreconhecíveis, com certeza.

Vykos empurrou a cadeira para trás e levantou-se. O tom da sua voz era conciliador.

— Feri seus sentimentos de novo. Vem cá, meu jovem romântico, meu filósofo. Se me disser que esta é a bruxa, aceito seu juramento.

Ouviu-se um som ríspido quando ela girou a cabeça sobre a escrivaninha para virá-la para ele.

— Olhe para ela. Não é bonita?

Quase contra sua vontade, ele olhou. O cabelo ruivo e delicado desaparecera completamente. A carne do rosto e do couro cabeludo estava ferida e uniformemente escura. À linha do queixo havia sido dada uma expressão poderosa e repleta de vigor. A face tinha perdido o seu ar arredondado inteiramente feminino e estava tão repuxada que era possível discernir um pouco do crânio por baixo. Os olhos tinham se tornado cautelosos — pequenos, escuros e fundos.

No entanto, nenhuma dessas alterações individuais causou o menor efeito no assustado Parmênides. Ele havia sido instantaneamente atingido pela totalidade de alterações alarmantes. O rosto que o fitava era, inequivocamente, o seu.

A voz de Vykos, quando ele a ouviu, estava atrás dele e bem próxima. Conseguia sentir a respiração dela em seu pescoço e orelha.

—... o motivo pelo qual não confio em fotos. As imagens podem ser modificadas.

Ele sentiu os lábios dela em sua garganta e deixou seus olhos fecharem-se.

Segunda-feira, 21 de junho de 1999, 22h21min
Sala Chandler, Hotel Omni, Centro CNN
Atlanta, Geórgia

A declaração de Polônia na reunião do conselho na noite anterior só tinha servido para aumentar a intensidade dos conflitos entre os conselheiros de guerra do Sabá. Já houvera três baixas no decorrer dos acontecimentos da noite e esse ritmo não suavizava de forma visível.

A grave notícia que Polônia tinha levado ao conselho fora a de que todos os planos tinham sido súbita e irrevogavelmente alterados. Meses de esforços e somas de dinheiro que superariam o produto nacional bruto de muitas nações tinham sido gastos para posicionar o Sabá em um Cerco do Sangue. Forças de locais tão distantes como Miami, Nova Iorque e, mais surpreendente ainda, Madri tinham tomado suas posições de modo furtivo. Os agentes de campo tinham enfraquecido a infraestrutura da Camarilla, alimentando a revolta dos Anarquistas e pondo em risco a Máscara. Tinham convocado os principais poderes, os conselheiros e especialistas de dois continentes para participarem deste conselho de guerra. Haviam discutido, ameaçado uns aos outros mutuamente e depois forjado uma estratégia que deixaria a cidade de Atlanta lenta e implacavelmente de joelhos.

E agora, todo esse esforço tinha ido por água abaixo em uma única noite, com uma única frase. O cerco não iria acontecer.

Havia levado algum tempo para que se abrandasse a agitação inicial (à beira de se tornar uma verdadeira rebelião) que acompanhou esse pronunciamento. Apenas depois disso é que Polônia conseguiu explicar sua enigmática declaração.

— Cavalheiros, não haverá cerco porque a luta por Atlanta será decidida em um único ataque, impossível de ser evitado. Iremos saquear a cidade, esmagando qualquer ponto de resistência com uma ofensiva devastadora. Essa ofensiva, senhores, ocorrerá amanhã à noite, exatamente à meia-noite.

O silêncio surpreso que se seguiu à declaração contrastava demais com o caos desenfreado que reinou nas câmaras do conselho aquela noite. Passara tempo suficiente para que as novidades fossem assimiladas e produzissem transformações. Enquanto o encontro da noite anterior fora um sombrio conselho de guerra, a assembléia desta noite era um pelotão barulhento esperando ser solto para massacrar as vítimas inconscientes.

Polônia não estava totalmente satisfeito com o rumo dos acontecimentos. E o motivo era que a multidão desordenada *reorganizara* as coisas, e não a seu gosto.

Ele havia feito esforços consideráveis para garantir que cada coisa estivesse exatamente como ele queria quando acontecesse o importante encontro. Reparou na primeira das alterações terríveis assim que entrou na câmara do conselho aquela noite. Parecia que, por alguma razão inexplicável, alguém, ou "alguéns", tinha entrado na sala para uma maldade matinal. A sólida mesa de reuniões circular que dominava a sala — e que ele tinha trazido a um custo considerável — desaparecera, sumira. Uma mesa de 300 quilos.

Ela havia sido substituída por uma mesa de reuniões muito mais contemporânea.

Aos olhos de Polônia, a desvantagem imediata dessa nova organização era que a longa mesa retangular tinha uma ponta e uma base distintas — um pequeno detalhe que alterava radicalmente as regras de protocolo para posicionar os dignitários reunidos. Um pequeno detalhe a que Polônia atribuía pelo menos uma das três — agora quatro, corrigiu-se a si mesmo — mortes prematuras daquela noite.

Para piorar, a mesa era feita de um vidro opaco e negro, polido até ficar com um brilho espelhado. Essa última propriedade estava causando em vários Lasombra uma espécie de constrangimento mal dissimulado. Polônia notara, mais de uma vez, que o tenente Costello saltara para trás de repente, como se tivesse sido picado, quando seus braços entraram acidentalmente em contato com a mesa.

Polônia podia ver os temperamentos já alterados começando a colidir uns com os outros. Felizmente, o mau humor do seu companheiro Lasombra era de certo modo compensado pela bagunça que os Tzimisce faziam. Os demônios estavam em seu elemento. Grupos de saque irrompiam pela assembléia em intervalos irregulares, carregando troféus macabros de suas visitas à cidade. Eles os penduravam pela sala, o que acabou juntando cerca de vinte cadáveres balançando no teto.

Alguns, como o jovem Toreador, estavam pendurados pelo pescoço. Outros foram presos de cabeça para baixo e rasgados até o externo, com o sangue escorrendo para baldes de gelo confiscados para esse uso. Havia ainda alguns dobrados ao meio e içados por cordas presas em torno de suas cinturas.

O resto da sala também estava em um estado de confusão total. Vários planos cuidadosamente desenhados do ataque estavam espalhados de qualquer jeito pela mesa. Pastas com fotos de alvos importantes da Camarilla empilhavam-se desordenadamente, e muitas das imagens tinham sido pregadas à parede e depois rasgadas em pedaços. Os marcadores de lugar cuidadosamente dispostos foram atirados ao chão para dar espaço para competições improvisadas de braço de ferro.

Dominando esse reino de caos, o aroma inebriante do sangue enchia a sala. Os convidados beberam de maneira generosa e descuidada em garrafas de vidro lapidado que transbordavam com o mais comum dos vinhos tintos. Eles passavam bandejas de prata com gomas gelatinosas que pareciam ter acabado de coagular.

Polônia, porém, estava com os nervos à flor da pele e não cederia a essas tentações. Hoje à noite, seria muito fácil satisfazer-se, beber o sangue até que retinisse nos seus ouvidos e formasse uma película rubra em seus olhos. Deixar a Besta entrar para testar seus limites.

Mas hoje à noite tinha que permanecer vigilante — não só em relação aos desesperados membros da Camarilla, que estariam lutando pelas suas não-vidas, mas também em relação aos seus irmãos do Sabá, que estariam tentando melhorar suas condições através de quaisquer meios disponíveis.

Para muitos, isso iria significar uma chance de glória no campo de batalha. Polônia não tinha dúvidas de que muitos troféus de caça e lembranças seriam colhidos esta noite — recordações que poderiam ser utilizadas como diversão em uma noite de inverno cruel e brutalmente curta daqui a algumas décadas.

Para outros, o ataque seria o ápice de intrigas e jogadas para conseguir poder político. No desenrolar do último ato, os sabotadores iriam aplicar todos os seus recursos. E pouquíssimos hesitariam em esmagar alguém tão idiota a ponto de se intrometer em seus pactos sombrios.

E ainda havia os oportunistas, que sabiam muito bem que o ataque seria a camuflagem ideal para o desaparecimento de um rival descuidado ou para a prática de uma série de vícios que até o Sabá acharia esquisitos.

Polônia se viu esperando que uma parte suficiente do conselho sobrevivesse às duas horas que faltavam para o ataque, de modo que pudessem completar o projeto. Felizmente, os capitães das forças principais que encabeçavam o ataque já tinham sido enviados e estavam tomando suas posições na área em torno do *High Museum of Art*.

Claro que houvera várias discussões sobre que forças deveriam ter a honra de liderar o ataque e, por conseqüência, assegurar a parte do leão na glória — discussões a que Polônia atribuía mais duas das fatalidades da noite.

O encontro da alta sociedade no museu reuniria, debaixo de um único teto, todos os distintos líderes da Camarilla em Atlanta. Tudo o que o Sabá tinha que fazer era derrubar esse teto.

Polônia estava refletindo sobre qual seria a melhor maneira de fazer isso e observando uma discussão que provavelmente seria o início da baixa número cinco quando a sua atenção foi desviada pelo som da porta da câmara se abrindo. Talvez fosse tão sensível a esse som por estar sentado de costas para a porta.

A escolha fora sua, claro. Essa opção era bem melhor do que a outra alternativa: ter pelo menos um de seus colegas conselheiros entre ele e a única saída da câmara. Por causa da natureza e distribuição de seus convidados, Polônia tinha decidido que seria muito melhor ficar à mercê de qualquer um que estivesse se escondendo *fora* da porta.

Quem entrou foi seu próprio arauto, que estivera posicionado diretamente na saída da porta. Polônia também não era tão idiota a ponto de ficar desprotegido.

O arauto fez uma reverência ao mestre e depois, em resposta a um olhar inquiridor, lançou os olhos para cima. O movimento quase expeliu um dos globos oculares, que regressou precariamente à cavidade funda.

Virando o machado, o arauto bateu com força no chão, uma vez.

— Senhora Vykos, representante, núncio e embaixadora extraordinária de Sua Eminência, o cardeal Monçada.

Ele deu um passo para o lado e a figura elegantemente vestida avançou. Apresentava-se como uma nobre do século dezesseis — um vestido comprido e leve com mangas bufantes até metade do antebraço, um colar sóbrio com forma de lápide que se sobressaía, por cima dos ombros, liso como uma lâmina na frente e curvando-se suavemente em torno do pescoço para se fechar na parte de trás.

Sua aparência era perfeita. A boca era reta, ligeiramente delineada talvez, com um toque de crueldade levemente perceptível nos cantos dos lábios.

Os olhos grandes e escuros estavam semicerrados, em uma languidez afetada, mas não perdiam nenhum detalhe. O cabelo estava penteado para cima e era mantido no lugar com fitas perfumadas.

Quando a discreta senhora entrou na sala, os Tzimisce ficaram absolutamente enlouquecidos. Um coro de gritos elevou-se da multidão desordenada.

— A Condessa do Sangue!

— É ela, pode acreditar. Bathory!

— O brasão. Ali! Bordado na gola do vestido.

— Sim, com o dragão engolindo a própria cauda. É realmente ela!

— Do que esses doidos estão falando? — Sebastian perguntou ao seu mestre, inclinando-se na direção dele.

— Cuidado. — o venerável Borges não articulou a palavra, suspirou-a — Tenha calma. Acho que estão dizendo que há uma serpente entre nós.

— Não, mestre, o que eles disseram foi que...

Sebastian calou-se de repente. Sabia muito bem que a audição de Borges superava, e muito, a sua. Décadas de vida sem o benefício da visão tinham afinado a audição do mestre para níveis muito além do que até um Cainita pode esperar.

Não, Borges não tinha ouvido mal. Na verdade, estava fornecendo informação adicional a seu protegido, o que poderia se tornar necessário para o bem-estar de Sebastian. Se Borges dissesse que havia uma víbora entre eles, Sebastian não iria deixar os pés dando sopa a pouca distância do chão.

É claro que Borges conhecia as proezas lendárias e sádicas da Condessa do Sangue. O próprio nome Bathory era uma espécie de exalação familiar e não muito agradável do Velho País. As sílabas estavam inexoravelmente ligadas a histórias negras sobre tortura metódica, mutilação e assassinato de vários jovens. O que começou como um temperamento colérico destinado às criadas de sua propriedade foi depois alimentado pela criação de castigos elaborados e engenhosos e culminou com uma predileção por banhar-se no sangue rejuvenescedor de jovens empregados. Quando Bathory foi finalmente levada a julgamento, em 1610, a acusação fez uma estimativa bastante moderada de 650 almas como número total de vítimas.

Era mais provável que Vykos estivesse explorando deliberadamente esse mito para tirar vantagem dele do que a outra alternativa: ser realmente a santa padroeira dos Tzimisce de verdade, em carne e osso.

De qualquer maneira, Vykos parecia estar determinada a aumentar ainda mais o número de mortes atribuídas à condessa. Em sua mão, havia um delicado lenço de seda, que ela usava para levar um fardo repugnante: a cabeça decepada de um Assamita.

Com um gesto de desprezo, ela jogou a cabeça na mesa, onde ainda rolou um pouco até parar.

— Desculpem-me, senhoras e senhores, pelo meu atraso. Como podem ver, estava ocupada, tentando provar que não há força — nem entre os vivos ou mortos — que consiga atrapalhar nossa vitória hoje à noite. A cabeça do assassino que enviaram até mim é apenas o primeiro presente que lhes dou esta noite.

Vykos soltou o curioso colar que usava. Ele era feito de modo a parecer com um par de mãos unidas. Os dedos mínimos de cada uma estavam excessivamente esticados até a parte de trás do pescoço, onde se uniam para manter o colar no lugar. Vykos jogou-o na mesa, logo depois da cabeça. Como todos os olhos se viraram para esses elementos mutilados, não houve ninguém que não notasse a dança perturbadora de símbolos arcanos na palma da mão.

— As mãos pertencem a Hannah, — anunciou Vykos — a líder da capela Tremere. Como já disse, ninguém irá nos deter.

Gritos como "Bathory!" e "Morte aos feiticeiros!" irromperam de todos os lados da mesa. Antes de qualquer outro membro entre os Tzimisce animados, o Carniceiro de Praga atacou violentamente os cadáveres pendurados que estavam mais próximos.

As garras perversas, afiadas e eficazes como tesouras fizeram uma colheita abundante de membros de alabastro. Ele os depositou aos pés da senhora como uma oferenda.

Encorajados por esse exemplo, os demônios atacaram os corpos que os cercavam com uma naturalidade inconseqüente. A maioria das vítimas tinha permanecido inanimada anteriormente e muito além do alcance da dor causada pelos esforços dos grupos de caçadores. Uma boa parte dessa colheita macabra, porém, era realizada pelos conselheiros, que eram amigos dos demônios, no calor do momento. Os Tzimisce preparam o caminho à frente de Vykos com pernas e braços decepados que tinham sido cortados, serrados, arrancados e, em alguns casos, extraídos a dentadas de seus proprietários. Ela deslizou para frente, sem nunca perder o equilíbrio entre o emaranhado de membros e sem nunca ter de se rebaixar a colocar o pé no chão.

O caminho assim criado dirigia-se para um lugar de honra esvaziado ao centro de uma das grandes laterais da mesa. Nesse lugar, um Tzimisce extasiado já tinha talhado o seu corpo em forma de um trono imponente. Seus companheiros lançavam pedaços grandes e úmidos de carne na estrutura, assim como um oleiro lança argila em sua roda.

O trono aumentava de tamanho, ficando cada vez maior com os esforços. Vykos ascendeu ao trono ainda vivo em meio a um pandemônio capaz de ofuscar os melhores esforços de sete dos nove infernos.

Ela levantou a mão, pedindo silêncio, mas não foi atendida.

Tentou elevar a voz acima do clamor, mas suas palavras foram levadas pelo entusiasmo de seus devotos.

Com um esvoaçar de saias, ela desceu do trono que crescia rapidamente e subiu na mesa de conferências, caminhando destemida até o centro. Essa ação curiosa, uma pessoa andando sobre a mesa, pareceu surpreender os demônios enlouquecidos de um modo que nunca seria atingido por gritos ou sangrias. Todos os olhares estavam depositados nela.

— Obrigada. Agradeço a todos pelas... saudações calorosas.

Ela continuou rapidamente a falar à medida que o clamor aumentava mais uma vez.

— Vocês estão, sem dúvida, conscientes de que apenas algumas horas separam-nos da conquista devastadora e final da cidade de Atlanta. Há duas noites, vocês ouviram o venerável Borges contar-lhes histórias sobre a glória do iminente Cerco do Sangue. Ontem à noite, Polônia veio até vocês com um plano irresistível para realizar um ataque ousado e decisivo. Mas eu lhes digo que a conquista de Atlanta não será alcançada através de um cerco ou de um ataque.

Ela fez uma pausa para deixar suas palavras serem compreendidas.

— Esta noite, cavalheiros, nossas forças irão derrotar a desavisada Camarilla completamente. Levamos vantagem em números, táticas, poder e com o fator surpresa. A nossa devoção concentrada nesta causa não permite o fracasso.

— A Camarilla está enfraquecida pelo desgaste, pela desordem civil, pela revolta Anarquista, pelo exílio dos Brujah, pela ausência dos Gangrel e pelo falecimento infeliz da líder da capela Tremere.

Os lábios dela esticaram-se em um sorriso enquanto empurrava as mãos de Hannah para fora da mesa com o pé.

— Mas não será uma batalha, senhores. Será uma grande festa, uma gloriosa Dança do Fogo. É uma das mais antigas e gloriosas tradições do nosso povo — é uma festividade, um ritual e uma celebração selvagem e báquica. É o momento de reunir nossa coragem e de jogar na cara de Deus, Cainitas e homens o nosso valor.

Polônia encostou-se em sua cadeira, mantendo-se em um silêncio chocado. Esta exibição vergonhosa já estava completamente fora de controle. Já tinha perdido de vez a conta do total de corpos naquele caos. Tomou sua decisão.

Essa tal de Vykos tinha de ser destruída, e depressa, antes que seus devotos fanáticos devastassem a câmara do conselho.

Polônia sabia que até mesmo a sua voz, a que muitos estavam acostumados a obedecer no meio de conflitos intensos, seria incapaz de calar esta turba enlouquecida de Tzimisce zelosos. Sem dúvida, debate e negociação não eram o que se precisava ali. A situação requeria uma solução mais brutal e decisiva.

Por sorte, Polônia tinha se preparado para essa eventualidade. Deliberadamente, juntou as mãos sobre a mesa, à sua frente. Reparou com alguma desaprovação que a superfície causava uma sensação incômoda em seus braços, como se tivesse encostado acidentalmente em um formigueiro.

Ele girou seu anel episcopal devagar, completando uma volta inteira no sentido anti-horário.

Até Polônia teve alguma dificuldade em seguir a seqüência exata dos acontecimentos que se seguiram a esse sinal previamente combinado.

Vykos foi pega no fervor de suas próprias declarações.

— E não acabará aqui, senhores. Neste momento, nossos agentes de campo já estão a postos. No fim desta semana, esmagaremos as forças da Camarilla em...

Ela foi interrompida pelo aparecimento do punho de uma faca de prata delicada saindo do meio de suas omoplatas. Pôde-se ouvir o engasgar surpreso da assembléia seguido de gritos de tristeza e, quase imediatamente, de fúria.

Vykos cambaleou para frente e quase caiu sobre a massa de seguidores. Muitos Lasombra que estavam próximos se afastaram com cuidado para os cantos escuros da câmara.

Uma voz sussurrou no ouvido de Polônia, a voz do enviado do ritual Travessia das Sombras, que havia sido ordenado há apenas duas noites.

— Está feito, mestre. Estou incumbido de lhe pedir que venha até nós de novo assim que for conveniente. Há muitas novidades que precisam ser discutidas, e agora temos um favor para lhe pedir em troca.

Como Polônia não fez objeções, o enviado continuou:

— Pense em seu pobre servo e tenha compaixão. Seria muita insensibilidade da sua parte permanecer afastado mais tempo do que esta ferida — obtida a seu serviço esta noite — demora para sarar. Fui vítima do toque de prata para seu próprio bem. Venha nos ver em breve.

Polônia massageou as têmporas e assentiu com a cabeça. A voz desapareceu tão depressa quanto aparecera. Polônia sabia que mais ninguém tinha ouvido aquilo, que mais ninguém conseguiria ouvir aquilo. O que mais o preocupava naquele momento era Vykos.

Quando olhou, Vykos virou-se lenta e dolorosamente para encarar o agressor. Os olhos dela dirigiram-se a Averros. Ele olhou rapidamente para um lado e depois

para o outro. Vendo-se sozinho, o único alvo sob o olhar dela, levantou a mão em protesto.

— Não, minha senhora. Está enganada. — ele começou.

A multidão de Tzimisce enlouquecidos avançou na direção dele, afogando seus protestos. Era como se a onda de demônios tivesse se fundido em uma enorme entidade, animada por um só desejo. O horror informe parecia encher a sala. Exibia pelo menos vinte cabeças e uns cinqüenta braços. Alguns desses membros descontrolados terminavam em garras terríveis, outros, em tentáculos gosmentos, outros ainda, em goelas abertas. Averros viu várias armas mantidas na superfície de uma onda agitada. Ameaçavam-no por entre despojos e estilhaços pontiagudos de garrafas de cristal quebradas. Vários membros intimadores que tinham delimitado o caminho de Vykos acumulavam-se sobre ele. Várias cadeiras, em diferentes estados de ruína, acompanhavam a maré.

A imensa muralha de carne e destroços desabou sobre Averros. Ele sentiu que estava afundando, empurrado pela maré revolta que o deixou com a nítida impressão de dezenas de mãos cravadas em suas pernas e tornozelos e arrastando-o para a morte. Ele gritou de horror quando a onda de carne informe fechou-se sobre sua cabeça, mas esse som insignificante perdeu-se no eterno rugir da rebentação.

Vox populi, vox dei. A voz do povo é a voz de Deus.

Vykos dobrou-se ainda mais, como se carregasse um grande fardo. Aparentemente, o peso adicional da delicada adaga em suas costas era demais para que conseguisse suportar. Ela cambaleou com a carga e caiu pesadamente sobre um joelho.

A onda Tzimisce rebentou de novo, desta vez em direção à mesa e à sua senhora caída. Mas hesitante, com medo de tocar em sua patronese — como se ao fazerem isso pudessem cancelar a mágica da encarnação dela, dissipar a visão. Não conseguiam suportar a possibilidade de que a salvação deles pudesse ser tão fugaz e frágil, como um nevoeiro de manhã sobre a praia.

Quando a maré recuou, depositou a sua mais recente vítima sobre a costa rochosa. Vykos nem sequer olhou para o corpo destroçado.

Com um grito de pura agonia, ela girou os ombros como se estivesse desfazendo um nó terrível. Ao fazer isso, o cabo da faca de prata girou também. O instrumento emergiu de seu ombro como o mastro de um grande navio surgindo no horizonte. O curso da lâmina foi interrompido de repente, preso de forma dolorosa na clavícula. Mas era o suficiente. Os dedos de sua mão direita fecharam-se em torno do cabo muito bem esculpido e puxaram-no, retirando a lâmina. Uma fonte de sangue ergueu-se em arco até o teto e Vykos caiu subitamente.

Polônia não conseguia mais ver a figura delicada através do turbilhão de fanáticos que se empurravam próximos a ela. Ele notou que estava de pé agora, esticando o pescoço para frente, apesar de não se lembrar de haver levantado.

Algo estava acontecendo. Havia uma certa agitação, mas Polônia não conseguia perceber os detalhes entre a turba. De repente, bem da ponta da mesa mais próxima de onde Vykos estava caída, um Tzimisce gritou. Polônia encolheu-se instintivamente com o som medonho. Sem dúvida, a pobre vítima tinha sido esmagada contra a superfície rígida da mesa pelo peso dos companheiros.

Mas havia uma incerteza implícita na conclusão de Polônia. Não podia afirmar com certeza que se tratava de um grito de dor. Talvez fosse de lamentação. Podia

muito bem ser que o grito pesaroso anunciasse a morte de Vykos, pedindo que o Senhor tivesse piedade do negro coração dela.

Isso era um grande desperdício, refletiu Polônia. Essa tal de Vykos tinha viajado milhares de quilômetros para tentar conquistar poder aqui, no mais significativo encontro do Sabá neste continente no último século. Ela tinha feito uma jogada arriscada com grande apelo dramático. E quase fora bem-sucedida.

Polônia não conseguia deixar de pensar que o desprezível Monçada devia ser um adversário verdadeiramente terrível para comandar a lealdade de lacaios tão poderosos e imprevisíveis. Resolveu manter-se bem afastado das maquinações do Cardeal Maledictus Sanguine no futuro.

Talvez daqui a uma década pudesse tentar restabelecer relações convidando o cardeal a seguir o bom precedente que Polônia estabelecera em Atlanta, a reunir algumas forças para o cerco de Buffalo, ou Atlantic City, ou alguma outra área natural sob o domínio de Polônia.

Um outro grito quebrou o silêncio solene da câmara do conselho. Desta vez, Polônia estava ainda menos certo quanto aos símbolos e agouros presentes nesse clamor significativo. Se não estava muito enganado, soava como um uivo de êxtase súbito.

Claro que não! Não se atreveriam. Polônia ficou furioso e começou a avançar por entre a multidão, balançando o báculo na sua frente, tentando abrir passagem. O grupo inconstante resistiu inconscientemente aos esforços dele. Era como nadar no meio de alcatrão, melaço ou areia movediça.

— Alto! Parem imediatamente ou terão a minha extrema desaprovação! Vocês não irão desonrar este conselho com seus desejos impuros — com sua diablerie infame. Parem, eu ordeno!

De repente, a multidão começou a se separar e ele avançou aos tropeções. A visão que atingiu seus olhos deixou-o petrificado.

O corpo de Averros estava lá, no chão. Mas não era o corpo de Averros. Estava retorcido, contorcido e diferente da forma original que Deus lhe dera. Agora parecia-se apenas com um altar baixo de mármore.

O mármore de carne viva doentio tinha veias azul claro. Era uma pedra inexistente na natureza. Algo mais perturbador ainda era que parecia pulsar lentamente e de maneira ritmada. Curvada sobre uma bacia natural no topo do altar estava Vykos. O sangue ainda escorria da ferida acima da clavícula e pingava suavemente na bacia quase cheia, embaixo.

Enquanto Polônia olhava, um Tzimisce cambaleou para frente, em direção à bacia. Ele recolheu a delicada faca de prata que estava do lado da bacia embutida e fez uma incisão profunda e em forma de cruz na palma de sua mão. Depois, encarando fixamente o olhar de Vykos, espremeu o punho sobre o recipiente.

Um pequeno fio de sangue escorreu por sua mão até o pulso antes de cair. Vykos juntou as mãos em forma de concha e mergulhou-as na bacia, deixando-as cheias da mistura de sangue. Ela as estendeu diante do rosto extasiado do jovem Tzimisce.

— Um só sangue. — ela recitou suavemente e com afeição.

Ele era completamente seu.

— Um só corpo. — ele respondeu de modo solene.

O Tzimisce bebeu intensamente, de olhos fechados, em reverência e êxtase. Segurando com delicadeza os pulsos dela, lambeu a palma da mão de Vykos e tirou todo o sangue.

O comungante fez uma reverência e retirou-se, mas foi imediatamente substituído por outro.

Polônia levantou-se com rapidez, apoiando-se pesadamente no báculo. A multidão não lhe ofereceu resistência nenhuma durante sua viagem de volta, longe do centro do rito de mistério. Mesmo assim, ele empunhou o cajado algumas vezes, só por via das dúvidas. Estava ansioso para escapar de qualquer outro pandemônio reservado para aquela noite — o incontrolável massacre que ficara agora claramente além de seus poderes escassos para evitá-lo ou redirecioná-lo.

Quando esbarrou bruscamente em seu arauto, Polônia ordenou:

— Faça meus comandantes irem até meus aposentos. *Todos eles.* — acrescentou firmemente, lançando um olhar intenso sobre os ombros.

Conforme as portas da câmara do conselho se fechavam com um estrondo atrás dele, já conseguia ouvir as primeiras notas báquicas e selvagens da Dança do Fogo.

parte dois:

A DANÇA DO FOGO

Terça-feira, 22 de junho, 00h07min
Peachtree Street
Atlanta, Geórgia

— Não está certo! — disse Caldwell, com os dentes cerrados.

Antonio Vallejo mal escondia sua raiva.

— O ataque tem de avançar, *señor* comandante.

Do outro lado da Peachtree Street, a via pública principal no centro de Atlanta, estava o *High Museum of Art*, uma estrutura redonda e única, construída ao redor do poço circular do salão interior. Além dos vários carros que tinham chegado mais cedo, incluindo duas limusines e um *Rolls Royce*, não havia sinal do encontro que Vallejo sabia estar acontecendo no quarto andar: uma reunião dos vampiros da Camarilla na cidade, juntos para se bajularem e admirarem as esculturas dos mortais, para se enganarem, para fingirem que, de alguma forma, ainda eram humanos. Juntos para, inconscientemente, morrerem sob uma conflagração infernal da violência.

Seria ótimo se o comandante Caldwell parasse com frescuras e desse as ordens preliminares para o ataque poder avançar.

— É uma ordem simples, *señor* comandante.

O comandante Caldwell tinha, é claro, outra opinião. Muito agitado, andou por entre as sombras sobrenaturais que escondiam os dois; massageou o couro cabeludo com as pontas dos dedos, para cima e para baixo, um polegar acima de cada orelha, os dedos mínimos juntos sobre o centro da cabeça calva. Enquanto massageava o crânio branco e rígido, seus dedos deixavam sulcos sobre a pele — fracos e quase invisíveis a princípio; mas à medida que Vallejo observava e a agitação de Caldwell aumentava, os sulcos ficaram mais profundos, buracos que, devido a seu tamanho, devem ter escavado a própria matéria do crânio do comandante. Mesmo assim, ele continuou a repetir o movimento, aparentemente despreocupado com a deformidade que causava em si mesmo, mas, na verdade, estava inconsciente do fato.

Tzimisce, pensou Vallejo. Agora tinha lembrado — como se pudesse esquecer! — a razão pela qual a mera referência ao clã causava tanta angústia em seu coração. Eles ao menos mantinham poucas pretensões de humanidade, ao contrário dos fingidos da Camarilla. Mas talvez os demônios tenham levado a sua transformação, a sua transcendência, como diriam vários deles, muito a sério.

Não que Vallejo tivesse alguma dúvida sobre o lugar ao qual a sua alma eterna iria se dirigir. Mas estes Tzimisce, estes demônios...

Que a Virgem nos ajude se alguma vez tiverem o controle do Sabá, pensou Vallejo, e depois envergonhou-se por sua beatice distraída. Ele havia deixado ostensivamente para trás as vestimentas religiosas que tanto marcaram a sua vida mortal, mas, como um penitente que deixa passar algum tempo — dois séculos e meio, para ser mais preciso — desde a sua última confissão, não gostava de abusar da sorte chamando a atenção da Mãe Santíssima. Esse erro era uma indicação óbvia da agitação de Vallejo, assim como a autodesfiguração do Tzimisce.

Vallejo censurou-se por essa complacência. Os tempos de guerra são os mais importantes para se ter disciplina. Por isso é que a obstinação de Caldwell era tão humilhante.

— O ataque não poderá acontecer enquanto suas patrulhas não recuarem, *señor* comandante — disse Vallejo.

Caldwell parou de andar, apontou um dedo grosso na direção de Vallejo e mostrou seus caninos evidentes quando disse:

— Alguém sabotou as ordens. Isto *não pode* estar certo.

Vallejo estava confuso, pois essa declaração era muito estranha para suas referências — uma ordem que não era aceita por um subordinado? Em séculos de treino nas mãos do cardeal Monçada, em Madri, nada o havia preparado para isso. Como líder de um esquadrão de legionários escolhidos a dedo pelo cardeal — a elite das forças militares do Sabá—Vallejo *sabia* que a tarefa de um soldado era executar ordens, e não questioná-las.

Mas este membro do Novo Mundo, este americano, não queria ou não conseguia ver essa verdade básica. Isso era mais do que o ressentimento previsível e natural de um Tzimisce contra o clã Lasombra, o mais astuto e politicamente dominante, percebeu Vallejo, já que as ordens "questionáveis" vinham de um outro Tzimisce, a conselheira Vykos. Não, essa insubordinação originava-se da eficácia do Velho Mundo em passar por cima da sensibilidade do Novo Mundo. A ofensiva que estava prestes a acontecer tinha sido concebida pelo cardeal Monçada e devia ser colocada em prática pela conselheira Vykos. Certamente, Caldwell e outros ficavam com o orgulho ferido ao verem planos que não conseguiram realizar ao longo das décadas serem executados por intrusos do outro lado do oceano. No entanto, pôr em risco toda a operação e a ascensão do Sabá neste continente era impensável, incoerente!

E, mesmo assim, isso estava acontecendo.

Caldwell recomeçou os movimentos repetitivos. Seu ajudante, um Tzimisce mal formado, não desfigurado totalmente e que parecia bastante infeliz por se encontrar próximo ao epicentro de uma disputa prestes a explodir, embrenhou-se mais ainda nas sombras. O ataque deveria ter acontecido à meia-noite. Ele já havia sido adiado sem necessidade e era provável que atrasasse ainda mais, a julgar pelos modos de Caldwell.

— Não está *certo*! — Caldwell disse novamente — Não estou disposto a deixar todo o crédito deste ataque ir parar nas mãos de uns malditos... Ele parou de repente, parecendo lembrar-se da presença de Vallejo.

— ...de uns malditos estrangeiros? — propôs Vallejo, deixando um certo grau de ameaça surgir em sua voz.

O americano lançou um olhar irritado ao comandante e procurou por termos talvez menos inflamados do que os que tinha começado a usar:

— De... de *outros*. — ele finalmente conseguiu dizer.

— Senhor, — disse Vallejo, forçando-se a usar um tom formal e claro para não demonstrar sua irritação crescente — suas tropas garantem que a nossa vitória seja total. Nenhum daqueles indivíduos conseguirá escapar e ninguém de fora será capaz de intervir.

— Eu quero uma parte da ação! — urrou Caldwell.

Vallejo recuou. Agora, inacreditavelmente, além de ter se tornado um obstáculo para a missão por se recusar a cumprir ordens simples, Caldwell estava, com as suas explosões de raiva, pondo em risco dois dos três comandantes que eram os principais contatos para o ataque.

— Fale mais baixo! — disse Vallejo energicamente, mas em um volume prudente. Lidar com o americano fez Vallejo sentir-se impelido a reavaliar sua estima pelo comandante. Podia até haver um toque de rivalidade entre o Velho e o Novo Mundo, mas a raiz do conflito era a falta de profissionalismo da parte mais a oeste. Vallejo já tinha lidado com teimosos em ambos os lados do Atlântico, e todos eles poderiam ter se revoltado, assim como Caldwell. Acontece que Caldwell tinha como obstáculo adicional a idiotice. Tudo isso levou Vallejo a uma conclusão inevitável.

Se ele gritar de novo, vou matá-lo.

Seria bem merecido. No entanto, deixando passar em branco outra explosão, Vallejo achava que a situação política — com a qual tinha respeitosamente tentado não se envolver — era muito frágil para realizar uma ação direta contra este idiota esnobe.

— As minhas tropas deveriam participar do ataque. — insistiu Caldwell, batendo o punho contra a palma da outra mão.

— Dê a ordem ou saia do caminho para arranjarmos alguém que faça isso... ou que *consiga* fazer isso. — disse Vallejo.

Caldwell eriçou-se com a sugestão de não estar à altura da tarefa. Apontou de novo para Vallejo. O dedo do Tzimisce, que tremia de raiva, quase tocou o nariz do espanhol. Vallejo resistiu à tentação de agarrar aquele dedo, empurrá-lo para trás até quebrar e continuar torcendo-o até que se soltasse completamente. O ajudante de Caldwell esgueirou-se ainda mais para dentro das sombras.

— Não vou engolir essa. — ameaçou Caldwell, com a voz elevando-se para muito perto do ponto que Vallejo tinha decido que exigiria uma ação drástica.

Apesar disso, Vallejo manteve-se perfeitamente atento. Apenas seus nervos de aço o impediam de atacar. Estava em uma situação difícil, tentando convencer um comandante Tzimisce a executar a ordem de um superior Tzimisce e, embora Vallejo fosse o veterano mais experiente, o Conselho deixara claro que os três comandantes — Vallejo, Caldwell e Bolon — tinham a mesma autoridade. Tudo isso passava pela mente de Vallejo enquanto encarava o dedo trêmulo daquele falastrão incompetente.

— Não vou engolir essa. — repetiu Caldwell, mais calmo.

— Engolir? — perguntou uma voz calma e fria atrás de Caldwell.

Ele se virou e viu, a menos de um passo de distância, a conselheira Sascha Vykos. Involuntariamente, Caldwell deu um passo para trás.

Vykos era alta e esguia. Como era costume dos Tzimisce, Vykos havia alterado sua aparência, a própria formação dos ossos e da pele, mas não da mesma maneira que o batalhão de carniçais guerreiros, massas errantes de musculatura destrutiva que ela dirigia através do comandante Bolon. A testa de Vykos estava esticada para cima e para trás, formando uma crista simétrica de carne. Pelo menos naquela noite, naquele momento.

Ao longo dos anos, Vallejo viu Vykos em diversas ocasiões lá em Madri. Embora a aparência física fosse bastante maleável para os demônios Tzimisce, ela se reinventava mais do que a maioria de seu clã e com a mesma freqüência que uma mulher mortal muda de penteado. Mas mesmo essa aparência sempre variável era, como Vallejo sabia muito bem, menos perturbadora, embora completamente desconcertante, do que o ar casual de crueldade que se prendia a ela. E isso acontecia sempre, não importa o aspecto distorcido que ela escolhesse ou se estivesse atolada

em cadáveres desmembrados ou bebericando vitae de uma taça de cristal.

Era essa a mulher, a criatura que Caldwell encarava. Era dela a vontade que tinha desprezado ao se recusar a executar a primeira fase do ataque da noite.

— Não há nada para o senhor engolir, comandante. — disse Vykos — A sua tarefa é dar as ordens que lhe foram confiadas.

— Conselheira Vykos. — disse ele, fazendo uma pequena reverência atrapalhada — Não esperava vê-la aqui.

— Realmente, — ela ronronou, como um felino assassino, aproximando-se cada vez mais do descontente e constrangido comandante — não planejava aventurar-me tão perto de um lugar que, na minha ignorância, pensava que seria um campo de batalha.

Caldwell recuou com essa censura. A parte ferina da sua indignação parecia tê-lo abandonado, ou pelo menos ter sido aplacada, agora que estava cara a cara com o superior responsável pelas ordens que tanto o haviam irritado. O tom de voz suave e o sorriso firme e falso dela tinham anulado a arrogância de Cadwell.

— Há algo errado. Houve algum... mal-entendido. — disse-lhe Caldwell — O que eu recebi não podem ser as ordens que você me deu. Alguém as sabotou, não as forneceu corretamente.

Vykos olhou fixamente para o comandante. Ela não lhe respondeu, nem com palavras, nem com uma expressão.

— Recebi ordens para que meus soldados aguardassem, — continuou ele — para que se sentassem e ficassem simplesmente assistindo ao ataque.

Sua ira aumentou de novo quando se lembrou das injustiças de que tinha sido alvo.

— Os meus rapazes matam tão bem quanto quaisquer outros. Muitos deles são *Tzimisce*. — disse ele, enfatizando a última palavra para sua companheira de clã — Eles merecem um pouco da ação. E os outros... parte dos outros estão aqui para lutarem contra seus próprios clãs.

Vallejo cuspiu com desprezo depois da menção aos *antitribu*, os Cainitas que tinham realmente abandonado seus clãs, rejeitado o seu sangue e desafiado seus anciões. Vallejo era incapaz de respeitá-los. *Carne para canhão. Nada mais.*

A saliva atingindo o pavimento soou como um trovão no silêncio tenso das sombras. O insulto não passara despercebido ao comandante Caldwell, mas, neste momento, tinha problemas mais urgentes para resolver.

— Eu sei que você não ordenou que nos limitássemos a ficar olhando. — disse Caldwell — Você não faria isso. Meus rapazes merecem um pouco da ação. E eu também. Isso é só um truque... Alguém alterou as ordens.

— Hum.

Vykos inclinou-se para frente e cheirou a orelha esquerda de Caldwell, e, depois, a direita. O comandante parecia completamente perdido em relação ao que fazer, mas permaneceu firme e insistiu em defender sua opinião, gaguejando um pouco.

— Os meus soldados... os *nossos* Tzimisce e os outros... são... quer dizer, você sabe, merecem um pouco...

Vallejo, completamente ignorado neste momento, observava esse diálogo peculiar que estava muito além de sua percepção da relação entre oficiais de posições diferentes. Os dois demônios, a apenas alguns centímetros de distância um do outro,

embora sem se tocarem, agora davam-lhe a impressão de serem serpentes em algum ritual de acasalamento complexo.

Mas então Vykos tocou seu companheiro de clã.

— Shh. — ela exprimiu suavemente, como uma mãe para um bebê, colocando com delizadeza as palmas de suas mãos sobre a face dele.

— Você está muito enganado, comandante.

A voz dela era reconfortante agora, mas apenas daquele jeito em que o gelo causa insensibilidade.

Mesmo entre as sombras densas que preservava, Vallejo teve a impressão de ver os olhos dela brilhando, e não com o vermelho animalesco que muitos Cainitas conseguiam atingir, mas com um azul intenso e frio. Caldwell tentou protestar, mas ela, pondo o dedo suavemente sobre os lábios dele, silenciou-o e voltou a depositar sua mão no rosto do vampiro.

— Sem parte ativa no ataque? — perguntou ela — Como pôde acreditar nisso, meu caro comandante?

Vykos balançou a cabeça, entristecida.

— Quando as patrulhas receberem ordens para avançar, irão formar um cerco em torno daquele museu. Está vendo o museu?

Ela girou o rosto dele ligeiramente para o lado, fazendo-o enxergar o High. Depois, Vykos mexeu a cabeça dele para cima e para baixo, em sinal afirmativo.

— Ninguém escapará... por causa das patrulhas — ela explicou pacientemente.

— E sabe quem está lá dentro, comandante?

Desta vez, ela não lhe deu tempo de responder e continuou a falar.

— O príncipe desta cidade está lá, o que significa que outros provavelmente tentarão ajudá-lo — policias mortais, talvez. Mas sabe o que eles vão encontrar?

Formava-se uma luz nos olhos de Caldwell, uma luz de compreensão — e não a compreensão da estratégia, o que Vallejo achava que era óbvio desde o começo. Caldwell, à medida que Vykos o acalmava e acariciava, estava percebendo seu próprio medo.

— Eles vão encontrar o caminho bloqueado. — ela respondeu a si mesma —O príncipe não receberá ajuda. E nem os outros.

A ausência de som rivalizava com a ausência de luz naquela rua escura. Caldwell e Vykos estavam praticamente se encarando, a cara branca dele nas mãos brancas dela. Vallejo, sentindo-se um perfeito espectador, continuava observando tudo com um deslumbramento alheio, enquanto o discreto ajudante de Caldwell parecia infiltrar-se pelas falhas da calçada — um truque que certamente nem os Tzimisce tinham aperfeiçoado.

— Está vendo como as patrulhas são importantes? — perguntou Vykos. Dessa vez, deixou Caldwell mover sozinho a cabeça, afirmativamente.

—Ótimo. Queria ter certeza.

Então, ela começou a apertá-lo com as mãos, com força. Uma expressão aflita apareceu no rosto de Caldwell, mas logo deu lugar ao medo. Ele agarrou os pulsos dela e tentou afastar as mãos de Vykos, mas não conseguiu.

Os olhos de Vykos brilharam com mais intensidade. O rosto de Caldwell começou a ceder sob a pressão contínua. Aos poucos, as mãos dela comprimiram a estrutura óssea da face e do queixo. O rosto dele de repente adquiriu um formato alongado,

exagerando ainda mais os sulcos ao longo do crânio. Um gemido rouco subiu-lhe pela garganta.

Vallejo olhava com um fascínio horrorizado. Não conseguia forçar-se a olhar para outro lado.

Como manteiga derretida, pensou ele. Em breve, as mãos dela iriam encontrar-se no centro. *Espremendo-o como...*

Mas, quando Vallejo tinha acabado de formular esses pensamentos, Vykos afundou os polegares nos olhos de Caldwell, *através* dos olhos dele — pois ela não parou na parte gelatinosa, que agora escorria pela cara do vampiro. Caldwell agitava-se espasmodicamente enquanto os polegares dela, como facas incandescentes, enterravam-se em seu cérebro.

Vallejo não se lembrava de ter visto o corpo cair ou despencar no chão, mas lá estava ele, com Vykos de pé em cima dele. Ela sacudiu os dedos e um salpicar de fluidos corporais atingiu o chão, como as primeiras gotas de chuva de uma tempestade.

Vykos virou-se para o ajudante de Caldwell, o franzino Tzimisce cuja determinação mal o impedia de fugir noite afora.

— Dê a ordem. — disse ela — O ataque irá acontecer.

Ela se virou e se afastou, segura de que as suas instruções seriam executadas prontamente.

Vallejo, observando a conselheira, achou que a ouviu cantarolar baixinho enquanto se afastava.

Terça-feira, 22 de junho de 1999, 00h26min
Perto do *High Museum of Art*
Atlanta, Geórgia

— Calem estas bocas antes que eu as arranque. — disse Marcus a cada uma das figuras negras e ágeis, Delona e Delora, que estavam a seu lado na parte de cima do estacionamento. Elas e Jorge "Dedos", que se encontrava obedientemente calado e embrulhado em sua capa, estavam em seus postos há quase duas horas. Marcus estava aguardando ordens até aquele momento e a espera o deixava nervoso, tanto quanto as gargalhadas estridentes de Delona e Delora.

Elas usavam uma espécie de linguagem codificada que Marcus não conseguia entender, e ele sempre achava que estavam falando, e *rindo*, dele. Depois de ter feito a ameaça, ele percebeu que seria difícil arrancar a boca de alguém, já que não passava de um buraco, mas decidiu não se importar com isso.

— Calem-se, suas merdinhas.

Elas eram pequenas e escuras — claro que qualquer um ficava pequeno se comparado a Marcus — portanto, eram realmente merdinhas, pelo menos para ele. No entanto, pareciam-se mais com aranhas, com membros compridos e finos que dobravam para cima, junto ao corpo. E a pele, além de escura, parecia ter sido totalmente queimada. Marcus, incapaz de conciliar suas próprias analogias, não conseguia entender por que uma aranha seria queimada, e nem uma merda.

Pior que o fato de estarem ignorando sua ordem de silêncio — e Caldwell o havia deixado no comando — era o receio de que aquela tagarelice toda denunciasse a posição da patrulha. Afinal, estavam bem perto do museu, era só virar a esquina. Será que essas merdinhas não conseguiam perceber que este era um trabalho tão importante que deviam permanecer caladas? O fardo da responsabilidade pesava demais sobre os ombros de Marcus.

— Se eu tiver que dizer mais uma vez...

Mas elas ficaram quietas de repente. Os tufos negros das orelhas de Delona e Delora enrijeceram-se e tremeram. Marcus também ouviu o barulho: uma porta abrindo-se embaixo deles; uma porta *sendo aberta*, e isso significava que *alguém* a estava abrindo. Marcus, com o sangue fervendo por causa da espera interminável e dos testes de liderança, correu até o muro do estacionamento para espiar. As merdinhas o rodearam.

Uma figura solitária tinha realmente saído do estacionamento e dirigia-se para a esquina. Marcus fora instruído para não deixar ninguém passar pelo estacionamento, nem em direção ao museu e nem para longe dele. A figura estava se afastando do museu, e de uma maneira furtiva. O ranger suave da porta se abrindo foi a única coisa que o denunciou.

Enquanto Marcus decidia que ordens dar, Jorge passou correndo por ele, atravessando a grade e saltando sobre a figura na rua.

Marcus estava atônito. Jorge tinha se antecipado à sua primeira ordem *real* de comando. Pior ainda foi o fracasso de Jorge. Talvez tenha sido o flutuar da capa que o denunciara ou então a vítima possuía reflexos incríveis. De qualquer forma, quando Jorge o atingiu, o estranho caiu para trás, saiu rolando e ficou de pé, enquanto Jorge se esmagava no chão.

Marcus lançou um urro de descrença. Delona e Delora, entretidas pelo fato de seu líder ter acabado de perder completa e involuntariamente tudo o que restava do elemento surpresa, riram histericamente.

O estranho surpreendentemente ágil era moreno claro, tinha um bom corte de cabelo e usava roupas formais. Ele olhou para cima, para Marcus e os outros. Jorge aproximou-se, atirou a capa para trás e desenrolou seus dedos, cada um com metros de comprimento, que sacudiam e se entrelaçavam como serpentes incansáveis. Ao mesmo tempo, como uma jibóia consumindo um animal grande, ele abriu as mandíbulas e riu, enquanto sua boca ficava suficientemente grande para ingerir uma criança pequena.

Para a surpresa de todos, o estranho não fugiu. Em vez disso, assumiu uma posição de combate e sua voz ecoou nas paredes de cimento do estacionamento:

— Venham, filhos da mãe! Vou levar um de vocês comigo. Quem vai me acompanhar até os infernos de Set?

Set! Marcus não conseguia acreditar na própria sorte. Claro, apenas outra criatura da noite teria sido capaz de se esquivar do golpe de Jorge. E melhor ainda é que Caldwell ficaria muito contente quando Marcus levasse até ele a carcaça esmagada de um Setita!

Delona e Delora, sem esperarem ordens, já estavam rastejando pela parede do edifício, e o Setita recuava. Marcus não tinha a intenção de ficar de fora na parte mais animada. Ele colocou uma perna sobre a grade e lançou-se no ar. Suas pernas, suficientemente poderosas para esmagar uma bola de boliche ou, com um leve esforço, destruir um parquímetro, enviaram-no bem longe do Setita em fuga, que estava obviamente assustado e não tinha como escapar. Dois buracos novos no solo marcaram o local da aterrissagem de Marcus.

— Foi muito simpático da sua parte ter vindo. — sibilou Delora no seu inglês raramente usado e com um sotaque estranho.

Marcus saltou de novo, diretamente para cima do Setita desta vez. Apesar da distração causada pelos outros três membros do Sabá, a vítima viu-o se aproximar e mergulhou para fora da calçada, novamente rolando e ficando de pé com um salto. Assim, fez Marcus atingir apenas o ar quando ele tentou dar um golpe esmagador no local deixado vago pelo Setita.

Agora, o Setita correu de verdade, mas Delona e Delora eram incrivelmente ágeis e rápidas. Elas saltaram na frente dele, impedindo sua fuga novemente, e, quando o Setita parou, Jorge atacou-o. Seus dedos moviam-se no ar como víboras famintas. Eles atingiram o Setita e enrolaram-se em torno de seu corpo, imobilizando um de seus braços.

Do local onde estava, Marcus viu o que Jorge provavelmente não conseguia ver. Com a mão livre, o Setita tirou uma faca de algum lugar. Ele se curvou; talvez houvesse um estojo em seu tornozelo, escondido por baixo das calças.

Mas que bela faquinha!, Marcus pensou ao se aproximar pelo lado em que o Setita não o via, querendo acabar com a presa antes que as merdinhas dançantes tivessem alguma chance de atacá-lo. Isso iria lhes mostrar quem estava no comando. Marcus ficou de olho na faca, embora fosse pouco provável que uma laminazinha daquelas conseguisse atravessar sua pele inumanamente grossa ou o ferisse de forma grave.

Gosto deste Setita, pensou Marcus, vendo sua vítima ainda lutando, mesmo com um braço imobilizado e completamente cercado. *O cara tem colhões.* Pelo menos tinha, até Marcus espremê-los.

Nesse instante, o Setita jogou as mãos para cima, segurando a faca, mas não a lançou...

Algo atingiu o rosto de Marcus. Uma dor escaldante e terrível nos olhos. Escuridão. A dor se alastrando.

Ele agarrou seu rosto, seus olhos, sem se importar que seus dedos também haviam começado a arder. Sem conseguir enxergar, Marcus movia-se descontroladamente de um lado para o outro, massacrando com os pés qualquer lado para onde sentisse que ia cair. O pavimento despedaçava-se debaixo dele, ficando muito mais perigoso. E seus olhos continuavam ardendo.

Ácido, ou algo parecido.

Marcus cravou as unhas em sua própria face e arrancou um pouco da carne ao redor dos olhos. Não ajudou muito. Ele forçou-se a abrir os olhos, apertando-os e piscando sob a luz forte da rua.

Ainda estava mais próximo da luta do que conseguira perceber na sua cegueira. O Setita tinha atacado de novo. A poucos passos de distância, Jorge estava caído, com a pequena faca atravessando a mão. Seus movimentos eram abruptos e desengonçados, como se tivesse perdido o controle dos membros, e ele gemia penosamente, como um gato morrendo. O Setita, de costas para Jorge e Marcus, estava pronto para lutar com Delona e Delora.

Marcus atacou violentamente com seu punho poderoso e atingiu em cheio o desprevenido Setita entre as omoplatas, jogando-o longe. O vampiro aterrisou com força no pavimento, a vários metros de distância. Nada de esquivas dessa vez.

Delona e Delora saltaram sobre ele instantaneamente, dando uma série de golpes na cabeça e nos ombros dele, atingindo seus braços e pernas quando tentava se levantar. Marcus empurrou-as para o lado, levantou o Setita pelo pescoço e depois virou o vampiro, para que os dois ficassem cara a cara.

E Marcus sorriu.

Apesar de seus olhos estarem ardendo e lacrimejando, apesar da visão turva, Marcus sorriu enquanto colocava os braços em torno do Setita e o espremia. Costelas quebraram-se. Um som magnífico — quase tão bom quanto o grito de angústia que agora era emitido pelo Setita.

Morra, homenzinho. Morra! O sorriso de Marcus ficou ainda maior com o som da vítima indefesa engasgando com o sangue que lhe subia à garganta enquanto as costelas quebradas perfuravam e rasgavam seus órgãos.

O grande Tzimisce sentiu prazer até com o sangue que o Setita tossiu em sua cara. Era o sangue da vitória.

Marcus urrou de triunfo quando o Setita não conseguiu mais resistir à força terrível dos braços fortes do inimigo. Articulações estalaram. A carcaça do Setita foi quase toda esmagada, certamente liquefeita pela força quase geológica que Marcus exerceu. O Tzimisce aproximou os restos de seu peito. Ele conseguia sentir o cheiro do sangue fresco que ensopava o antes sofisticado traje de noite. Depois, Marcus esticou os braços, empunhando os restos...

Só que não havia restos. Pelo menos não havia corpo. Havia sangue, sim, mas não o suficiente. Nada de entranhas arrebentadas, nada de carne liquefeita escorrendo na calçada. As últimas notas do urro triunfante de Marcus ficaram presos em sua garganta e ressurgiram como um grito de frustração.

Delona e Delora perceberam o que tinha acontecido — o Setita tinha, de alguma forma, escapado do abraço de Marcus, deixando apenas sua roupa, como quem muda de pele. Mas as gêmeas sombrias não sabiam para onde o Setita tinha ido, e nem Marcus. Eles começaram a correr em várias direções — rua acima, rua abaixo, até a esquina, pelo estacionamento — mas o Setita tinha obviamente fugido.

— Já era. — disse Delona, como se alguma explicação fosse necessária.

— Já era. — repetiu Delora.

Marcus deixou cair as roupas vazias. Depois de horas de espera e de ordens ignoradas, o único intruso que a sua patrulha detectara os tinha enganado. Jorge estava em convulsões no chão, e o próprio Marcus estava meio cego por causa de alguma espécie de veneno colocado naquela faquinha insignificante. Isso era muito mais do que ele conseguia suportar. A visão turva do Tzimisce tornou-se vermelha de raiva. De repente, ele abriu suas poderosas mandíbulas e atacou de surpresa Delora. Agarrou-a pelo pescoço, que se partiu. Na verdade, a cabeça dela ficou presa ao corpo apenas por alguns tendões ou músculos, ou algo parecido. Vendo-se privado do banquete que o Setita lhe proporcionaria, Marcus sugou a vitae que havia naquela pequena criatura e jogou a carcaça seca na rua como se fosse um saco de lixo.

— Livre-se *disso*. — ele disse a Delona, apontando para a sua antiga companheira.

— E depois, leve o Jorge de volta para cima. Agora!

Desta vez, ele reparou que Delona o obedeceu rapidamente. Enquanto ela cumpria as ordens e Marcus piscava repetidamente e esfregava os olhos, o pequeno rádio em seu bolso começou a tocar. O aparelho parecia um brinquedo de criança na mão colossal do Tzimisce. Ele apertou rapidamente o botão correto.

— Patrulha cinco. — disse.

— Apertem o cerco. — disse a voz, que parecia muito mais distante do que realmente estava — Reduzam para quarenta e cinco metros.

Marcus reparou que não era Caldwell, mas um de seus ajudantes, o tímido. Mas isso não tinha nada de anormal.

— Tá! — disse Marcus, e depois lembrou-se que deveria dizer algo mais formal, mas, com toda aquela espera, confusão e frustração, não se lembrava da palavra específica.

— A caminho. — ele disse e enfiou o rádio no bolso.

— Anda, sua merdinha. — Marcus falou para Delona.

Jorge ainda não conseguia se mover, se é que alguma vez voltaria a fazer isso — quem saberá o que um veneno Setita pode fazer a um baixinho como ele? Portanto, a patrulha de Marcus era composta por ele e Delona agora. Pelo menos, ela não estava mais dando risada.

Terça-feira, 22 de junho de 1999, 00h50min
Peachtree Street
Atlanta, Geórgia

Felizmente, o corpo de Caldwell fora removido. Não que Vallejo não tivesse estômago para agüentar a proximidade de um corpo retalhado — na verdade, seu trabalho geralmente envolvia ações que produziam corpos retalhados, muitas vezes em grande número — mas precisava se concentrar no ataque que estava prestes a realizar sem ser distraído pela lembrança sinistra do que a conselheira Vykos tinha feito ao ex-comandante.

Após a remoção desse obstáculo, as patrulhas foram dispostas em um cerco apertado em torno do museu, formando bloqueios nas ruas ao redor para desencorajar transeuntes casuais, apesar de o centro de Atlanta, a esta hora, em um dia de semana, estar praticamente deserto. A possibilidade de morrerem alguns civis não preocupava Vallejo, mas havia o perigo de a polícia se interessar pelos bloqueios ou pelo próprio museu. Tentando evitar essa eventualidade, uma série de chacinas estavam acontecendo a vários quilômetros do centro. Vykos tinha ordenado que fossem mortas pelo menos duas dezenas de mortais. Acreditava que um ataque dessa grandeza em uma cidade adormecida manteria as equipes de emergência e a polícia ocupadas por horas.

Vallejo não esperava que precisassem de tanto tempo.

Em silêncio, deu o sinal para o início do ataque. Um observador casual poderia ter ficado intrigado com a ausência de resposta ao sinal de Vallejo, pois não teria visto o manto de escuridão que apareceu perto do vampiro e se espalhou lentamente pela rua. Os postes de iluminação pareciam piscar à medida que a luz que projetavam era sugada pela escuridão. A sombra continuou avançando até a rua inteira ficar coberta por trevas e as luzes dos postes parecerem apenas sinais luminosos a metros de distância. A lua, quase cheia, estava visivelmente obscurecida.

Vallejo estava muito orgulhoso da investida eficaz de seu esquadrão de legionários. A escuridão avançou, envolveu completamente a base do museu e depois infiltrou-se pela longa rampa e pelas escadas da entrada principal. Vallejo sabia que as outras saídas também estavam em segurança, principalmente o estacionamento colado ao museu, onde os espiões reportaram estar localizada pelo menos meia dúzia de motoristas e criados — carniçais alimentados com o sangue da Camarilla, provavelmente — à espera dos seus senhores.

Como se fosse uma resposta aos pensamentos de Vallejo, uma figura de pura sombra tomou forma ao seu lado, onde antes não havia nada. Ela se elevou da calçada e assumiu forma humana, apesar de ser escuridão dos pés à cabeça. Depois, as trevas misturaram-se, ganhando tons e substâncias mais identificáveis, e Vallejo viu-se do lado do legionário Alcaraz.

Alcaraz fez um gesto rápido com a cabeça, uma forma de saudação.

— Área do estacionamento está em segurança, senhor.

— Carniçais? — perguntou Vallejo.

— *Sí.*

— E as outras saídas?

— Em segurança, senhor.

— Todas?

— *Sí.*

— Muito bem. — disse Vallejo, confiante nas habilidades e capacidade de julgamento de Alcaraz — Assuma a sua posição.

Alcaraz assentiu de novo. A expressão dele congelou, como se sua imagem visível estivesse realmente parada há alguns segundos. Então, ele começou a escurecer, de fora para dentro, e tornou-se novamente uma forma de sombra pura, que perdeu o contorno, tornando-se um pingo gigante de tinta flutuando em um inescrutável lago negro.

Vallejo levou o rádio à boca.

— Comandante Bolon.

— Bolon falando. — essa foi a resposta que se seguiu quase imediatamente, acompanhada de estalidos.

— Exterior em segurança. — relatou Vallejo — Fase dois terminada.

— Fase três começando.

— Confirmado. — Vallejo prendeu de novo o aparelho no cinto.

Agora, para onde quer que Vallejo olhasse, as sombras estavam vivas, movimentando-se lentamente e de maneira metódica. Não eram figuras emergindo da própria substância da sombra, como tinha feito o tenente, mas formas maiores, vagamente humanóides — algumas mais do que outras — que se moviam em fila para o museu. As sombras variavam em contorno, bem como em número e na configuração dos membros, mas todas eram imensas. Elas pareciam torres ao lado de Vallejo, que tinha mais de um metro e oitenta. A impressão que se tinha desse novo avanço era quase como se os próprios prédios da cidade estivessem se fechando sobre o *High Museum*.

E pode até ser isso, pensou Vallejo, por estar tão confiante nos planos que seguia. Tinha servido ao cardeal Monçada por tempo suficiente para saber que seu benfeitor não fornecia apoio — muito menos um esquadrão inteiro de legionários — para ações que *talvez* dessem certo.

Os carniçais guerreiros de Bolon — na realidade, os carniçais de Vykos, já que os legionários eram leais a Monçada e não a Vallejo — continuavam avançando livremente até o museu envolto em trevas, e depois se separaram em patrulhas. Uma patrulha dirigiu-se para o elevador do estacionamento. Outra preparou-se para forçar a entrada pelas portas principais. E ainda outras começaram a escalar as paredes do museu. Vallejo estava estupefato com a agilidade daquelas criaturas imponentes, mas lembrou-se que elas tinham sido criadas especificamente para missões deste tipo, talvez para esta exata missão. Eram obras primas — edifícios monolíticos de músculo e osso endurecido debaixo de uma espessa camada de couro. A vivacidade mental que foi sacrificada nessas transformações era mais do que um objetivo ingênuo, Vallejo tinha certeza.

Caldwell teria tanta sorte, pensou Vallejo.

Mas a espera estava chegando ao fim. Havia sangue a ser derramado. Sangue fresco. E ele teria sua parte. Verificou uma última vez a arma e as granadas fabricadas sob encomenda que estavam presas a seu cinturão. Depois, com a calma proveniente da herança Lasombra, abandonou sua forma física para se juntar à escuridão diante dele e a conduziu para cima, ao longo da parede do museu, ultrapassando os carniçais guerreiros que a escalavam e em direção às vítimas que estavam lá dentro.

Terça-feira, 22 de junho de 1999, 01h04min
Quarto andar do *High Museum of Art*
Atlanta, Geórgia

— Que o Elísio vá para o inferno, vou puni-lo por sua atitude intolerável. — falara J. Benison Hodge, o príncipe Malkaviano de Atlanta.

Julius testou o peso e equilíbrio reconfortantes da espada em sua mão. Possuía uma lâmina idêntica amarrada às costas. Apesar de este museu ser um Elísio, como tinha gritado o príncipe legítimo, e qualquer espécie de violência realizada aqui fosse um anátema, Julius conhecia muito bem a natureza excêntrica de Benison, a sua inclinação para a raiva e violência incontroláveis — que as regras, mesmo as suas próprias regras, fossem para o inferno. Era com isso que Julius estava contando.

A galeria, um jardim com estátuas e divisórias de vidro negro, fazia Julius se lembrar de um cemitério, mas os monumentos eram um pouco maiores e feitos de granito, em vez de mármore. O arconte Brujah estava preparado — ansioso, na verdade — para colocar uma nova pedra tumular na cidade. Tudo de que precisava era que o príncipe tentasse executar suas ameaças públicas e impensadas e, à sombra das portas imensas e resistentes, que faziam parecer pequenas até mesmo as maiores esculturas — pretensão dos Toreador atrás de pretensão dos Toreador — o príncipe parecia estar prestes a fazer a vontade de Julius.

Enquanto os Membros que assistiam a tudo tropeçavam uns nos outros, tentando sair do caminho, Benison avançava, com a vontade de matar estampada nos olhos, que lançavam clarões verdes em sua grande barba ruiva. Esse vampiro forte e imenso como uma torre era um dos poucos que conseguiriam derrotar Julius em uma luta corpo-a-corpo. No entanto, empunhando a espada com firmeza, mas sentindo-se confortável, e encarando o príncipe Malkaviano desarmado, Julius não achava necessário submeter-se a uma luta corpo-a-corpo.

Ele vai me atacar, e eu irei destruí-lo — Julius pensou com calma.

A disputa, que já durava muitos anos, originou-se dos maus tratos sistemáticos realizados pelo príncipe sobre o clã Brujah. Nenhum desses vampiros era particularmente próximo ou querido a Julius, é verdade, mas as aparências e a dignidade do clã deviam ser mantidas. Depois, no ano passado, uma quase quebra da Máscara — informações sobre a Maldição Sangüínia que vazaram para a imprensa — e uma grande revolta dos Anarquistas em Atlanta deram a Julius motivo suficiente, aos olhos dos seus superiores na Camarilla, para realizar uma investigação intensa das ações de Benison, que pareciam ameaçar a tão desejada estabilidade do poder instalado. E depois do ataque da noite passada com mísseis terra-ar a helicópteros da polícia — uma violação gritante da Máscara, se é que alguma vez existiu uma máscara! — Julius sentia que qualquer ação contra Benison seria apoiada pelo seu mestre, o justicar Pascek.

No entanto, o que Julius queria principalmente era uma desculpa para destruir o alucinado príncipe e ex-confederado. Benison parecia determinado a oferecer-lhe essa desculpa. Julius manteve sua posição, tomando cuidado para não revelar a direção do primeiro ataque. O príncipe deu as ordens, mostrando um punho de articulações brancas...

E as trevas cobriram o museu.

Os outros sentidos de Julius ficaram instantaneamente hiper-alertas, compensando a súbita perda de visão. Alguém por perto gritou — um instinto primitivo em qualquer multidão mergulhada nas trevas, aquele que não morre com a alma mortal, mas Julius não teria sobrevivido por tantos séculos se entrasse em pânico.

Notou tudo de uma vez: a multidão ainda fugindo desesperadamente, mesmo nas trevas, para se afastar dele e do príncipe; Benison abortando seu comando, uma rara exibição de prudência; ninguém tirando vantagem da escuridão para se aproximar de um dos combatentes — portanto, não era uma conspiração da anfitriã, Victoria Ash, ou de qualquer outro, fazer um assassino se aproximar do príncipe ou do arconte. De qualquer maneira, Julius duvidava que Victoria fosse tentar algo tão ousado. Obviamente, ela esperava incitar Julius a um confronto com o príncipe, mas fora pega desprevenida pela determinação e intenção evidente de Julius de seguir essa direção diretamente, sem o benefício das manobras e esquemas mais sutis que ela propunha. O *modus operandi* de Victoria era mais o do punhal nas costas, enquanto Julius preferia enfrentar a fera.

Depois dos primeiros gritos, um silêncio intenso abateu-se sobre a galeria. A julgar pelo confuso arrastar de pés, Julius suspeitou que todos os presentes tinham sido apanhados de surpresa pelo blecaute súbito, mas, com certeza, isso não fora um acidente...

Onde estão as luzes de emergência?, interrogou-se. Depois, ao mudar de posição, viu que havia algumas luzes intermitentes nas unidades de emergência...

Não, a luz não estava se movendo. *As sombras estavam.*

Com um ou dois passos rápidos, Julius discerniu um rodopiar nas sombras. Formavam-se desenhos enquanto a escuridão artificial se movia para cercar os Membros presentes. As divisórias de vidro, negras e opacas, realçavam esse efeito. Será que Victoria teria alguma coisa a ver com isso afinal. Mas então, as trevas o apanharam, fecharam-se à sua volta e cobriram de novo qualquer luz existente. Alertado pelo aspecto artificial da escuridão ao redor, Julius agora distinguia peso e substância na sombra e sentia que ela o pressionava com uma determinação crescente. Tentáculos negros se formaram, agarram seus braços, pernas e a espada. Subitamente, Julius percebeu contra o que estava lutando.

— Lasombra! —alguém gritou.

O breve silêncio quebrou-se porque, uma após outra, as luzes de emergência explodiram. Faíscas sibilaram pela galeria como foguetes e, quando se apagavam, uma imensa escuridão descia para acrescentar sua influência à sombra anormal.

Julius atacou os tentáculos. Não podia ficar imobilizado. Era uma sensação estranha cortar uma escuridão palpável com a espada. Os tentáculos danificados transformaram-se em nada e as sombras afastaram-se momentaneamente, mas só para recomeçarem o ataque de direções diferentes.

Formou-se o caos ao redor de Julius. As sombras avançavam e recuavam de maneira ameaçadora; os tentáculos desferiam golpes enérgicos que atiravam os Membros no chão. Outros fios negros, provando ser apenas um modo de distrair os inimigos, passavam ilesos através de punhos ou espadas erguidos contra eles. Mas, no meio de tudo aquilo, sempre havia as sombras rodopiantes, percorrendo a vasta câmara como violentas nuvens de tempestade. Portanto, em um momento, Julius estava ao lado de outro vampiro e, em outro, após a escuridão ter se fechado, sentia-se sozinho no meio de um enorme espaço negro.

Julius tentou ter certeza de seus golpes. De relance, viu Benison atacando uma sombra e acabando por dar um murro na cara de uma azarada qualquer. A pobre garota desabou.

O príncipe também parecia estar lutando contra o ataque dos Lasombra — e o que mais poderia ser? Nenhuma outra criatura teria tanto poder sobre as sombras. Apesar de manter os tentáculos longe, Julius não sabia como lidar com o problema. E nem todos os Membros estavam saindo-se tão bem quanto ele e o príncipe. A alguns metros de distância, uma massa negra contorcia-se violentamente no chão. Surgiu um braço envolto em um casaco de noite que Julius tinha visto em *alguém* há alguns minutos. Agora, o braço, e o Membro a quem ele pertencia, lutava contra a sombra inplacável que o pressionava contra o chão.

Os pensamentos descontrolados de Julius sobre o que fazer a seguir — como encontrar o Lasombra que controlava a escuridão ou interromper o ataque em sua origem — foram interrompidos pela descoberta de que seus problemas tinham acabado de se multiplicar.

As poucas luzes de emergência restantes produziam um efeito estroboscópico nas sombras dançarinas, e havia muito mais formas — enormes, monstruosas — avançando naquele cenário confuso.

— Sabá! — berrou Julius, esperando chamar a atenção de Benison ou de outros poucos que poderiam fazer a diferença.

Julius se viu olhando para *cima*, na direção das criaturas que pareciam vir de todas as direções. A menor tinha mais de dois metros. Ombro com ombro, apagavam completamente qualquer luz que atravessasse as sombras. Uma adiantou-se às outras, uma massa rodopiante com seis ou sete garras sobre duas pernas de sequóia. Julius viu olhos vermelhos, brilhando com ódio e fome em meio a membros difusos, mas nenhum outro sinal de um rosto.

Feliz com a idéia de um inimigo mais real do que as sombras ilusórias, Julius avançou em direção ao desafio. A espada assobiou no ar e três braços da criatura caíram no chão, lançando um jato de sangue. Ela guinchou e cambaleou em direção a seus companheiros, que ainda avançavam deliberadamente. Julius lambeu os lábios e provou um pouco do líquido que atingira seu rosto.

Sangue de carniçal. Julius já tinha provado isso antes. Mesmo que não tivesse, para onde quer que os Lasombra fossem, sempre havia alguns de seus obedientes demônios por perto, como cães esperando pelos restos debaixo da mesa. Além disso, estavam presentes seres esquisitos que agora intensificavam o ataque. Apenas uma mente distorcida como as dos Tzimisce seria capaz de conceber algo tão horrendo.

Os carniçais guerreiros próximos a Julius hesitaram por um momento quando viram o que acontecera a seu companheiro mais impaciente. Por toda a galeria, os Membros de Atlanta foram derrotados, e com rapidez. Benjamim, um Ventrue de segundo escalão, estava estendido no chão, e um carniçal espancava-o com a perna partida de uma estátua, tentando deixá-lo inconsciente. Por perto, um Gangrel, que tinha atacado precipitadamente e sozinho, fora levantado do chão por dois monstros que estavam usando-o como se fosse um ossinho da sorte. Julius não parou para ver quem acabou ficando com o pedaço maior.

No meio da carnificina e das sombras que giravam, um fato influenciou seus instintos de luta primitivos: isto não era um mero ataque do Sabá, para ser combatido

e esquecido, como ele imaginara quando as trevas Lasombra haviam surgido; mas sim uma imensa força Sabá que nunca fora reunida em um só lugar. Nunca. Para os Membros vencerem os demônios e os mestres das sombras seria preciso um milagre. E depressa. Muito depressa.

Arriscou mais um olhar em volta enquanto os carniçais começavam a cercá-lo novamente. O príncipe não estava longe. Guiava sua esposa, Eleanor, que estava atrás dele. Os dois recuavam para perto de Julius, perdendo terreno para os carniçais vindos daquela direção.

— Benison! — chamou Julius.

O príncipe, ensangüentado — por causa de golpes dados ou recebidos, Julius não sabia — olhou para o arconte Brujah. Julius desembainhou a segunda espada, que trazia presa às costas. Benison apertou os olhos por um momento, achando que estava diante de uma traição, mas Julius inverteu a espada, segurou a lâmina com a própria mão e ofereceu o punho da arma ao Malkaviano.

Benison meneou a cabeça gravemente e depois pegou a espada.

Com essa troca, um silêncio peculiar, uma seriedade pesada abafou fala e ação, cobrindo quase toda a galeria; a formação de uma aliança tão improvável, até mesmo impossível, entre o príncipe e o arconte revelou a todos os Membros presentes o que Julius, com a sua maior experiência, já tinha percebido — que o Sabá, apesar de a tarefa ainda não estar concluída, tinha vencido. Os vampiros da Camarilla estavam condenados.

Até mesmo os carniçais guerreiros, criações autômatas do Sabá, pareciam sentir o momento, ou talvez a hesitação deles não fosse mais do que uma pausa estratégica, um meio de reunir forças para a destruição final. Seja qual for o caso, a trégua não durou mais do que o respirar de um mortal.

Vidro quebrado. Estilhaços, tanto das divisórias negras quanto das janelas exteriores do próprio museu, explodiram para o centro, enterrando-se nas roupas e na carne. Julius protegeu os olhos, mas ignorou as outras dezenas de estilhaços de vidro que o cortavam.

Através dos vidros partidos das janelas, saltaram para dentro da galeria grandes quantidades de globos oculares do tamanho de punhos, com a cor da carne e cheiro de sangue — e por uma boa razão. Os globos oculares pulsaram simultaneamente uma vez, depois outra, e, na terceira pulsação, explodiram. Sangue espalhou-se pela câmara. Os Membros recuaram, chocados e surpresos; em alguns deles, o sangue e a empolgação tomaram conta de seus instintos mais primitivos. A fome da Besta cresceu dentro deles e caíram uns sobre os outros.

Ao mesmo tempo, os carniçais saltaram e as sombras recomeçaram o ataque.

As deformidades gigantes moveram-se a uma velocidade enganosa. Julius estava muito tenso. Apenas o fato de Benison estar atrás dele — com sua esposa, Eleanor, encolhida entre os dois — permitiu ao Brujah concentrar-se nos agressores da frente e dos flancos. Sua lâmina encontrou vários alvos. Membros decepados caíam. Julius decapitou um dos monstros que cambaleava para frente depois de ter sofrido um golpe no joelho. O cadáver gigantesco formava uma espécie de barricada, dando a Julius cerca de meio metro de espaço para se mover.

À sua direita, não muito longe, a anfitriã Toreador, Victoria Ash, tinha caído em frente a um dos carniçais. Julius foi na direção dela e atingiu o agressor.

Sua distração quase saiu caro. Por pouco não conseguiu evitar uma garra enorme dirigida para sua cabeça, um golpe que, se tivesse atingido o alvo, a teria separado de seu corpo. Um contra-ataque da espada cortou a garra, mas havia mais cinco ou seis posicionadas para continuar a agressão. Julius alcançou o torso da criatura, na esperança de realizar um único golpe fatal, mas um puxão inesperado em sua perna interrompeu o ataque e o vampiro falhou.

Para a sorte de Julius, a criatura tropeçou para trás e o arconte virou-se para retalhar o que pensava ser uma trepadeira de sombras enroscando-se em sua perna. Em vez disso, viu Thelonious, o primogênito Brujah da cidade, agarrado a ele, tentando subir pela sua perna. Thelonious estava sem as próprias pernas, que tinham sido cortadas acima dos joelhos. Um rastro de sangue levava a um dos membros perdidos. Mas Julius estava mais preocupado com o que via nos olhos de seu companheiro de clã. A loucura da fome consumia-o; sem dúvida, as granadas de carne tinham-no arrastado para uma espiral incontrolável de luxúria de sangue.

Julius hesitou apenas por um momento, depois atingiu Thelonious com um poderoso golpe de espada. Cabeça e corpo desabaram no chão. Pouco importava que fosse o primogênito Brujah, o líder da revolta que ameaçava derrubar Benison. As necessidades da batalha nem sempre acomodavam as exigências políticas. Julius não podia se dar ao luxo de ter mais uma ameaça naquele momento.

Como que para justificar a decisão instantânea, a criatura com garras recomeçou o ataque, e, desta vez, Julius atingiu-o de verdade. A espada ultrapassou as garras restantes e mergulhou profundamente no corpo do carniçal. O arconte torceu a lâmina, que fez tantos estragos ao sair quanto ao entrar. A besta tropeçou para trás no vampiro caído e desabou de vez.

Mas as sombras ainda agarravam-se às pernas e tornozelos de Julius, e os carniçais — que pareciam nunca diminuir em número, por mais que os abatesse — reforçaram o ataque de todas as direções. O príncipe estava caído, coberto por uma pilha de criaturas maléficas. Eleanor, empunhando uma clava que havia tirado de um carniçal caído, tentou ajudar, mas a arma era muito grande e pesada para suas mãos pequenas. Ela a bradou com total falta de destreza e ainda menos efeito. Uma grande trepadeira de sombras esmagou um pobre desgraçado no chão várias vezes e depois atirou-o pela janela. Enquanto isso, Julius lançou-se de novo ao combate.

Terça-feira, 22 de junho de 1999, 01h10min
A Dança do Fogo
Atlanta, Geórgia

Uma explosão abalou o último piso da capela de Atlanta. Manchas de fogo irromperam das janelas de cima e voaram pela noite com o grito agudo de espíritos atormentados. No salão de entrada, o sarcófago de cedro que continha os restos de Hannah queimava suavemente no meio do incêndio.

Mãos sujas de cinzas, fuligem e sangue pegaram a caixa pesada. Ignorando o calor e a dor, carregaram decididamente o seu fardo para longe das chamas.

O som de madeira se quebrando estalava como tiros na noite. Rhodes Hall, refúgio do príncipe J. Benison Hodge, cedeu subitamente sob seu próprio peso. Uma nuvem de faíscas douradas foram lançadas no céu.

Lá dentro, em meio a uma cascata de vidros partidos, garras muito deformadas arrancavam o conteúdo dos expositores. Cada peça da coleção inestimável, feita pelo príncipe, de espingardas Enfield da época da Guerra Civil foi passada de mão em mão com admiração através dos poucos quarteirões que descem a *Peachtree Street* até o *High Museum*.

No *High Museum*, a Dança do Fogo já estava completamente fora de controle. Os participantes tinham passado pelo centro da cidade, saqueando e arrastando todos os pedaços de madeira que pudessem ser levantados, partidos e arrancados.

Empilharam o fruto de seu trabalho aos pés da curiosa escultura que dominava a fachada do museu — um enorme móbile de metal, esculpido por Calder. O calor das chamas que se erguiam atingiu os painéis oscilantes de cores vivas, fazendo o móbile rodar lentamente com um rangido agudo e estranho de metal contra metal.

Levados pelo espírito de entrega ao frenesi, os membros do Sabá saltaram inconseqüentemente por cima e através das chamas. Era um ritual antigo para aumentar a coragem. Os participantes tentavam vencer uns aos outros com feitos audaciosos de bravura e agilidade. Aqueles que foram consumidos pelas chamas ávidas só serviram para alimentar ainda mais a violência da multidão enlouquecida.

Terça-feira, 22 de junho de 1999, 01h12min
Estacionamento do *High Museum of Art*
Atlanta, Geórgia

Uma linha fina de sombra escorria pela rachadura em volta do guichê para passar comida na parede exterior. A escuridão fluiu para perto de Bolon, o temível líder dos carniçais guerreiros Tzimisce, e, no chão de concreto, a sombra assumiu a forma de um homem. Lembrava os perfis desenhados no chão pela polícia, só que o corpo era mais do que uma linha; era uma massa sólida de escuridão. Enquanto a sombra permanecia no chão, formou-se a partir de seus pés uma imagem espelho, que surgiu na vertical, como se a sombra projetasse sua própria sombra. Depois, a sombra em pé adquiriu mais substância, libertou-se da sua capa de trevas e Vallejo apareceu.

— Várias baixas, — disse o legionário de Monçada a Bolon — mas a vitória será nossa em breve. O príncipe e o arconte Brujah ainda resistem, mas há poucos sobreviventes.

Bolon grunhiu:

— Quando se quer algo bem feito...

Passou por cima do carniçal da Camarilla cujas entranhas ele espalhara pelo chão. Bolon, como muitos dos carniçais guerreiros sob seu comando, tinha quase dois metros e meio de altura. Emitia vários ruídos quando andava, conforme as várias placas da armadura de osso — todas moldadas a partir de seu corpo e diretamente ligadas a ele — chocavam-se nas outras. Grandes espinhos de osso saíam de seus ombros, cotovelos, articulações, joelhos e ao longo da crista em sua cabeça encouraçada com osso.

Vallejo apertou o cavalete de seu nariz à medida que seus sentidos voltavam. A transição de sombra para corpo era às vezes uma mudança de perspectiva dissonante. A fascinação das trevas, a liberdade sem restrições da ausência de forma, sem mencionar a união singular entre ele e os outros legionários quando se fundiam para formar um manto de sombras mais abrangente — o bastante, na verdade, para se esticar da base do museu ao seu topo — eram sedutoras. Era tentador permanecer apenas como parte desse corpo comum. Na verdade, o poder para unirem suas formas incorpóreas era um dos objetivos principais no treino sob as ordens de Monçada, e a entrega a esse estado garantia a lealdade para com o cardeal. Vallejo tinha perdido vários recrutas, pois não quiseram, ou não conseguiram, recuperar sua identidade desse laço comum. Mas os fortes mantiveram-se firmes.

— Tragam esses barris. — gritou Bolon a alguns dos carniçais próximos, que obedeceram, pegaram vários barris de petróleo, tirados naquele instante de um caminhão, e levaram-nos até o elevador.

Vallejo estava mais impressionado pela meticulosidade de Vykos do que pela sua crueldade — nada fora deixado ao acaso. O pequeno foco de resistência lá em cima cederia em breve e a batalha terminaria. Já estava ganha.

Munido com o conhecimento antecipado do êxito, Vallejo transformou sua forma física em trevas e foi para cima novamente.

Terça-feira, 22 de junho de 1999, 01h18min
Quarto andar do *High Museum of Art*
Atlanta, Geórgia

O príncipe Benison estava livre. Julius espetara dois agressores e até mesmo Eleanor conseguira distrair um por tempo suficiente para Benison conseguir ficar de pé, esmagar o crânio do carniçal com um único golpe do seu punho poderoso e recuperar a espada. Os três Membros também tinham conseguido abrir caminho para chegar mais perto da entrada principal da galeria — os dois conjuntos de portas de bronze gigantescas, com a superfície repleta de frisos. Um dos conjuntos de portas duplas quase tocava o teto da galeria, a cerca de seis metros de altura. Junto com as portas ligeiramente mais baixas, o conjunto total dominava a câmara, ainda mais agora que a maioria das esculturas e das divisórias de vidro tinham sido derrubadas ou destruídas por completo.

Talvez não esperem que arrombemos a porta de entrada, já que muitos deles entraram por esse lado, desejou Julius. Via o próprio elevador mais como uma armadilha mortal do que como um local de fuga, mas havia outras saídas de emergência naquela direção. Pensando nisso tudo, parecia valer a pena tentar.

Benison seguia instintivamente a orientação de Julius. Nem uma palavra foi trocada entre os dois, mas protegiam a retaguarda e os flancos um do outro com perfeição. Julius sentiu mais de uma vez a espada que emprestara ao príncipe deslocando o ar próximo de sua orelha, e só depois via cair a seu lado um agressor desprevenido. E Julius retribuiu do mesmo jeito. Enquanto isso, Eleanor mantinha-se no redemoinho entre os dois guerreiros, golpeando os carniçais ao seu alcance e tentando evitar problemas o quanto podia. Não entendia muito de combates — sempre preferia as maquinações e intrigas mais sutis, apesar de não menos mortais, da sociedade vampírica — mas estava fazendo o melhor para ajudar os dois guerreiros e não se tornar um fardo para eles.

O trio formado por Brujah, Malkaviano e Ventrue estava na base das escadas, abaixo das portas de tamanho exagerado. Apenas alguns carniçais impediam a fuga. Julius derrubou um deles; a esperança começava a crescer nele quando ouviu um som estranho, algo rangendo, madeira e metal gemendo. Não reconheceu o que era de início; não antes de as portas gigantescas e de as paredes falsas que as mantinham de pé começarem a desabar. Julius gritou enquanto se desviava das placas de bronze em queda. Caiu no chão de forma brusca, mas rolou e ficou rapidamente de pé, tranqüilizando-se ao ver que Benison também tinha escapado da armadilha. O mesmo não acontecera a vários carniçais guerreiros. Os dois que conseguia ver estavam caídos, parcialmente presos pelo teto agora no chão.

Eleanor também estava presa.

Ela fazia caretas de agonia, centenas de quilos esmagando sua figura frágil. Um pouco acima, o elevador se fechava atrás de mais três carniçais, que deviam ser os responsáveis pelo desabamento das portas. Entre os recém-chegados — um deles maior do que os outros, com uma armadura de espinhos de ossos — havia três barris de petróleo.

Julius e Benison começaram a correr em direção a Eleanor, mas os carniçais inclinaram os barris e uma inundação de chamas foi lançada pelas portas, descendo os degraus.

— *Fogo grego*! — reconheceu Julius, ou se tratava de algum equivalente moderno que fluía como petróleo e queimava como chumbo fundido.

Antes que Julius ou o príncipe horrizado fossem capazes de alguma reação, o fogo líquido cobriu Eleanor. Seu pequeno corpo irrompeu em chamas. Seus gritos misturaram-se com os dos carniçais presos, cujos mestres tinham decidido sacrificar para reprimir a última resistência dos Membros.

Novamente, tudo o que Julius pôde fazer foi se esquivar. Ele teve a presença de espírito de empurrar Benison para fora daquele inferno que se alastrava, e, quando os dois ficaram de pé juntos, seus olhares se encontraram.

Julius sempre pensara que, através dos séculos, já tinha visto em primeira mão todos os horrores que a guerra tinha a oferecer. Mas nos olhos do príncipe havia dor e sofrimento profundos, uma angústia tão fresca e tão pura que a pele do arconte ficou arrepiada. Virou o rosto — incapaz de encarar Benison por mais um segundo — e, quando olhou de novo, a dor tinha desaparecido daqueles olhos verdes. Estavam inexpressivos. Benison encarava-o com um olhar vazio, com o rosto completamente desprovido de qualquer emoção. Era uma expressão que incomodou mais Julius do que o pesar arrebatador de poucos momentos antes.

Julius tinha visto a dedicação esvair-se de homens em combate, a fúria deles diminuir e toda a vontade abandoná-los. Pensou, inicialmente, que presenciava essa mesma morte da vontade em Benison e sabia que, sozinho, não seria capaz de resistir por muito tempo.

Mas não pela primeira vez, Benison o surpreendeu. O príncipe ergueu a espada e atingiu o maior grupo de carniçais na galeria. Antes, urrava e berrava com a raiva do combate. Desta vez, nem um som saiu de seus lábios. Agora era Julius quem seguia o caminho do Malkaviano.

O fogo líquido se espalhara pela parte frontal da galeria, incinerando os corpos dos mortos e dos feridos, tanto do Sabá quanto dos Membros, mas o seu ápice já tinha passado. O ataque causara um grande estrago e Julius e Benison continuavam de pé. A fumaça crescia em direção ao teto, aumentando as trevas em constante mudança. Soou um alarme irritante, um lamento eletrônico agudo que atingiu Julius como se fosse uma seta em seu cérebro. Um produto químico contra as chamas começou a sair em *spray* dos extintores transformando-se em espuma ao entrar em contato com o oxigênio.

O barulho e confusão adicionais favoreceram Julius e Benison. Os carniçais eram lentos para coordenar os ataques e caíram um por um sob as espadas dos Membros. Benison matou-os em silêncio. Raramente, um de seus golpes deixou escapar um braço, ou uma perna, ou uma cabeça. Julius também entrou no rio de sangue. Andar tornou-se algo perigoso, com o sangue e as entranhas sob os pés e a espuma cobrindo o chão.

Lutaram de uma ponta da galeria a outra, mas, atrás das sombras, através da fumaça, havia sempre mais carniçais. Eles marchavam sem se deixar impressionar pela aniquilação de tantos irmãos, se é que notaram a carnificina. E havia ainda as sombras, que tinham destruído muitos Membros e tentavam distrair ou atrapalhar os dois anciões da Camarilla. Era apenas uma questão de tempo, Julius sabia, até que um carniçal desferisse um golpe certeiro. Uma vez que ele ou Benison fossem derrotados, aconteceria o mesmo com o outro logo em seguida.

O príncipe retalhava impiedosamente os carniçais. Era um carniceiro imparcial, sua espada assumindo a função de um cutelo, derramando sangue e causando desmembramentos em todos os que estavam à sua frente. Portanto, Julius tomou cuidado para não ficar na frente do príncipe, defendendo a retaguarda e os flancos. Neste estado, Benison podia não reconhecer o Brujah. O príncipe simplesmente destruiria tudo e todos que aparecessem na sua frente, até estar livre ou morto.

Os dois continuaram lutando até alcançarem uma das poucas estátuas deixadas intactas e usarem-na como proteção para o flanco esquerdo em vários momentos. Era uma peça grande, um homem ajoelhado acima de seus quatro filhos, mas a figura superior sorria de maneira perturbadora para a carnificina, como se a visse e aprovasse o derramamento de sangue à sua volta. Na verdade, Membros e carniçais estavam espalhados perto da base da escultura, alguns queimados ou mutilados, impossíveis de serem reconhecidos, como se tivessem sido congelados no desespero contorcido da morte violenta. A Morte Final, para seres que de outra forma seriam imortais. A espuma química aumentou, como uma inundação, cobrindo seus corpos. Julius tentou acabar com o barulho do alarme de incêndio; isso lhe incomodava centena de vezes mais do que ferimentos ou pensar na Morte Final. Em um gesto maquinal, tentou afastar os dreadlocks da cara e reparou pela primeira vez que haviam desaparecido, queimados ou derretidos pelos vapores do fogo grego.

O som de vidros se partindo desviou sua atenção dos dois carniçais que tentava afastar. O último partir de vidros veio de uma espécie de cubículo alto perto do centro da galeria que desabou e se transformou em milhares de pequenos estilhaços negros. O carniçal com os espinhos protuberantes, grandes e afiados, o maior dos três que tinham virado os barris, avançou imponente através dos destroços. Os outros, mostrando pela primeira vez uma atitude diferente do desejo de destruir e matar, submeteram-se à vontade dele. Partiram na frente, permitindo-lhe caminhar livremente pelo mar de espuma, vidro, fumaça e pedaços de corpos.

Na direção oposta, Benison passou a espada por três quartos do pescoço do último carniçal que o enfrentava. A criatura desabou com uma lentidão majestosa, tão parecida com a do cubículo de vidro que Julius esperava vê-lo partir-se em pedacinhos também. Mas o carniçal acabou fazendo um baque surdo. Por trás do lugar em que se mantinha, havia uma cortina negra ondulante, uma parede fluida de sombra. Carniçais guerreiros de um lado, a força total dos Lasombra do outro.

O príncipe, pela primeira vez após ter visto sua mulher em chamas, virou-se para encarar Julius. Seu olhar já não era vazio. Os olhos estavam vidrados, com a parte branca tão cheia de sangue que pareciam que iam explodir.

— Venha, meu arconte. — disse Benison, no tom mais respeitoso que já usara com Julius — Temos de fazer uma retirada para os bosques.

Com isso, o príncipe virou-se e entrou na sombra, desaparecendo de vista.

Para os bosques? Julius, sem entender nada, ficou vendo-o se afastar. Será que Benison havia perdido *completamente* o juízo, afinal? Isso sempre era possível com um Malkaviano. *Para os bosques.* E então, o príncipe desaparecera na penumbra dos Lasombra.

Julius estava perplexo tanto com as palavras de Benison quanto com os seus atos. E também não estava muito animado com a perspectiva de entrar na escuridão que tentara atacá-lo a noite inteira — mas os carniçais estavam se aproximando

novamente, encorajados pelo líder com espinhos, que parecia a Julius mais do que um carniçal, um Tzimisce talvez. O arconte sabia muito bem que sua melhor chance (se é que havia *alguma* chance) era ficar com Benison.

Portanto, Julius virou as costas para os carniçais e dirigiu-se vigorosamente para as sombras — onde foi apanhado e preso.

Terça-feira, 22 de junho de 1999, 01h21min
No exterior do *High Museum of Art*
Atlanta, Geórgia

Marcus cutucou sem grande interesse a forma inerte do vampiro atirado pela janela do quarto andar e aterrissado na rua com estrondo há dez ou quinze minutos. Conseguia sentir o cheiro da vitae vazando do corpo destruído. Não seria difícil levantar a carcaça — parecia ser um vampiro bem magricela — e beber o resto do sangue. Mas Marcus não estava com vontade de ceder aos seus próprios desejos.

Havia uma batalha acontecendo atrás daquelas paredes. Ouvir o ruído do vidro partindo, ver o corpo voar pelo ar para depois se estatelar abruptamente, produzindo um som de ossos se quebrando, tinha despertado seu sangue. Ele estava preparado para obedecer à ordem de se juntar ao ataque, partir ossos, retalhar a carne — mas ela nunca tinha chegado.

Em vez disso, ele e Delona ficaram na rua como malditos cães de guarda. Não havia sequer mortais para caçar ou matar. Os bloqueios tinham funcionado bem demais.

— Sai daí! — uivou Marcus para Delona.

Já a tinha afastado do corpo uma vez. Não que houvesse alguma razão para ela *não* se servir do sangue do vampiro — só que Marcus não queria bebê-lo e, portanto, também não queria vê-la bebendo. Além disso, estava começando a gostar desse negócio de ficar dando ordens e de vê-la encolhendo-se com tudo o que dizia, como se tivesse medo de que fizesse a ela o mesmo que fizera a Delora.

Mas apesar desses pequenos prazeres, já estava cansado de ficar esperando na rua.

— Anda! — Marcus ordenou a Delona.

Havia várias patrulhas ao redor do museu. Uma a menos não faria mal a ninguém. Além disso, Marcus suspeitava de que havia muita vitae lá dentro. E, com sorte, alguém para matar.

Terça-feira, 22 de junho de 1999, 01h29min
Quarto andar do *High Museum of Art*
Atlanta, Geórgia

Maldito Benison e todo o seu clã!

O tenebroso manto de sombra impedia qualquer tentativa de movimento de Julius. Era como levantar todo o peso de um oceano. Invocou o poder do sangue, mas já gastara muito sua força para sobreviver por aquele tempo. A sombra apertava-se em torno dele enquanto se debatia; ela serpenteou para dentro de sua boca, fez cócegas na parte de trás de sua garganta, deixou-o suspenso como uma mosca no âmbar. Talvez se tornasse um fóssil para decorar as salas do museu. Mas, provavelmente, não passaria de um monte de cinzas de manhã.

É tudo culpa de Benison! Julius tentou usar a raiva para alimentar seu corpo onde o sangue já não bastava. *Planejou tudo isto só para me pegar! Sacrificou sua cidade, sua mulher — só para me pegar!*

A idéia era absurda. No fundo, Julius sabia disso, mas, preso pelos Lasombra e com os carniçais guerreiros Tzimisce certamente se aproximando, agarrava-se a qualquer centelha que pudesse gerar raiva suficiente para minimizar o cansaço. Sua desconfiança profunda em relação ao governante Malkaviano de Atlanta, que até há pouco Julius tinha planejado destruir com as próprias mãos e que lhe tinha feito ameaças de morte, era um alvo fácil — e Julius começou a sentir sua força retornar.

Mas a sombra o segurava com firmeza.

Sentiu uma mão no ombro, alcançando seu pescoço. Os carniçais estavam em cima dele, puxando-o pela cabeça, mas, mesmo assim, a sombra não o largou. Uma pressão enorme ameaçou arrancar sua cabeça dos ombros. Julius uniu a sua própria força à das mãos que o puxavam — se ao menos se livrasse da sombra poderia lutar — e finalmente conseguiu se mover.

Julius apertou a espada. Não podia dar-se ao luxo de deixá-la na parede de sombras. Seus captores, se fossem espertos — o que, com os carniçais, era um *se* considerável — puxariam apenas sua cabeça de dentro da sombra, cortando-a em seguida. Se conseguisse libertar o braço com a espada, ainda haveria alguma esperança, uma vaga esperança.

As trevas agitaram-se por um breve momento e em seguida seu rosto já estava além delas, sua cabeça nas mãos de ferro de...

— Benison!

O príncipe puxava-o para a liberdade, centímetro a centímetro, apesar da ávida determinação da sombra. O Malkaviano tinha conseguido se soltar sozinho de alguma forma. Julius também estava se soltando agora, e, no lado oposto, encontravam-se os carniçais — mas a sombra os separou apenas por um momento.

Assim que Julius se libertou, as trevas se separaram e os carniçais atacaram.

O primeiro golpe da espada de Julius decepou a mão e a cabeça de um deles. O golpe seguinte estripou outro.

— Arconte, não há tempo a perder! — Benison disse atrás dele.

Julius virou-se e viu o príncipe esgueirar-se por uma saída de emergência, e, pela primeira vez desde que as portas de bronze desmoronaram e que o fogo grego jorrara pelos degraus — minutos que pareceram horas — a esperança apossou-se de Julius.

Esquartejou o carniçal mais próximo, depois acelerou, passando por uma última estátua danificada — uma versão grotesca do assassinato de Abel, que agora não tinha um braço, praticamente intacto até então — e chegou à porta. Julius escancarou a porta da saída de emergência, bateu-a atrás de si e foi saudado por um mundo de doidos.

Terça-feira, 22 de junho de 1999, 01h32min
Quarto andar do *High Museum of Art*
Atlanta, Geórgia

Marcus abriu só uma fresta da porta da galeria e examinou o interior. Ainda esperava conseguir matar alguém, mas estava em dúvida sobre entrar sem ordens. Tinha corrido pela rampa circular que cercava o salão central do museu — ou melhor, tinha saltado, passando pelos dois primeiros andares, e depois subido a pé o resto do caminho.

— O que você está vendo? — perguntou Delona atrás dele, importunando-o.

Marcus deu-lhe um safanão com mais força do que programara e ela voou para trás, passou o corrimão e caiu pelo espaço cilíndrico até o piso da entrada, quatro andares abaixo.

— Opa!

Mas Marcus não podia ser incomodado naquele momento. Além disso, Delona era uma chatinha durona. Ela iria se recuperar. Um dia.

Marcus, aliviado, abriu a porta. Pelo que podia ver, toda a ação estava acontecendo na outra ponta da galeria. Uma fumaça espessa pairava na sala grande, e havia uma estranha espuma com quase trinta centímetros de altura, como se houvesse ocorrido uma enorme guerra com creme de barbear. Um alarme de incêndio aumentava a confusão. No fundo da galeria, estava Bolon, com talvez uma dezena de carniçais guerreiros.

Onde estão os outros?, interrogou-se Marcus. Não tinha visto sinais de luta no caminho para o andar de cima, e havia pelo menos quatro vezes mais carniçais do que antes. Marcus esqueceu instantaneamente sua hesitação por ter desobedecido a ordens — agora que Delona estava longe de vista e longe da mente — e avançou com dificuldade em direção a Bolon. Esse comandante era um companheiro Tzimisce e um dos poucos tão grandes quanto Marcus. A cada passo, os pés largos e chatos de Marcus afundavam-se na espuma e esmagavam qualquer coisa que estivesse embaixo: vidro, mármore, ossos.

Ao chegar perto de Bolon, Marcus ficou confuso. O vento soprava — *parecia* que estava soprando — mas não conseguia senti-lo. Um segundo depois, percebeu que era um jogo de luz. Havia sombras girando e chacoalhando violentamente ao seu redor, e quase parecia com a luz atravessando as folhas em um dia de vento. Marcus olhou em volta, mas não havia nenhuma árvore lá dentro.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Bolon.

Marcus olhou para Bolon, mas ainda estava confuso com a luz oscilando sem vento. Vários carniçais esmurravam uma grande porta de metal. Haviam arrancado a barra anti-pânico, mas a porta não abria.

Antes de Marcus conseguir pensar em uma resposta para Bolon, uma estranha sombra escura colocou-se entre eles. Alguns segundos depois, a sombra transformou-se em um homem, um vampiro bastante bronzeado, com cabelo negro e uniforme. Marcus reconheceu o símbolo dos legionários de Monçada sobre o bolso da parte superior do uniforme.

— Como você faz isso? — perguntou Marcus, pouco habituado a ver pessoas materializando-se a partir do nada.

— Comandante Vallejo. — disse Bolon, ignorando Marcus por um momento, o que era perfeito para o Tzimisce.

O homem mais baixo e mais escuro parecia cansado. As sombras de onde tinha saído pareciam relutantes em soltá-lo. Formavam poças nos buracos das faces e debaixo dos olhos.

— Não conseguimos passar pela porta. — disse Vallejo, frustrado — Nunca me deparei com nada assim — um tipo de selo qualquer que não consigo explicar.

Bolon concordou com um ar sério. Marcus não sabia direito sobre o que estavam falando, mas a menção de um selo o fez lembrar das suas visitas ao Correio quando criança para tentar convencer alguém a lhe ajudar a aumentar sua coleção. Foram tempos felizes, mas não conseguia se lembrar direito com toda aquela barulheira de gente batendo na porta. Os carniçais guerreiros eram assim. Não tinham muita noção das coisas.

— Huh. — grunhiu Marcus, empurrando os carniçais para o lado. Encostou-se contra a porta com todo o seu peso, mas ela não se mexeu.

— Está bem presa.

Então, deu três passos para trás e atirou-se contra a porta, usando toda a força de suas pernas grandes e todo o ímpeto de sua massa considerável.

Desta vez, a porta cedeu, quase dobrando-se ao meio e cobrindo os ombros e a cabeça de Marcus, que tropeçou na entrada e caiu sobre um amontoado de coisas, totalmente despreparado para aquilo que o esperava.

Terça-feira, 22 de junho de 1999, 01h36min
Quarto andar do *High Museum of Art*
Atlanta, Geórgia

Julius ignorou as pancadas na porta em que estava encostado. Que os carniçais atrás dele fossem para o inferno, não conseguia entender o que estava na sua *frente*. Volta e meia, via aquilo que sabia que deveria ver — escadas de metal para cima e para baixo. Mas, durante a maior parte dos minutos que passou com as costas contra a porta, a cena na sua frente era uma trilha íngrime e com bosques em uma montanha — *e não* o interior de um museu no meio de Atlanta.

Até os sons noturnos e os cheiros da montanha eram reais. E lá estava Benison, no meio da trilha — *das escadas, caramba!*

— Por aqui, arconte. — disse o príncipe.

Agora, os olhos de esmeralda brilhavam com entusiasmo e, em vez do paletó que usava antes, estava vestido com um uniforme de confederado.

— Vamos reagrupar a companhia. Sherman nunca tomará Kennesaw!

A súbita convicção da voz dele era tão intrigante para Julius quanto todo o resto. O príncipe parecia ter se recuperado da morte da mulher, ou talvez estivesse ainda mais mergulhado em loucura. Mas isso não era o suficiente para explicar todo o resto: uma trilha na montanha, árvores e exteriores onde deveria haver interiores ou, no mínimo, uma paisagem urbana.

As pancadas na porta trouxeram Julius à realidade. Sabia que havia carniçais guerreiros do outro lado — não era uma situação que lhe agradasse, mas pelo menos fazia sentido. A porta não iria agüentar. Mesmo com Julius mantendo-a fechada, o Sabá já devia ter conseguido arrombá-la. Era como se a loucura que se enraizara ali estivesse determinada a manter o portal fechado.

Julius não ficou mais calmo quando a normalidade se restabeleceu e a porta foi derrubada e desabou sobre ele. O vampiro rolou e quase caiu pela escada — trilha. Por ser um guerreiro experiente, conseguiu segurar a espada e evitar uma queda séria ao mesmo tempo.

A criatura que tinha arrombado a porta e caído nas escadas-montanha era poderosa demais para ser um carniçal. Também era um verdadeiro gigante, um trator, mas, à primeira vista, parecia mais confiante do que perturbado enquanto se levantava.

Aparentemente, os arredores montanhosos também o pegaram de surpresa, pois o trator olhou em volta e acabou obviamente confuso ao ver as árvores, os rochedos e a noite límpida. Julius aproveitou essa demora. Retalhou-o com sua espada e as entranhas quentes do animal espalharam-se sobre o chão. A criatura caiu de joelhos, mas isso foi tudo o que Julius viu. Virou-se e fugiu pela trilha atrás do príncipe Benison.

Julius percebeu que essa nova realidade inexplicável, a alternância escadas-montanha, estava fora do alcance dos malditos Lasombra. Isso acontecera desde o momento em que a porta de emergência se fechara com estrondo atrás de si, mas era outro fenômeno que não compreendia. Nenhuma porta qualquer conseguiria reter aquela maré de tinta negra, e não havia a menor chance de os Lasombra não quererem perseguir a ele e ao príncipe. Não, algo mais estava acontecendo.

Julius virou uma curva da trilha e deu de cara com Benison, que o esperava ansioso. Os olhos do Malkaviano continuavam com um brilho inquietante.

— Agora nós os pegamos, arconte! Por aqui.

Benison virou-se para a encosta íngreme, onde Julius viu, entre outras coisas, uma velha porta de metal na parede da montanha. A porta estava dentro de uma moldura de madeira e o conjunto era unido por uma corrente enferrujada e um cadeado. Benison arrancou a engenhoca inteira, colocou-a de lado e agarrou Julius pelo braço. Saíram da encosta da montanha e entraram em uma clareira na floresta.

Julius olhou em volta, mas a montanha tinha desaparecido. Se estivessem em uma gruta, conseguiria até entender. Pelo menos seria compatível com a loucura ao seu redor. Mas passar de uma trilha sinuosa em uma montanha para uma clareira era...incompreensível.

— Pelos deuses, o que é isto? — exclamou Julius.

— Ora, arconte Julius, — respondeu Benison quase como se estivesse brincando — isto é o 37° da Geórgia, um regimento dos rapazes de Hood.

E, para o espanto de Julius, palavras mais verdadeiras não podiam ter sido ditas, pois fileiras duplas de soldados confederados com roupas velhas estavam formando uma linha de batalha na ponta mais distante da clareira. Uns duzentos homens de mosquetes esperavam, a fila da frente ajoelhada diante da segunda, prontos para disparar.

— Por aqui, arconte. — disse Benison, puxando Julius pelo braço novamente.

— Temos que procurar um local mais seguro.

— Não é possível. — Julius murmurou enquanto se deixava guiar para longe da linha de fogo.

— Se Deus quiser, o general Sherman vai compartilhar da sua opinião em breve. Ele nunca conseguirá arrancar a montanha de Kennesaw de nós — repetiu Benison.

— Mas a montanha desapareceu...

No entanto, Julius não conseguia formar qualquer argumentação razoável, pois a montanha sequer deveria estar ali, para começar.

Os carniçais do Sabá, agora no limite da clareira inesperada, pareciam compartilhar da desorientação de Julius. A determinação anterior dele havia dado lugar a uma apreensão em relação a seus arredores, já que a parte mais perigosa — os soldados confederados — começara a abrir fogo.

O rugido simultâneo das armas era ensurdecedor. Balas Minié de chumbo trespassaram os carniçais, arrancando membros e quebrando ossos. Julius não conseguia acreditar no que via.

Porém, antes de perceber a impossibilidade da cena à sua frente, um outro rugido encheu seus ouvidos. A escada de metal tinha de alguma forma se rematerializado no fundo da clareira e uma corrente agitada de negrume puro escorria por ela e espalhava-se pelo campo. A paisagem de loucos já não mantinha mais os Lasombra à distância.

A rápida sombra passou por cima dos carniçais mutilados e seguiu em direção à linha de batalha. A segunda rajada de balas do 37° da Geórgia não surtiu efeito sobre as trevas, que agora atingiam os infelizes soldados como uma onda gigante. Elas os derrubaram e engoliram seus gritos de morte. Depois, a escuridão atingiu uma altura inacreditável e despencou sobre Benison.

O príncipe Malkaviano desapareceu na onda de trevas e a paisagem tornou-se turva ao mesmo tempo, como quando o calor se eleva da terra em um dia de verão e atrapalha a visão. Mas era a própria paisagem que se encolhia e depois girava, transformando-se em uma onda gigante de cor, som e movimento. Essa onda de força pura, os destroços rodopiantes da demência encarnada de Benison, bateu contra as trevas e as sombras foram estilhaçadas. Elas fugiram como mil víboras negras atiradas para todos os lados.

Mas a onda ainda não tinha gastado sua força. Ela se virou sobre si, em torno da forma inerte de Benison, e formou um redemoinho furioso. Árvores, grama, rochedos, céu — tudo colidiu aos olhos de Julius, com o príncipe Benison ao centro daquilo. O redemoinho fechou-se mais ainda, com sua fúria comprimida em uma área que se tornava cada vez menor.

Por fim, mudou de direção, foi diretamente para baixo, com o estrondo de um trem em movimento, para as profundezas da terra, e desapareceu. Só restou um buraco negro. A montanha, a clareira, os soldados, Benison — tudo havia desaparecido.

Julius ficou chocado com tudo o que vira. O distúrbio do príncipe tinha forçado a realidade do mundo, reclamado os carniçais do Sabá... mas, no final, também reclamara o próprio príncipe.

Algum tempo se passou enquanto Julius olhava para o buraco escuro. Só começou a reconhecer o que ele era aos poucos — o poço enorme de um elevador, e Julius estava exatamente na beirada.

Virou-se devagar e ainda estava aturdido e chocado pelas rápidas mudanças de perspectiva, que só conseguia encarar como o transbordar da loucura dos Malkavianos. Novamente, Julius demorou para reconhecer a realidade — o trator de dois metros e meio, segurando com uma mão suas entranhas, enfiadas de volta em seu corpo, e demonstrando uma expressão bem definida de sofrimento em sua grande face. A mão que não cobria a ferida aberta na barriga formava um grande punho carnudo, que atingiu de repente o rosto de Julius.

O golpe quebrou seu maxilar e o levantou no ar, empurrando-o para a beira e depois para o poço do elevador. A queda foi, talvez, de uns noventa ou cento e vinte metros. Julius já tinha caído de alturas maiores sem conseqüências sérias, mas aterrissou com muita força sobre o alçapão do próprio elevador. O ombro que sofreu o pior da queda despedaçou-se. Fragmentos de osso romperam o músculo e a pele.

No entanto, Julius tinha pouquíssimo tempo para se preocupar com isso. A luz tênue que adentrava o poço foi repentinamente encoberta. Primeiro, Julius suspeitou dos Lasombra, mas depois o monstro pulou sobre ele com toda a força, quebrando a coluna do arconte, e tudo se transformou em trevas.

Terça-feira, 22 de junho de 1999, 01h51min
Quarto andar do *High Museum of Art*
Atlanta, Geórgia

A espuma dos extintores estava se separando, formando poças fétidas com círculos de sangue, como óleo sobre a água. Bolon estava de pé no meio da carnificina na galeria, praticamente ileso. Isso era mais do que podia dizer sobre seus carniçais guerreiros — dos cinqüenta que enviara, não restara nenhum.

Nenhum, maldição!, pensou ele, cada vez mais incrédulo à medida que refletia sobre isso.

Não que não pudessem ser substituídos. Em uma semana ou duas, Vykos e o Alfaiate conseguiriam produzir o dobro, mas Bolon nunca imaginara que perderia mais do que a metade do seu batalhão. E nem sequer sabia o que tinha acontecido exatamente à última dezena. Vallejo e nove de seus legionários tinham retomado a forma física, mas não estavam muito bem. Sentiam-se tontos e vomitavam sangue — seja o que for que tenha acontecido, eles sofreram bastante, mesmo sob a forma de sombra, e agora não conseguiam explicar como tinham perdido três companheiros.

Mas mesmo que o príncipe de Atlanta tivesse desaparecido, consolou-se Bolon, o poder do Malkaviano fora destruído e o arconte Brujah capturado — e isso graças a Marcus, o companheiro Tzimisce grandalhão que tinha aparecido inesperadamente na galeria. Ele contou uma história confusa sobre árvores dentro do edifício, soldados e ciclones; mas, apesar das fantasias de sua cabeça oca, o idiota havia derrotado o arconte Brujah — o que não era pouco — e tirado o corpo esmagado de dentro de um poço de elevador.

— E onde está o corpo do príncipe? — perguntou Bolon pela quinta vez.

Marcus coçou a cabeça.

— Já era.

— Levado por um ciclone. — Bolon repetiu o que sabia que o gigante iria lhe dizer novamente.

— Um-hum. — assentiu Marcus vigorosamente, feliz por ter alguém para concordar com a sua história. Apontou para o corpo contorcido no chão aos seus pés, o Brujah que tinha aberto suas entranhas.

— Ele foi o único que sobrou.

O estômago de Marcus, obviamente, ainda doía, mas a ferida tinha sarado o necessário para manter as entranhas por dentro.

— Entendo. — disse Bolon.

Percebeu que não valia a pena fazer mais perguntas a Marcus. Aquele brutamontes tinha feito um serviço valioso ao esmagar o arconte; esperar mais a esta altura seria ignorar as óbvias limitações do Tzimisce.

— Marcus, — disse Bolon, mudando de assunto — você conhece o comandante Gregorio?

As sobrancelhas de Marcus franziram-se, mas, depois de um tempo, acenou que sim, que conhecia.

— Aquele cara bem branco?

— É, o cara bem branco.

Bolon achou que nunca tinha ouvido alguém descrever um albino daquela maneira, mas o que Marcus queria dizer era bastante óbvio.

— Ache-o. Diga-lhe que enviei você para se unir às forças dele. Tenho certeza que ele aproveitará de vários jeitos as suas habilidades.

Marcus foi embora, reconhecendo o elogio que lhe foi feito.

— Vou levar Delona também. — disse enquanto arrastava-se pela galeria.

Dois outros assuntos exigiam a atenção imediata de Bolon.

— Comandante Vallejo.

O espanhol, cansado, levantou-se do lugar, um dos fragmentos maiores de uma estátua onde descansava com os legionários sobreviventes.

— Os seus homens conseguem dar conta do incêndio que vai acontecer aqui? — perguntou Bolon.

Não ficou surpreso com a resposta afirmativa de Vallejo. Para um Lasombra, Bolon considerava esse jovem comandante muito competente.

Por fim, Bolon ajoelhou-se junto ao corpo destroçado que Marcus deixara zelosamente ali.

— Bem, arconte Brujah Julius, agora só falta você.

Vykos sabia que este dignitário da Camarilla — se é que um Brujah podia ser chamado assim — estaria presente, e Bolon estava esperando exatamente esse tipo de reunião.

O corpo do arconte estava muito danificado — achatado em alguns lugares, torcido em ângulos improváveis em outros. Bolon conseguia encontrar facilmente quatro irregularidades na coluna de Julius após um exame apenas. A boca do Brujah estava aberta ao máximo, com o maxilar inchado, deformado e deslocado para o lado. Os olhos estavam fechados. Talvez a inconsciência o tivesse tomado — *filho da puta sortudo!* — mas, por enquanto, a Morte Final não. Por mais graves que fossem os danos, os ferimentos podiam ser curados pelo sangue. A quantidade de sangue necessária Bolon só conseguia imaginar. E sem muita cirurgia para corrigir apropriadamente os ossos partidos e deformados, a cura iria causar quase a mesma quantidade de problemas que ajudava a resolver. Os ossos iriam se recuperar, mas ficariam religados em ângulos peculiares. Julius ficaria curado, o corpo talvez ficasse inteiro, mas não seria nada funcional. O poderoso guerreiro, de aventuras lendárias por séculos, sobreviveria como um aleijado débil e retorcido por toda a eternidade.

Esse pensamento era muito atraente para Bolon. Seria bom demais ver o outrora mortífero arconte pedir ajuda para simplesmente levantar, sentar ou amarrar os sapatos. Mas Bolon também podia enviá-lo para Monçada ou, mais útil ainda, para um benfeitor Tzimisce que iria adorar a oportunidade de fazer experiências em alguém com o prestígio de Julius — ou com o antigo prestígio.

Havia, porém, uma perspectiva ainda mais irresistível do que todas essas alternativas atraentes. Vitae. Não era muito freqüente surgir a oportunidade de obter o sangue de um ancião, um vampiro muito mais velho do que o próprio Bolon. Com a idade, surgia a potência e, com a potência, o poder. E a infâmia. Notícias sobre diablerie desse tipo, a drenagem de um arconte proeminente da Camarilla, espalhavam-se rapidamente. Bolon seria conhecido desta noite em diante, tanto

por amigos quanto por inimigos, como o aniquilador de Julius, arconte do clã Brujah. Isso acabou facilitando a decisão.

Bolon levantou o corpo deformado do chão.

— Gostaria apenas que você estivesse consciente. — disse a Julius e afundou os caninos na carne fresca, bebendo sequiosamente até a última gota de vitae, o sustentáculo da vida.

Terça-feira, 22 de junho de 1999, 02h03min
Quarto andar do *High Museum of Art*
Atlanta, Geórgia

Vykos estava sozinha bem no centro da carnificina que tinha sido o interior do *High Museum*. Ao redor dela, estendia-se uma vastidão de estátuas quebradas, cacos, poças de sangue seco e produtos químicos para apagar o fogo.

Sentia-se em casa.

Suspirando com satisfação, examinou o alcance total da devastação. *Impressionante*. O quarto andar inteiro fora destruído. O labirinto complicado de divisórias de vidro tinha sido esmigalhado de forma sistemática. As paredes interiores foram violentamente reduzidas a entulho. Os enormes portais de entrada foram derrubados, esmagados e queimados pelo fogo grego.

O olhar dela percorreu a grande câmara vazia. Nada acima da altura do joelho estava de pé, a não ser duas estátuas perdidas e a própria Vykos. Para um observador qualquer, ela também poderia parecer uma escultura que, contra todas as expectativas, passara despercebida e escapara do destino de suas companheiras.

Nesta noite, Vykos exprimia mais do que uma vaga semelhança com um *objet d'art*. Sua postura era escultural; o rosto, frio como mármore, esculpido sem piedade nem remorso. Sorrindo com esse pensamento, Vykos realçou essa impressão. A sua estrutura facial pareceu mudar de forma perturbadora, com um som como o de gelo se quebrando. Olhou o resultado do seu trabalho em um estilhaço de vidro espelhado aos seus pés. *Excelente*. Esmagando o espelho como quem apaga um cigarro, avançou decidida em direção ao elevador.

Em termos práticos, a luta tinha acabado. Ainda havia alguns focos de resistência espalhados pela cidade que estavam sendo desmanchados neste exato momento. O grupo seleto de guerreiros que ela nomeara por terem se destacado na luta desta noite já iniciara a árdua tarefa de reunir os prisioneiros sobreviventes e arrastá-los até o museu para serem inspecionados.

As minhas aves de rapina, pensou ela. Sim, as coisas estavam acontecendo direitinho.

Através das janelas altas e quebradas, Vykos conseguia ver a luz trêmula de dezenas de fogueiras que tinham sido feitas em torno do edifício com almotolias de metal furadas. Os gritos dos Dançarinos do Fogo, seus urros de desafio, os brados de triunfo eram música para os seus ouvidos. Eram os sinais inconfundíveis de que o controle sobre Atlanta tinha passado para as mãos adoráveis do Sabá.

Vykos, porém, não podia mais ficar pensando sobre a vitória daquela noite. Ainda havia muita coisa em risco. Agarrou pela gola um legionário que passava.

— Traga-me Vallejo, Bolon e Caldwell imediatamente.

O soldado assentiu e virou-se para obedecer às ordens.

— Soldado, — interrompeu ela — esqueça Caldwell. Traga-me aquele lacaio mexeriqueiro dele, você sabe qual é. E depressa. Não temos a noite toda. Mexa-se.

Ela foi embora sem esperar pela segunda resposta.

— Este lugar está calmo demais. — ela pensou alto.

— Onde estão meus carniçais guerreiros? Ainda deve ter sobrado *alguma coisa* para esmagar por aqui.

Vykos foi distraída pelo som suave, mas inconfundível, de soluços abafados. Ela se dirigiu instintivamente para o ruído, não motivada pela compaixão.

— Luz! — ordenou enquanto fazia um caminho pelos destroços. Sua visão noturna era obviamente apurada, mas os olhos estavam encantados com as imagens persistentes de grande sofrimento que pairavam no ar como fantasmas. Em alguns locais, os halos contínuos de dor estavam tão juntos que ela não conseguia fazer o caminho até o clarão.

Alguém por perto levantou obedientemente uma tocha improvisada. Na verdade, parecia mais com um candelabro. Uma chama brilhava sobre cada um dos quatro dedos que restavam de uma mão decepada, formando uma fumaça negra, oleosa e de cheiro desagradável.

O corajoso jovem tenente empunhava uma tocha diante de si.

— Posso escoltá-la, minha senhora?

— Não se estiver pensando em andar por aí com essa coisa, soldado. Suspeito que o alarme de incêndio irá depositar sua fúria sobre você a qualquer momento. Entretanto, arranje uma lanterna. Dispensado.

O soldado apagou as chamas, apressado, e Vykos seguiu em frente. Passando por entre as portas de entrada caídas, ela descobriu a fonte dos soluços no vestíbulo.

O Alfaiatezinho de Praga estava ajoelhado no meio de um monte de corpos despedaçados e contorcidos. Tinha nos braços uma de suas tristes criações, uma aberração monstruosa, três vezes maior do que ele. Com os olhos bem fechados, o Alfaiatezinho balançava-se para frente e para trás, soluçando.

— Nunca vou encontrar todas as peças... Nunca vou encontrar todas as peças ... nunca vou encontrar...

Vykos recuou antes que ele a visse. Não queria interromper o pesar do velho. Silenciosamente, fez o caminho inverso, em direção à galeria.

Maldição! Houvera muitas baixas. E ela ainda nem tinha se dado conta de muitas de suas forças. Onde estava o resto dos carniçais guerreiros?

— Bolon!

O berro ecoou pelo último andar arrasado do museu.

Foi, porém, Vallejo que apareceu na frente dela. Ergueu-se inesperadamente da própria sombra da Tzimisce. Vykos, em defesa, deu um passo rápido para trás, mas a forma materializada obviamente moveu-se com ela. Era uma sensação incômoda.

Para disfarçar o nervosismo, ela disse com rispidez:

— Quero um relatório! Que merda está acontecendo aqui, comandante? Quero Bolon aqui, *já*, ou a cabeça dele enfiada em um espeto. Quero saber onde foram parar todos os meus carniçais guerreiros, merda! Quero o príncipe Malkaviano e o arconte Brujah aqui, em pedacinhos ou acorrentados. E não quero esperar nem mais um minuto. Entendido?

Vallejo enfrentou essa tempestade pacientemente. Seu rosto estava marcado pelo cansaço e todo o seu corpo parecia oscilar, como se um vento forte fosse rasgá-lo em pedaços. Vykos não conseguia ver o que o mantinha de pé.

Ele parecia ter alguma aversão ou relutância em encará-la.

— Minha senhora, — Vallejo anuiu às ordens — acredito que o comandante Bolon está... coordenando atividades. Perto do elevador de serviço. Queira me acompanhar...

Vykos começou a dizer que sabia muito bem onde ficava o maldito elevador de serviço, mas interrompeu-se. Vallejo estava no limite de suas forças, isso era óbvio. E ela ainda iria precisar muito dele aquela noite.

Bolon estava exultante e caminhava orgulhoso e determinado em direção a eles. O corpo estropiado do arconte Brujah pendia de um de seus punhos, com as pernas destruídas arrastando no chão. Esse fardo estranho não parecia sequer diminuir o ritmo dos passos do enorme comandante Tzimisce.

— Senhora Vykos.

Bolon abaixou-se sobre um joelho, depositando o troféu macabro diante dela.

— Onde está Benison, comandante? E onde estão as suas tropas?

Bolon moveu-se incomodado e não olhou para cima. Estava dolorosamente consciente de que a vulnerável parte de trás do seu pescoço continuava exposta sobre as placas de osso interligadas da sua armadura exoesquelética.

— Minha senhora, é meu desagradável dever informá-la de que o resto do batalhão foi perdido na destruição do Malkaviano.

— O batalhão inteiro? Perdido? Maldição, comandante, eu *preciso* dessas tropas!

Bolon ficou tenso, esperando o golpe de misericórdia, mas ele não aconteceu. Lentamente, levantou a cabeça e encarou Vykos. Forçou-se a reprimir sua reação inicial em relação ao temível rosto da Tzimisce.

— Vamos reconstruir a tropa, minha senhora. Tratarei disso pessoalmente. Estaremos em perfeitas condições de combate no prazo de um mês.

— Você não tem um mês. — replicou Vykos friamente.

— Mas a cidade é nossa, minha senhora. Com certeza, haverá alguns Anarquistas para caçar ou converter. E há, sem dúvida, alguns feiticeiros fugitivos que conseguiram escapar do incêndio na capela. Mas é melhor deixar esse trabalho nas mãos habilidosas dos Cainitas de puro sangue.

Vallejo interrompeu rapidamente, em defesa de seu companheiro.

— Sim, é como o comandante diz. Os carniçais guerreiros serão necessários para defender a cidade, mas certamente não haverá razão para temer um contra-ataque tão cedo, Conselheira Vykos. A Camarilla recebeu uma surpresa. Vai demorar até que organizem a resistência. E mesmo assim...

— Mesmo assim, — Bolon pegou o fio da conversa pendente — não têm um local adequado para reunirem suas forças para o contra-ataque. Charleston? Greenville, talvez? Mênfis?...

— Savannah!

Vallejo bateu com o punho na palma da mão de Bolon. Ele se virou rapidamente para Vykos.

— Minha senhora, eles virão por...

— Já cuidamos disso, comandante. Recebi agora há pouco a confirmação de que as nossas forças assumiram o controle do porto no início da noite. Exatamente na hora combinada. — acrescentou séria.

Essas notícias deixaram os dois comandantes claramente perplexos.

— Vamos lá, senhores, eu disse que esta batalha não seria um simples Cerco do Sangue — nem um mero ataque de uma noite só. Estamos em guerra, senhores.

Bem-vindos à Dança do Fogo.

Vykos abandonou-os ali, mudos e surpresos. Mas, após três passos rápidos, ela se virou.

— Comandante Bolon, você tem uma semana para formar novamente a sua tropa. Entendeu? Uma semana. Você tem um compromisso urgente e eu não gostaria que falhasse. Não me desaponte.

— Comandante Vallejo, você vem comigo.

— Sim, minha senhora.

Vallejo virou-se rapidamente sobre os calcanhares e começou a andar, tão inabalável quanto a sombra dela.

Terça-feira, 22 de junho de 1999, 03h15min
Estacionamento do *High Museum of Art*
Atlanta, Geórgia

Vykos interrompeu sua inspeção dos prisioneiros, levando a mão à boca, encantada.

Os caídos em combate tinham sido dispostos em filas muito bem ordenadas, seguindo o primeiro sistema organizacional que surgia — a rede de linhas brancas pintadas que delimitavam as vagas do estacionamento. A maioria dos Cainitas reunidos nunca mais iria sair desse último local de descanso.

— Ah, olhem para isto! — disse Vykos — Ela não é absolutamente maravilhosa?

Ela deteve-se para afastar uma madeixa de cabelo do rosto sujo de Victoria Ash, revelando uma pátina de sangue seco e uma massa de cinzas.

Os cílios compridos de Victoria levantaram-se em resposta ao toque. Ela encarou uma visão evocada diretamente do reino dos pesadelos.

O rosto que se debruçava sobre ela estava rigidamente dobrado sobre si mesmo, em ângulos retos. Um dos olhos era três vezes maior do que o outro e estava disposto perto da sobrancelha. O outro era pequeno e encovado, caído sobre o maxilar. O nariz também tinha uma estranha inclinação geométrica.

A coisa mais perturbadora nesse rosto, no entanto, era o fato de ser absolutamente belo, de tirar o fôlego. O olhar artístico de Victoria, bem treinado pela intimidade com várias das grandes obras e artistas dos dois últimos séculos, não podia estar enganado em relação a esse assunto. O rosto à sua frente era inegavelmente um Picasso.

Mas não era um Picasso já posto em tela, muito menos em um material de três dimensões tão vívido. Era como uma visão descartada pelo artista, deixada de lado e a qual foi negada a vida — uma visão da própria face da loucura e da crueldade.

Victoria tinha certeza de que a febre e a perda de sangue haviam dominado seus sentidos. Sentiu que começava a desmaiar. Palavras de conforto chegaram até ela, como se viessem de uma grande distância.

— Minha querida bonequinha de trapos.

Victoria perdeu a consciência quando Vykos começou a limpar a sujeira de seu rosto. Ela continuou esfregando, até brilhar, assumindo a claridade, e até a textura, da melhor porcelana.

Satisfeita, inclinou-se e depositou um beijo suave sobre uma bochecha perfeita. Seus lábios deixaram uma pequena marca escura, como a de um batom. Porém, um exame mais detalhado revelaria que a marca possuía uma forma inconfundível, talhada em detalhe exato e indelével, de uma serpente engolindo sua própria cauda.

Vykos olhou para baixo, com grande afeição pelo seu novo prêmio.

— Tragam-na. — ordenou, olhando por cima do ombro.

Deu três passos em direção à saída para a rua e deteve-se subitamente, atingida por uma idéia ainda mais prazerosa.

— Não... — ela disse, virando-se devagar, com um dedo encostado maliciosamente nos lábios e um ar de triunfo artístico nos olhos.

— Levem-na para a Oficina de Carniçais.

Terça-feira, 22 de junho de 1999, 05h12min
Décimo terceiro andar do Hotel Buckhead Ritz-Carlton
Atlanta, Geórgia

Parmênides acordou com dificuldade. Não conseguia livrar-se do sonho habitual. Estava correndo, ou tentando correr. Fugir. Aquilo deixava-o furioso, mas, por mais que tentasse, não conseguia levantar os pés. Estava preso no mesmo lugar e o seu perseguidor não estava muito longe. O "outro" estaria em cima dele de novo em breve.

Não conseguia nem obrigar-se a virar para encarar o terror desconhecido que se precipitava sobre ele, aproximando-se a uma velocidade alarmante. O sentimento de pânico cresceu a um ponto em que era quase insuportável e, de repente, sentiu um peso atingir suas costas e caiu.

Debatendo-se, Parmênides caiu para frente, contendo um grito. Das trevas vieram braços, agarraram-no e imobilizaram-no. Estava de novo em pé. Havia palavras reconfortantes sendo sussurradas bem perto. Tentou virar-se e encarar seu benfeitor desconhecido, mas seus pés estavam presos ao solo. Ele tropeçou de novo e quase caiu no chão.

As vozes que chegavam até ele pareciam desconexas.

— Fique quieto, tá?

— Não há razão para ficar se debatendo assim.

— Não esperava que voltasse tão depressa.

— Mas estou quase acabando, e não faz sentido deixá-lo inconsciente outra vez.

— Só terá que agüentar mais um pouquinho, logo estará tudo terminado.

— Meu garoto corajoso.

— Meu jovem romântico.

— Meu filósofo.

Ele demorou um pouco para perceber que só havia uma voz falando, e um pouco mais para juntar as peças do monólogo. Apenas depois de um bom tempo percebeu porque estava tendo tantas dificuldades com essas funções cognitivas básicas. Era a dor.

A dor. A dor que fazia uivar, que enlouquecia, que arrasava os nervos. Em algum lugar por perto, alguém gritou.

— Isso não vai doer nada. — disse a voz reconfortante, que uma parte distante de sua mente reconheceu como sendo a de sua cliente, Vykos.

De novo, o grito agudo.

— Tsc, tsc. Eles não dão nenhum treinamento rudimentar de domínio da mente sobre o corpo naquele paraíso em cima da montanha de vocês? Ninguém pode fazer um trabalho de qualidade nestas condições.

Outro longo grito.

— Agora você arruinou completamente o nariz e vou ter que começar tudo de novo, desde o inicio. E, se não ficar quieto, acabará arrancando um destes pés do chão e causando danos sérios e irreversíveis.

Gritos e mais gritos e um estalo atingindo algo carnudo e próximo que podia ter sido a sua cara.

— Agora vai se acalmar ou terei que deixá-lo inconsciente outra vez?

Ela não teve que fazer isso. A consciência abandonou-o. A carne deixou de resistir e dobrou-se à vontade dela.

parte três:

A FRAUDE

Quarta-feira, 23 de junho de 1999, 03h52min
East Bay Street
Charleston, Carolina do Sul

As chamas não muito distantes dançavam em direção ao céu, agitando-se em um frenesi espasmódico e, do terraço da sua casa de mais de dois séculos, Davis Purrel não podia fazer mais nada a não ser observar. Observar as chamas aproximando-se. Observá-las, como uma maré vermelha, devastar o Parque Battery. Os bombeiros mortais lutavam bravamente e às vezes conseguiam impedir que o incêndio se alastrasse. No entanto, os ventos instáveis sopravam invariavelmente da baía, dando nova vida às chamas e uivando como *banshees*✝ nos beirais da magnífica casa de Purrel.

Se o vento fosse tudo o que tivéssemos de combater, pensou Purrel, *ainda haveria uma chance.*

Tinha recebido mensagens de cerca de uma dezena de barcos que se dirigiam ao porto de Charleston, várias horas atrás. Uma resposta imediata poderia ter salvado a cidade. Ouvira rumores sobre os ataques a Atlanta e Savannah na noite anterior, claro, mas quem poderia esperar que algo dessa magnitude atingisse tão cedo ações a centenas de quilômetros para o sul e duas vezes essa distância para oeste?

Para provar o quanto estava errado, sua cidade ardia. Tinha cometido pouquíssimos erros ao longo dos anos; era irônico que as conseqüências disso fossem tão duras. Tão definitivas.

— Davis, é melhor você entrar.

A princípio, pensou que as chamas o chamavam, rogavam que as abraçasse, como fizeram com o coração da cidade que ele tinha visto crescer, passando de um simples porto colonial para um centro de cultura e comércio. Mas a voz pertencia ao velho que espreitava pelo alçapão atrás de Davis.

Davis ignorou Antoine Purrel, o dono da Purrel-Turney House e o mais recente de uma grande linha de descendência que tinha sido a face do poder de Davis Purrel no mundo mortal. Os traços do rosto orgulhoso de Davis refletiam-se no velho: um nariz aquilino e distintivo; sobrancelhas bem definidas; maxilar estreito e queixo quadrado e fendido. O rosto de Antoine era mais cheio. A pele era flácida — um marco do tempo — embora Davis fosse muito mais velho, o progenitor e o protetor tanto dos Purrel quanto de Charleston.

Eu fui um pastor aqui, pensou Davis, e era verdade. Tinha governado a cidade com justiça e sabedoria e fora surpreendentemente bem-sucedido, pois era raro um Toreador ser elevado à posição de príncipe. Desde o início, eliminara os rebeldes que teriam causado instabilidade à cidade, mas não era insensível e nem cruel. E a cidade prosperou. Hoje, as mansões neoclássicas que se aglomeravam no bastião de esplendor que era o Battery, a porção de terra entre os rios Ashley e Cooper, competiam com a glória de qualquer outro período, mesmo a dos últimos anos antes da Guerra Civil.

Mas agora os lobos estão no meio do rebanho.

As chamas eram incontestáveis. Os chacais do Sabá fizeram o que a poderosa frota da União não tinha conseguido na última guerra gloriosa — tomar a cidade por mar.

✝ N.T. Espírito cujo canto pressagia a morte de alguém.

— Davis, está me ouvindo?

— Vá dormir, Antoine. — disse Davis, com um suspiro — Já está muito tarde.

— Por Deus, há fogo por todos os lados! — disse Antoine, nervoso — Não vou morrer queimado na cama. Deveríamos ir para a casa em Columbia e voltar quando tudo estiver resolvido.

— Se você quiser, pode ir. — disse Davis.

Talvez o velho conseguisse se salvar, mas Davis duvidava. As estradas estariam sendo vigiadas e o porto seria bloqueado.

Davis nunca tinha se dado ao trabalho de explicar muito a Antoine sobre o funcionamento interno do mundo vampírico. Não, o velho nunca possuíra sagacidade para participar das conspirações dos mortos-vivos, exceto como peão. Era suficientemente capaz de assumir a face pública da família, de se mostrar no clube e ir aos encontros da *Historic Foundation*, mas era só isso. O filho de Antoine não tinha saído muito melhor e foi afastado para a Costa Oeste, mas o neto — ah, este sim era um rapaz promissor. Jason Purrel estava longe, em uma escola de artes. Não tinha nenhum talento, mas possuía certas sensibilidades e qualidades de caráter que Davis admirava. Por isso, Davis planejava um dia fazer do rapaz um carniçal. Agora, isso nunca iria acontecer.

— Você não devia estar perto das chamas. — censurou Antoine.

— Antoine, — disse Davis calmamente — sempre fui sincero com você...

— É mentira, maldição! — disse o velho.

Davis deixou escapar um riso estranho.

— Muito justo.

Ele se encostou ao parapeito do terraço. Sua cabeça estava abaixada, mas a voz era clara e forte, sobrepondo-se ao ruído do fogo, do vento e das sirenes.

— Mas fique sabendo que estou falando sério agora. Se não me deixar em paz, já, mato você aí onde está.

Davis levantou a cabeça para encarar o velho.

— Você acredita em mim?

O rosto de Antoine ficou ainda mais cinza. De repente, ficou vulnerável ao cheiro de fumaça, o que nem as rajadas de vento conseguiam dissipar. Ele passou a língua sobre os lábios e, sem uma palavra, retirou-se, descendo as escadas. Davis olhou para a cidade e ouviu o alçapão ser fechado pelo velho.

As chamas estavam bem próximas agora. Os bombeiros iam de um lado para o outro, como formigas, mas para cada foco do incêndio que contiam, irrompia outro. Davis sabia perfeitamente que não podia acreditar que o responsável pelas chamas cada vez mais próximas do seu refúgio fosse o vento inconveniente. Conseguia ver pelo menos uma dezena de estruturas históricas danificadas pelo fogo, com faixas negras nas fachadas, como cicatrizes de catapora na face de uma bela criança. Não conseguia olhar para a cena por mais de alguns segundos sem virar o rosto.

Talvez se eu saísse, se me entregasse, ponderou ele, *talvez assim poupassem a minha cidade.*

Davis não pensou em seus companheiros Toreador de Charleston; não pensou nos outros Membros que o serviam, com boa ou má vontade. Por ele, podiam torrar sob o sol da manhã. Mas a sua bela cidade — as lindas mansões, as garagens em tijolo, os jardins espaçosos em torno de sua casa, não conseguia ver tudo aquilo

destruído. E o que a resistência faria a não ser garantir que tudo fosse queimado?

Davis dirigiu o olhar para o contorno suave do forte no porto. *Foi assim que você se sentiu, Major Anderson?*, pensou em perguntar ao herói da União de Sumter morto há muito tempo. *Cercado, isolado, vendo aquilo a que serviu desmoronar à sua volta?*

Mas a única resposta que ouviu foi o estalar doentio do telhado de um de seus edifícios, o velho abrigo para o gado, que estava sendo consumido pelas chamas. O fim estava próximo. Davis pensou em descer pelo alçapão, porque queria passar os dedos pelas decorações em gesso de sua casa, contemplar os candeeiros de bronze e cristal, passar uma última vez pela escadaria suspensa que dominava o *hall* de entrada.

Não, acalmou-se. *Vou esperar pelas chamas aqui. Não vão demorar muito.*

Quarta-feira, 23 de junho de 1999, 03h59min
Décimo terceiro andar do Hotel Buckhead Ritz-Carlton
Atlanta, Geórgia

Vykos esperava pacientemente. Por fim, um gemido cansado disse-lhe que seu prisioneiro estava tentando, com unhas e dentes, retomar sua consciência. Anotando a hora exata, viu-se surpresa, não pela primeira vez nesta noite, com a tenacidade do Assamita.

Outro Tzimisce teria de imediato registado obsessivamente todas as minúcias em algum diário experimental interminável. Vykos, porém, não tinha o hábito de fazer registos reveladores sobre as capacidades exatas e a tolerância de suas cobaias.

Na primeira vez que ele acordara, na noite anterior, ela foi pega completamente de surpresa. O tolo tinha lutado para recuperar a consciência bem quando ela o estava esculpindo. Vykos reparou que a cobaia não havia tentado empregar nem a mais rudimentar das técnicas de controle da dor — apesar do fato de seu rosto, naquele momento, estar aberto até o osso.

Ele gritou, é claro, e a conseqüente contorção facial não iria aliviar o incômodo. Mas a dor não o deteve ou o deixou mais lento. Não foi como se a vítima houvesse transcendido, ou bloqueado a dor, ou resistido a ela. Simplesmente, a sensação de agonia, em toda a sua glória mais primitiva, não tinha atuado como um inibidor.

Vykos ficou se perguntando se o sistema nervoso destes assassinos legendários era de alguma forma alterado pelo treinamento e iniciação. Imaginou a lista de suspeitos prováveis: drogas, pós-hipnóticos, cirurgia a *laser*, vudu, inibidores neurais, fanatismo. As possibilidades eram integrantes, mas suas especulações fora inconclusivas.

Evidentemente, ela tinha experimentado desativar os sensores de dor, os emissores, os receptores, os processadores. Mas todos esses esforços produziram, inevitavelmente, resultados desastrosos e causaram vários ferimentos nas extremidades do corpo que não foram sentidos pela cobaia até que atingiu o limiar da perda crítica de sangue.

Mas isso era algo completamente diferente. Algo assombroso. Não havia um pedacinho do corpo da vítima que não tivesse sido espancado, remexido, beliscado, picado, torcido, rasgado, esmagado, amassado ou... pior. E a não ser que Vykos estivesse tremendamente enganada, ele estava prestes a saltar em sua garganta.

Com um uivo animal, Parmênides saltou em sua garganta. Ficou a uma boa distância e caiu estatelado sobre o chão de tábuas grossas.

Doloroso, reparou Vykos. *A maioria das cobaias se sentiria extremamente estimulada a realizar futuros ataques por causa disso.*

Mas o vampiro estava tentando se levantar de novo com as mãos e os joelhos, aparentemente para ficar de pé. Esse último esforço estava, em parte, condenado ao fracasso, ou pelo menos a causar frustração, pois as pernas ainda estavam unidas através dos joelhos e tornozelos.

O Assamita lançou-lhe um olhar repleto de estilhaços e farpas afiadas. Gelo e lâminas. Um olhar cheio da calma melancólica e concentração total de um grande felino em pleno ataque.

— Chega. Já avisei que você só vai se machucar com estas exibições tolas de fanfarronice. — repreendeu-o Vykos — Trabalhei várias horas por sua causa e não estou disposta a ficar calmamente sentada e vê-lo destruir de maneira imprudente todos os meus esforços.

Vykos agarrou-o pelos cabelos, levantando com facilidade a cabeça e o peito dele do chão e colocando o rosto de Parmênides muito próximo do seu.

— Agora, pense.

Aquela censura atingiu-o como um golpe físico. Cambaleou para trás, no limite extremo de desafio, dividido entre cuspir na cara de Vykos ou lançar-se sobre ela (às custas de um mero pedaço de couro cabeludo arrancado), rasgando a cara da Tzimisce com seus caninos. Vykos sacudiu-o uma vez e insistiu na mesma coisa antes que ele conseguisse decidir.

— Pense!

Ele se lançou sobre ela.

Parmênides estava esperando ouvir o som do cabelo e do couro cabeludo descolando-se antes que a primeira onda de dor o atingisse de verdade. Isso lhe daria uma fração de segundo crucial.

Portanto, estava completamente despreparado para o que aconteceu. Foi tudo muito mais rápido do que seus sentidos estimulados pela adrenalina conseguiram acompanhar. Foi como se Vykos o tivesse subitamente largado. Ou pelo menos foi o que ele pensou quando seu rosto, sem esse impedimento, bateu estrondosamente contra o chão.

Só que Vykos não o tinha largado. Parmênides teve certeza disso quando, logo em seguida, ela puxou sua cabeça de novo, forçando-o a encará-la mais uma vez. Por alguma razão, teve a impressão vaga e levemente dolorosa de que seu cabelo tinha realmente *esticado* de verdade — puxado até atingir um comprimento de quase um metro antes de voltar para o mesmo lugar.

Sua primeira reação foi, claro, de exaltação. Como se um espírito tivesse lhe concedido seu último desejo antes de morrer. Toda a sua vontade tinha se concentrado em ultrapassar o desagradavelmente pequeno intervalo entre os seus caninos e a cara de seu carrasco. E algo dentro dele — alguma imprevisível reserva de força, vontade ou energia — tinha se erguido e atendido à sua única necessidade definida.

Sentiu sangue quente jorrando de seus lábios e de um corte acima de um de seus olhos. Seu corpo fora destruído e suas pernas não respondiam. Mas não se sentia destruído. Sentia-se forte, inteiro e indomável. Ele deu um largo sorriso e saboreou o gosto familiar do sangue escorrendo em sua boca. Viu o brevíssimo olhar de surpresa que atravessou o rosto frio e esculpido de sua adversária.

— Ah, então você viu com seus próprios olhos. — vangloriou-se Parmênides — A raiva justa dos mestres é um martelo. Trovoa dos cumes distantes das montanhas. Agita as águas intervenientes. Lança sua sombra sobre você e o faz tremer sob ela. O seu sangue é meu.

A mão de Vykos afastou-se e ela recuou meio passo, incrédula. Contra todas as expectativas, e em desafio aberto a seu corpo lastimavelmente arrasado, Parmênides ficou de pé.

Vykos praguejou baixo. Conseguia praguejar como um soldado se quisesse. Na verdade, conseguia praguejar como um legionário em latim perfeitamente conjugado.

Conseguia praguejar como um cruzado (em vernáculo). Até se tornou conhecida por fazer corar tártaros, magiares e cossacos rudes, castigando-os no próprio idioma deles.

Nesta ocasião, porém, essa eloquência parecia tê-la abandonado. Tinha sido perturbada pela ferocidade da determinação de Parmênides e talvez também pelos rigores da experiência. Não se podia negar que esta cobaia era única e que o esforço de um monitoramento muito detalhado de suas reações seria fatigante.

Ela conseguia sentir a intensidade das paixões gêmeas dele — sobreviver e matar. Conseguia medir cada uma delas, anotá-las e analisar os gráficos finais. Mas resistiu à tentação de se tornar distante. Era muito mais útil interagir diretamente com a cobaia.

Conseguia sentir sua necessidade. Desprendia-se dele em ondas. Era como se os dois impulsos não fossem uma só paixão, um só instinto, uma só vontade — o matar-viver. Descartou imediatamente o termo idiota. O sentimento tinha mais significado em alemão, mas traduzido ficava pobre. Era um instinto simultâneo em direção ao túmulo e afastando-se dele. Um atirar-se e um retirar-se. Uma dança em frenesi à beira do precipício.

Estava tão surpresa quanto encantada com a velocidade que o corpo dele consumia a si mesmo.

Não conseguiu evitar sentir a satisfação quente do orgulho quando pensou naquele truque que ele tinha feito, de expandir e recolher o cabelo. Que inspirado! Não esperaria uma atitude assim — uma fusão tão perfeita entre a necessidade e a satisfação — nem mesmo em um criado muito mais velho.

O ataque desesperado dele poderia ter sido bem-sucedido se ela não tivesse sentido os primeiros sinais do Dom movendo-se nele. Mesmo com esse breve aviso, ela testou tudo o que podia fazer para afastar-se do caminho direto da fúria do vampiro. Agora, estava mais cautelosa. E ele, bem, a cobaia estava prestes a testar os controles desta experiência intensamente.

Vykos achou extremamente improvável que ele conseguisse libertar as pernas. Ela própria verificara se os ossos tinham se unido, e o osso era uma matéria dura e imperdoável. O domínio sobre o cabelo e as unhas — os Inanimados — era algo ao alcance do poder de um novato treinado. Submeter os Inanimados à sua própria vontade, porém, era uma mera brincadeira de criança se comparado à verdadeira Escultura Óssea — a mesma diferença entre trabalhar com massa de modelar ou mármore florentino.

O fato de ele parecer insensível em relação ao que deveria ser um nível de dor debilitante era um desafio, algo que Vykos achava novo e intrigante. Aqui estava algo que merecia um exame mais aprofundado se a cobaia sobrevivesse aos testes iniciais.

Por enquanto, Vykos lançava seu olhar crítico sobre os primeiros passos cegos, infantis, do indivíduo em direção à Grande Arte. Ela o encarava agora, reparando em cada faísca de emoção à medida que a cobaia passava da exultação inicial para a dúvida e, muito rapidamente, para o medo. Essas alterações eram apenas os sintomas exteriores da revelação que se contorcia dentro dele, abrindo caminho para a superfície de sua consciência.

— Calma. Não lute, meu jovem romântico, meu filósofo. Nem seus mestres vingativos irão lhe tirar esta pequena indulgência. É um dom. Beba e sacie-se.

A dúvida tinha, obviamente, ganhado. Ele lutou para libertar suas pernas, mas sem sucesso.

— Você não imagina o que irá acontecer com você...

A voz dele estava entrecortada pela indignação, obrigando-o a começar de novo. Os estragos que estava fazendo aos músculos das pernas eram cada vez maiores. Uma pequena parte do pensamento de Vykos registava resignadamente as horas de trabalho gastas e as semanas de descanso e de recuperação física que ele estava acumulando.

Parmênides continuou, enfurecido:

— Mesmo que você consiga evitar que eu me sacie com seu coração negro...

Fez uma pausa. A aceitação desse fato era extremamente penosa.

Vykos conseguia perceber a vontade de lutar fugindo dele. Ele engoliu com dificuldade e apressou-se em continuar:

— Mesmo assim, haverá outros. Os mestres forjarão um inferno especial para receberem você e não descansarão enquanto não a verem arrastando-se, gritando e implorando pela sua vida no fogo que arde eternamente e nunca se consome.

Impassível, Vykos bateu palmas, devagar. Ao fazer isso, a carne das mãos começou a escurecer e a se soltar. Em breve, cada som era acompanhado por uma pequena nuvem de cinzas se desfazendo, sendo expelida e assentando-se suavemente no chão. Parmênides conseguia ver o branco ofuscante do osso aparecendo. Ouviu as articulações estalando e quebrando-se, como se estivessem expostas a um calor extremo. Viu restos de ossos escurecidos e pontiagudos caírem e ricochetearem no chão com estrondo.

— Chega! — gritou ele, desviando a cara do espetáculo macabro — Chega desses truques de salão infernais. Você não é imune ao mal. Os mestres tiveram séculos para aperfeiçoar sua arte. Eles saberão como causar o seu fim. Pode acreditar. Acha que nunca matamos um dos seus? Está enganada, senhora.

— Ah, mas você não conhece o truque — disse ela, de maneira prosaica.

— Uma estaca no coração, talvez? Imersão em água corrente? Hóstias com sabor de alho?

As mãos dela estavam inteiras de novo, sem vestígios de qualquer queimadura. Ela deu uma volta em torno dele cautelosamente. Ao aproximar-se da porta, inclinou-se para se ajoelhar sobre algo fora do ângulo de visão de Parmênides.

Ele manteve o olhar rigidamente fixo, tentando se controlar. Percebeu que estava realmente tremendo de frustração. Com um esforço enorme, conseguiu segurar sua língua, recusando-se a aceitar as provocações dela.

Depois de alguns instantes, viu com o canto dos olhos Vykos endireitando-se de novo e levantando uma cadeira derrubada. Vykos deu um impulso nela e começou a empurrá-la para frente.

— Dentro de pouquíssimo tempo, — explicou ela — você vai cair. Já está quase atingido o ponto sem retorno — o de causar danos permanentes às suas pernas. Sente-se e pare com essas ameaças e essa pose sem sentido, tá? Há problemas importantes a serem discutidos e o tempo é curto.

Ele virou-se na direção dela, como se fosse atacá-la de novo, mas o esforço foi muito para as suas pernas aleijadas. Ele caiu fazendo um som de uma tenda de lona despencando.

— Esta humilhação... — rugiu ele contra as tábuas do chão, incapaz de se levantar ou ao menos de se virar — não ficará sem vingança. Você está tão condenada quanto eu.

Ele respirou com dificuldade.

— Mesmo se você me restaurasse e me pusesse em liberdade, já seria muito tarde para comprar uma única noite da sua não-vida amaldiçoada. Embora me encontre entre demônios, é de você, meu carrasco, que tenho pena.

Houve uma longa pausa. Durante ela, Parmênides apenas reprimiu os soluços atrozes que faziam seu corpo inteiro entrar em convulsão. Mas nenhum som da sua luta interior escapou de seus lábios.

— Meu jovem poeta.

A voz era agora afável, suave, afetuosa e talvez possuísse um toque de orgulho.

— Fique quieto agora. Já chega. Estou bastante satisfeita com você.

Alguns minutos depois, ele sentiu mãos fortes agarrarem-no firmemente por baixo de cada braço. Não lutou. Seus olhos estavam apertados pela humilhação e derrota. Com os lábios rachados e sangrando, Parmênides começou a proferir preces incompletas para os mortos. Quase nem reparou que estava sendo colocado em uma cadeira dura, de encosto reto. O aparelho medonho deixou quase nenhum registro em sua consciência. As preces tornaram-se mais fervorosas, como se abafar os sons do que acontecia à sua volta pudesse negar os próprios acontecimentos — calá-los, bani-los.

De algum lugar bem longe, ele ouviu uma voz feminina familiar que, por um momento, não conseguiu identificar. Era uma voz agradável, uma voz sedutora, que parecia estar muito preocupada com ele e com seu bem-estar.

— Só uma coisa me desapontou. — cantarolou a voz.

Parmênides atirou-se para frente, com a cabeça quase batendo nos joelhos destruídos à medida que a cadeira caía.

— Que você tenha acreditado, mesmo por alguns momentos, que eu seria tão imprudente a ponto de deixá-lo sob meus cuidados sem o conhecimento — e muito menos o encorajamento — dos seus queridos mestres.

— Não haverá punição, meu querido assassino, pois você é um presente. Um presente muito especial. Uma oferta de paz cedida pelo Velho da Montanha. Você será o fruto do acordo entre os nossos dois povos.

— Você foi deixado aos meus cuidados. Entendeu? Você é completamente meu, para eu fazer o que quiser. Apenas pense nisso! Nós vamos nos divertir muito juntos.

É possível que Parmênides tenha gritado. Entre o atordoamento de dor e horror, parte de sua mente, uma parte muito bem disciplinada e treinada com rigor por semanas a fio para reagir a uma situação como esta, buscou instintivamente as Palavras de Anulação, que aliviariam seu sofrimento.

Quarta-feira, 23 de junho de 1999, 04h41min
Estação de carga CSX
Atlanta, Geórgia

Os momentos de paz pareciam estar durando a mesma eternidade que as horas de dor que os precederam. Victoria Ash, Primogênita Toreador de Atlanta — por pouco, sentia ela, príncipe de Atlanta — não conseguia olhar para si própria. Isso destruiria sua paz, assim como o cheiro de seu próprio sangue, que ensopava a cadeira de madeira, quase fazia. De olhos fechados, portanto, ela apagou os pensamentos sobre o horror de sua situação atual e começou a pensar no futuro.

Apesar de Elford ter feito o seu pior — e o trabalho dele era realmente terrível, perverso e sádico — Victoria sabia agora que iria sobreviver. Seria um monte de destroços, provavelmente por décadas; as cicatrizes daquela noite demorariam meses para sarar, e parecia provável que haveria muitas noites assim em seu futuro. Porém, enquanto o cruel membro do Sabá a destruía, Victoria descobriu um pequeno raio de esperança brilhando nas trevas de seu tormento.

A princípio, o medo a convencera de que sucumbiria facilmente à tortura, que a sua mente iria ceder e que ela iria gritar, pedir, implorar e resistir como Elford desejava. Apesar de sua carne vampírica ter sido realmente fraca à vontade do escultor de carne humana Tzimisce, a mente de Victoria permanecia intacta. Entretanto, o mais importante era que, através das perversas alterações de Elford, ela estava descobrindo o que o fazia vibrar, o que ele desejava, o que o excitava e atraía. E então, ela resistiu. Canalizava a dor que causava. Cada gemido e contorção dela era cronometado e modelado pelos anseios sádicos do Tzimisce, e os atos dele tornavam tudo isso claro para Victoria; as reações da vampira às carícias abrasivas dele deleitavam-no e acabavam por distraí-lo. Até ele ir embora rastejando-se arquejante e fechar com estrondo a porta do vagão atrás de si.

Victoria não tinha como saber quantos vagões continham brinquedos para o torturador. Mas com certeza havia mais. Às vezes, Elford cheirava a sangue de outros ou ia até ela com manchas não-identificáveis da matéria deles na pele.

Victoria sabia que a sua beleza física era suficiente para seduzir um vampiro. Já fizera isso muitas vezes. Agora, suspeitava que a degradação dessa beleza era suficiente para seduzir um Tzimisce. A Toreador sentia que Elford lhe pertenceria — não naquela noite, nem na próxima semana, nem no mês seguinte. Mas os desejos dele eram um bisturi nas mãos dela e ela o manejava com tanta perícia quanto ele em relação a qualquer um de seus instrumentos. O tempo seria um teste, é verdade, mas ela iria perseverar, e o tempo lhe daria a recompensa — e o seu captor iria pagar. Por tudo. Desde a pior deformidade até a menor imperfeição.

A dor que ela tinha suportado quando ele deslizara a mão pelo seu peito e agarrava uma costela fora terrível. As operações dele estavam cheias de insinuação sexual, e essa fora a primeira pista de Victoria. O idiota tinha falado demais. Não só revelara os meios para ser derrotado como dera a Victoria um ponto de concentração para seus pensamentos quando ela procurava desesperadamente por algo que mascarasse a dor. Aquela intrusão dele em seu corpo tinha denunciado todo o significado e, a partir daí, ela fez seus planos.

Estas eram as marcas do prazer de Elford. Nas mãos dele, a costela da Toreador parecia argila e foi torcida para se encaixar na visão que ele tinha sobre que aspecto

Victoria deveria assumir. A ex-primogênita não conseguia mais resistir e examinou seu próprio corpo. O seio direito, juncado de queimaduras ovais infligidas pelos dedos em brasa do Tzimisce, estava agora empalado por uma de suas próprias costelas. Elford a tinha torcido para fora a fixara com perícia e dolorosamente, através do corpo dela, de modo que a ponta saía no local do mamilo, a chamada imperfeição que havia sido removida anteriormente com uma mordida selvagem.

E assim iniciou-se uma linha de decoração com ossos expostos, pequenas protuberâncias parecidas com chifres que faziam a pele em volta coçar e arder implacavelmente. A clavícula foi dobrada e separada em uma série de afloramentos que ligavam o braço direito ao mamilo de osso. As esporas do braço tinham sido trabalhadas no úmero e esticadas até ultrapassarem a pele.

Por fim, havia mais duas dessas esporas nas costas da mão dela, talvez com o objetivo de se juntarem às outras.

Todos esses ferimentos, essas cirurgias grotescas, podiam ser curados, pensou ela. *Esperava* ela. A não ser que Elford possuísse um sangue muito mais antigo do que imaginava, ou a não ser que estivesse errada em suas crenças sobre os escultores de carne humana Tzimisce — e o conhecimento que possuía sobre os poderes dos demônios, apesar da sua presente e terrível exposição a eles, era realmente pequeno — e centenas de possibilidades diferentes que poderiam transformá-la em um monstro cheio de cicatrizes; a não ser que apenas *uma* dessas várias possibilidades fosse verdade, ela seria, por fim, capaz de retomar sua forma primitiva de beleza. Era nisso que tinha que acreditar. Era a única esperança que tinha e ela se apegava a isso como à água em um deserto. O corpo dela era realmente seu templo e ficar pensando nos estragos que tinham sido feitos seria render-se ao desespero. Deixaria Victoria incapaz de tomar as atitudes decisivas que poderiam acabar libertando-a.

Victoria afundou-se na cadeira. Seu pensamento saiu do futuro e foi para o passado — qualquer um dos dois é uma alternativa preferível ao presente. Mal podia acreditar na virada dos acontecimentos que a trouxeram ali. A festa e os planos que tinha para o *High Museum* foram preparados meticulosamente, quase se realizaram. Ela entrara na galeria pela porta do Céu. Agora tinha ido até o Inferno. Supondo que realmente sobrevivesse a esse Inferno, ficaria com uma lição valiosa, pois agora sabia que nunca estaria totalmente segura. Não importa o número de testes que aplicaria a seus planos antes de executá-los, não importa a dimensão do poder que podia ganhar, não importa as formidáveis defesas que conseguiria erguer — nunca estaria segura. Mesmo que fugisse desta masmorra sobre trilhos — *quando* fugisse — nunca mais se sentiria segura novamente.

Enquanto a confiança de Victoria em uma futura liberdade aumentava em escala modesta, suas perspectivas a curto prazo permaneciam extremamente assustadoras. Não tinha nenhuma vontade de ser vítima da degradação e tortura que Elford planejara para ela. Se pudesse fugir mais cedo em vez de mais tarde, melhor ainda.

Victoria tinha várias maneiras de submeter um indivíduo às suas vontades — tanto quando mortal como quando Membro, ela sempre tinha sido perita em fazer os outros a desejarem, apaixonadamente, desesperadamente — mas, quando utilizou pela primeira vez os seus mais poderosos meios com Elford, percebeu instantaneamente que nunca funcionariam. Era um escravo dedicado demais à paixão pelo seu trabalho para ter um desejo adicional produzido tão de forma instantânea.

Com ele, o único recurso era agir sobre seus estratagemas com o passar do tempo. Talvez uma noite, em breve ou não tão cedo, fosse bem-sucedida, mas isso seria uma ajuda pequena.

Mas que outras opções possuía? Victoria viu os pedaços do celular no chão. Inegavelmente quebrado, e não tinha motivos para acreditar que conseguiria consertá-lo, mesmo se o alcançasse. No entanto, essa perda não era motivo para o desespero total, pois a Toreador tinha outros meios para pedir ajuda. Não havia garantia de êxito. Longe disso. Mas ao recuperar seu espírito de luta — fortemente atormentado, neste caso, pelo seu pavor da próxima sessão com Elford — decidiu tentar.

Ao longo dos muitos anos de sua existência noturna, Victoria tivera contato com inúmeros Membros, e agora todos eles eram um salvador em potencial. Mesmo os que não tinha induzido a adorá-la não deixariam de reparar em sua beleza e charme irresistíveis. A imagem dela estaria gravada para sempre na psique deles. Era essa a natureza dos dons que acompanhavam, ou que compensavam, a Maldição de Caim no caso dela. Os outros Membros podiam não estar predispostos a ajudá-la. A decisão deles, porém, não dependia apenas do livre árbitrio. Podiam resistir ao apelo dela, e, muito provavelmente, os muito poderosos para resgatarem-na daquele inferno eram também muito poderosos para ignorarem seu chamado. Mas Victoria conseguia ser muito persuasiva.

Embora os nomes deles soassem apenas em sua mente, ela começou a chamá-los, um por um, para perto de si.

Seu pedido urgente persistiria durante o resto da noite, não mais. Por isso, só valia a pena apelar aos que poderiam estar por perto. *Benison. Julius.* Concentrou-se nos nomes deles. Esses dois fortes guerreiros estavam provavelmente mortos, junto com o grupo da Camarilla que tinha se divertido na festa de Victoria, mas ao menos perturbaria seus túmulos. Riu baixinho e chamou *Eleanor* também. Seria bastante irônico se aquela "vaca" tivesse sobrevivido e conseguisse salvar Victoria.

Virou o queixo para cima e lançou mais nomes no éter. Veria o que tinha acontecido aos desertores da sua festa: *Vegel. Hannah. Rolph.* Talvez seus intricados planos de fuga fossem destruídos por um retorno a Atlanta, supondo que era em Atlanta que Victoria estava, pois não tinha como saber.

E outros ainda. Tinha poucos confidentes, e ninguém a quem pudesse honestamente chamar de amigo, ninguém que tivesse continuado a amar através dos séculos. Apenas alguns amantes, admiradores e camaradas — a maioria amantes e admiradores, admitiu ela, pois tinha pouca inclinação para a camaradagem — aparecessem, talvez, se as circunstâncias permitissem: *Oliver*, embora tivesse quase certeza de que o bruto Brujah estivesse em torpor; *Jan*, apesar de saber que estava na Europa, provavelmente preso a seus anciões Ventrue de uma forma que os Membros do Novo Mundo não conseguiriam compreender e que ele não iria superar, mesmo que seus sentimentos por ela persistissem; *Joshua*, pois se havia alguém que conseguiria farejar seu paradeiro, esse alguém seria o Gangrel Joshua.

Manter o humor naquela situação não era fácil, mas Victoria riu de si mesma ao enviar o apelo seguinte: *Leopold.* O jovem a tinha salvado uma vez no *High.* Talvez pudesse fazer isso de novo — pouco provável, já que o tentáculo de sombras certamente o havia feito em pedaços.

O processo demorou bastante. A madrugada aproximava-se quando Victoria acabou de recitar mentalmente a lista de nomes. O corpo cansado, ferido e violado cedeu no mesmo instante. Ela fechou os olhos e recolheu-se em sua mente, tentando ir para aquele lugar além dos pensamentos onde estaria livre, dos serviços que o carrasco Tzimisce tinha para oferecer, pelo menos até o próximo pôr-do-sol.

Quinta-feira, 24 de junho de 1999, 02h51min
Interstate 40
Leste de Asheville, Carolina do Norte

Hardin apertou com tanta força o volante que suas articulações brancas ficaram da cor do osso. O caminhão tremia e dava solavancos. O motor emita sons desencorajadores. Ele esmagou o painel de instrumentos com o punho até a proteção de plástico se partir e cair.

— Provavelmente vão descontar isso do depósito. — disse Desmond, espremido no banco do meio. Do outro lado, estava sentado Rojo, com um ar despreocupado. Estava cutucando os dentes com uma unha — que não era sua; estava agarrada a um dedo útil, mas solto.

Hardin encarou o homem baixo pela sua tentativa de humor. Não houvera nenhum depósito, nenhum tipo de taxa, por este U-haul.

A dissonância debaixo do capô tornava-se mais pronunciada. O vapor começou a sair pelas frestas. Então, depois de uma explosão abafada, o zunido ofegante do motor começou a enfraquecer. O ponteiro de velocidade, já entre os 80 e 90, reconheceu o fim do motor caindo rapidamente para valores de um único dígito. Hardin levou o caminhão até o acostamento e ele continuou aos solavancos até parar.

Hardin saltou para o chão de cascalhos. Desmond o seguiu. Rojo não mostrou a menor vontade de sair do caminhão. *E para quê?*, interrogou-se Hardin. E *para que fazer qualquer coisa?*

Não havia muito trânsito. Hardin deu uma olhada no relógio. Podiam fazer uma breve parada, decidiu ele. Não havia motivo para se preocupar. Em breve, alguém iria parar, um bom samaritano que lhes daria um novo transporte. E sangue novo.

Desmond, depois de ter enrolado alguns trapos em volta das mãos, levantou o capô. Quando a fumaça se dissipou, olhou por um momento para o motor. Depois, deu um passo para trás, baixou a cabeça e fez o sinal da cruz.

— Gasolina? — perguntou Hardin.

Desmond concordou com a cabeça.

— Quem colocou?

Desta vez, Desmond abanou a cabeça.

— Não sei.

— Rojo? — Hardin perguntou ao passageiro de tez escura e cabelo ruivo, que lançou um olhar maligno a Hardin.

Rojo deu de ombros.

— Um dos gringos. Todos são parecidos.

Hardin começou a andar até a traseira do caminhão, mas parou e protegeu os olhos contra a luz do carro de patrulha que parara atrás do U-haul.

— Quebrou? — perguntou o guarda enquanto saía do carro.

Nesse mesmo instante, a porta do U-haul, que estava fechada, mas não trancada, abriu-se, e mais dois passageiros saltaram para o cascalho.

O guarda fez um ar carrancudo.

— Você sabe que é proibido transportar passageiros aqui atrás.

Começou a procurar pelo livro de multas.

— Sim. — disse Hardin — Eu sei.

A lâmina larga da cimitarra atingiu com um som seco o pescoço do policial antes de alguém sequer ter visto Hardin tirar a arma de dentro do casaco. O guarda deu um passo cambaleante para trás, incrédulo, e caiu no chão.

— Tirem-no daqui antes que aquele outro carro passe — instruiu Hardin.

— Todos o obedeceram imediatamente, apesar de o outro carro estar no topo de um monte a várias centenas de metros e haver tempo suficiente. Levantaram o corpo com facilidade, parando apenas para devolver a arma de Hardin, e levaram o guarda para os arbustos além do acostamento. Hardin conseguia ouvi-los cair sobre o corpo como abutres e reclamarem aquilo que o policial não precisava mais. Outros passageiros começaram a sair da traseira do caminhão. O carro passou por eles velozmente.

— Jacques. — chamou Hardin, dirigindo-se a um deles.

— Eu sou o Jake.

— Jake, ou seja lá que merda você é. — disse Hardin rudemente — Quem colocou gasolina no caminhão?

— Isso foi o Jacques.

— Diga-lhe para vir aqui. E vocês, Lonnie, Greasy e Amber, levem o carro de polícia e tragam mais três carros.

Jake fez o que lhe foi dito. Quando ele e os outros três se dirigiam para o carro de polícia, Jacques aproximou-se lentamente de Hardin. Era um homem baixo e atarracado, de cabelo espesso. Nunca parecia satisfeito. Não que Hardin se preocupasse com isso.

— Em Montreal há caminhões a diesel? — perguntou Hardin.

— Sim.

— E você sabe a diferença entre gasolina e diesel, seu maldito canadense estúpido?

Jacques, parecendo muitíssimo infeliz, mexeu-se inquieto, mas a resposta foi impedida pela cimitarra que de novo zuniu pelo ar, aparentemente com vontade própria. A cabeça de Jacques caiu para trás. Um segundo depois, o corpo juntou-se a ela. Não houve muito sangue.

Hardin abaixou-se e limpou a lâmina com as calças de Jacques.

— Nove vampiros *competentes* seria pedir muito, eu acho.

Enquanto Desmond arrastava o corpo para fora da estrada, Hardin olhou para a traseira do caminhão. O menor grupo de guerra Sabá viajava pouco carregado. Teriam ficado melhor com carros do que com um caminhão. Além de algumas mochilas com espingardas e cartuchos serrados, não havia mais nenhum material.

Hardin não considera as cabeças um tipo de material.

Havia o príncipe da Camarilla de Columbia — quer dizer, ex-príncipe. Depois, havia os três de Asheville: o príncipe Van de Brook — um chorão! O jovem Gangrel tinha morrido melhor; mesmo o Toreador, Stein, tinha partido com alguma dignidade.

Novamente, Hardin não dava a mínima. *Vão todos à merda!*

Tinha o seu itinerário e estava cumprindo o horário. Estas "cidades" atrasadas nem sequer mereciam que alguém se desse ao trabalho de limpá-las, na opinião dele, mas para dizer a verdade também não davam *tanto* trabalho. Mesmo assim, Hardin estava ansioso para se juntar às forças principais e começar a se divertir de

verdade. Como em Atlanta. Aquilo, sim, tinha valido a pena — incendiar a capela Tremere até restar nada. Claro que o fato de Vykos já ter eliminado o chefão Tremere tornara tudo mais fácil.

Chefão. Hardin olhou para o grupo de cabeças com olhos esbugalhados no caminhão e deu um sorriso irônico. *Tenho que me lembrar desta para contar ao Desmond.*

Atlanta tinha sido um estouro, é verdade. Estas merdinhas aqui serviam só para ganhar tempo. Ele não teria que esperar muito. Winston-Salem, Roanoke, Charlottesville... e depois a *Grande Enchilada*♦.

Faróis de novo. Mas desta vez vinham na direção oposta da interestadual. Hardin reconheceu o carro que tinha passado antes, mas agora era Amber que estava ao volante. Hardin não gostava da cara dela, era muito ranzinza, mas tinha um belo par de seios. Os pneus chiaram e o carro parou perto do caminhão.

— Sai daí. — disse Hardin, abrindo a porta e empurrando-a para o lado. Ela mostrou os caninos e sibilou em resposta ao tratamento rude dele.

— Dá um tempo, sua sanguessuga.

Colocou a cabeça para fora da janela.

— Peguem tudo e vamos embora!

— Joguem as cabeças no caminhão. — acrescentou, para garantir que não seriam esquecidas.

Desmond e os outros dois membros do Sabá formaram uma espécie de corrente e foram passando as mochilas e as cabeças. Uma das cabeças caiu e saiu rolando, mas Desmond vasculhou debaixo do carro e a recuperou.

— E Jake e os outros, *jefe*? — perguntou Rojo, que veio andando calmamente e entrou no carro.

— Nós os encontraremos mais tarde. — disse Hardin. Não estava com paciência para esperar mais.

— Se nos desencontrarmos, eles sabem aonde iremos.

♦ N.T.: Comida mexicana

Quinta-feira, 24 de junho de 1999, 03h00
Décimo terceiro andar do Hotel Buckhead Ritz-Carlton
Atlanta, Geórgia

Parmênides acordou. Um momento depois, *percebeu* que tinha acordado e amaldiçoou os nomes de cerca de setecentos e quarenta deuses antes de ser forçado a interromper suas maldições por tempo suficiente para evocar os nomes de mais opressores sobrenaturais sobre os quais deviam ser derramados desdém e ácido.

Não estava morto.

Bem, isso não era tecnicamente verdade. Era um morto, claro. Um vampiro, um cadáver errante. Mas ainda estava, como se costuma dizer, entre os vivos. Para ser mais preciso, em um hotel luxuoso em uma das áreas mais conceituadas de Atlanta. Em poucas palavras, unia-se a cerca de três milhões e meio de vivos.

O mais importante: ainda estava entre os não-vivos. Era prisioneiro — por ordem crescente de horror e desespero — do Sabá, dos Tzimisce e de uma tal de Sascha Vykos.

Desde a época de seu Abraço, tinha ouvido histórias sobre a depravação do Sabá — de seus rituais impuros e de escárnio, da predileção por beber o sangue de seus senhores, dos esforços insanos para apressar a chegada da Gehenna. De certa forma, era difícil acreditar em tudo aquilo. Era difícil imaginar o motivo pelo qual alguém procuraria ativamente a Retribuição Final de Caim, o Pai Sombrio, chamado de O Primeiro Assassino e O Matador de Família.

Quando ainda era um recém-chegado ao mundo dos imortais, Parmênides suspeitara que esses rumores — como muitas outras histórias similares destinadas a assustar as crias — não passavam de histórias da vovó. Neste caso, de vovós muito velhas.

No entanto, era obrigado a aceitar que esses relatos não eram mais extraordinários do que a afirmação fantástica de que os predadores de sangue perseguiam o mundo à luz dos anúncios de *neon* e dos faróis. E ele não mais se sentia em posição de julgar essas afirmações de forma imparcial.

Em anos mais recentes, e por mais de uma vez, estivera em contato direto com o Sabá e não tinha descoberto nada que o levasse a ignorar de repente os contos infantis perturbadores. Esses encontros sempre lhe deixavam bastante inquieto — o que nem as maravilhosas recompensas do elísio no topo da montanha conseguiriam eliminar inteiramente do espírito.

Ao lidar com os viscosos Lasombra, Parmênides experimentou uma sensação estranha, como alguém sentindo uma víbora deslizar por sua perna durante o sono. Ele tivera, é claro, várias oportunidades de lidar com serpentes no elísio. Os venenos eram uma parte antiga e reverenciada da profissão. O toque da mais mortal das najas era para ele frio e suave, e não desagradável.

A sensação que tinha na presença dos Lasombra, porém, era algo completamente diferente. Algo mutável, quente e pegajoso — o toque de uma serpente em um pesadelo infantil.

E depois havia os Tzimisce. Parmênides sabia que nos círculos educados da sociedade dos Membros — as festas no jardim e os encontros sociais que caracterizavam a não-vida de seus delicados primos da Camarilla — os vampiros respeitáveis se sentiam envergonhados por sequer *pensarem* nos Tzimisce. Seria uma gafe humilhante, como falar sobre leprosos durante o chá. Só que os leprosos costumavam tomar conta de seus próprios negócios, e esses negócios raramente envolviam a tortura, mutilação e morte eventual (muito eventual) de pessoas respeitáveis que gostariam de fingir que jamais existiu alguma dessas criaturas deformadas à solta pela terra.

Parmênides tivera pouco contato com os Tzimisce. Em geral, os demônios tendiam a se isolar, a serem solitários e obcecados pelas suas experiências perturbadoras no pseudo-científico, no oculto e na anatomia.

Os Tzimisce ignoravam quase universalmente tudo o que dizia respeito à política, ascensão social e jogos de poder — os objetivos que tanto intrigam seus irmãos no Sabá, os Lasombra. Não é de se surpreender que os Tzimisce raramente precisem do tipo de serviço que Parmênides tinha a oferecer.

A tal Vykos era uma exceção notável. Primeiramente, não era bizarra como seu clã. Os Tzimisce deliciavam-se com a deformidade. Faziam dela sua paixão e arte.

Entre a antiga fraternidade dos assassinos, existiam conselhos sábios sobre os demônios. Dizia-se: "Se no decorrer de seus deveres você se deparar com um monstro oculto nas sombras, estará diante de um Nosferatu. Você foi visto. A vítima será avisada. Parta e submeta-se ao castigo dos mestres."

"Porém, se você vir um monstro saltitando à luz das tochas, *este* será um Tzimisce. Vá embora e não volte antes que três noites completas tenham se passado — e apenas para verificar se seu alvo já está morto."

Vykos não era um monstro saltitante. Era muito humana. E muito feminina. De uma forma quase dolorosa, pensou Parmênides com resignação. Era bela da mesma maneira que uma tigresa atacando — toda elegante e fatal.

Um outro desvio óbvio em relação às predileções de sua espécie era a ambição. Vykos sempre se envolvia com os jogos letais da política cainita — um jogo que mata com a mesma precisão (embora nem sempre com a mesma elegância) do tigre.

Enquanto o jogo podia acabar se tornando primitivo e meramente bestial, Vykos mantinha a reputação de possuir um estilo impassível e uma *finesse* que eram raros entre os membros de seu clã. Embora a maioria de seus parentes queira abandonar a liderança do Sabá a favor dos irmãos Lasombra, Vykos desenvolvera o hábito de derrotá-los em seu próprio jogo.

Parmênides sabia que outros de sua ordem ajudaram Vykos no passado, e que ele tinha um extenso portfólio de contratos com os mestres para cumprir. O pensamento de que ela poderia pôr em perigo uma relação assim...

Afastou essa idéia. Havia algo doloroso ali, algo que ainda não estava preparado para tocar, para examinar com mais atenção.

Parmênides estava encantado, pois conseguia pensar sobre esses assuntos de maneira muito racional.

O Sabá, os Tzimisce, Vykos. Repetiu as palavras de novo, curioso e satisfeito pela completa falta de reação que produziram em si. Suspeitava que a parte de sua mente capaz de registar a dor e o terror estava ocupada no momento.

Porém, essa revelação não era nada reconfortante. Além de levantar algumas preocupações sobre seu bem-estar físico, essa descoberta parecia mais causar incertezas do que afastá-las. Ele possuía algo além de uma curiosidade passageira sobre que funções cognitivas mais elevadas estariam sob seu controle atualmente. Decidiu realizar uma pequena experiência.

Tinha bastante certeza de que os centros da emoção e da dor não estavam respondendo da maneira a que estava acostumado. Suspeitava ainda que a causa imediata dessa insuficiência era uma repressão física extrema.

Outras reações de reflexo também pareciam ter entrado em curto. Desde seu primeiro treinamento, sabia que suas funções autônomas tinham sido especialmente canalizadas para impedir que fosse capturado durante uma missão falha.

Ele vira esse mecanismo de segurança em ação apenas uma vez. Isso acontecera em Veneza, há alguns séculos. Mas não era algo possível de esquecer. Um de seus irmãos, durante uma tentativa de escapar do palácio de Doge, foi interrompido quando estava mergulhando para a segurança relativa do canal. Seu corpo foi puxado de volta ao parapeito e ele desapareceu sob um manto de golpes — os ataques dolorosos de incontáveis punhos, calcanhares e lanças.

Do seu posto de observação, no início do labirinto de ruas estreitas bem abaixo, Parmênides viu seu irmão cair sob a multidão. Saiu correndo em direção à muralha. O guardião, porém, colocou uma de suas mãos fortes sobre seu ombro.

— Espere. — ele disse — Fique atento agora para não deixar de ver como nosso irmãozinho conseguirá escapar.

Parmênides sentiu o efeito de cada pancada, rápida e insistente, como uma chuva impiedosa. Estava certo de que a enxurrada afogaria a vítima ou a empurraria para fora do parapeito. Mas o filho da montanha, em seu posto altivo no alto da muralha, não pereceu.

Pelo menos até trazerem as correntes. Lá embaixo, Parmênides conseguia ver a bagunça; conseguia ouvir as ligas retinirem e fecharem. Mas assim que esse som atingiu seus ouvidos também surgiram gritos de alarme e de maldições.

— Afaste a tocha, idiota! — Alguém gritou. Mas a tocha continuava erguida bem alto e nunca abaixou atrás da muralha ameada. Houve um clarão de luz com um brilho de magnésio seguido de um anel de fumaça escura e oleosa no pináculo do palácio de Doge. Só então o mentor do confuso Parmênides libertou-o e juntos uniram-se à multidão que se aglomerava.

Nos anos subseqüentes, Parmênides pensava muito sobre as circunstâncias que tinham levado ele e seu mestre ao palácio de Doge naquela noite. Nunca conseguiu se lembrar realmente do pretexto exato para aquela viagem.

Evidentemente, seu treino não foi concluído na decadência das cidades-estados italianas, mergulhadas entre os excessos dos Médici e a depravação dos Borgias. Os rigores do *khabar* exigiam a aridez do deserto e dos picos expostos das montanhas.

Nem era apropriado que um novato presenciasse o trabalho de seu irmão — mesmo em uma missão com resultados muito mais satisfatórios. A presença de um aprendiz causava muitas incetezas, muitas chances de erro.

E mesmo assim, quando a Fraternidade se reunia em uma noite de verão qualquer naquele elísio remoto do pico da montanha e os longos cachimbos de âmbar eram acesos e passados de rede em rede por criaturas exóticas com olhos tímidos e

amendoados e umbigos que eram verdadeiros diamantes — então, alguém suspirava de satisfação e começava a contar uma história muito curiosa.

À medida que a história se desenrolava, interrompida apenas por distribuições generosas de mel, tâmaras, caquis e ambrosia, contava-se como, em uma certa noite inesquecível, uma versão mais jovem do narrador, acompanhada pelo seu mestre, tinha testemunhado uma maravilha — o recitar das lendárias Palavras de Anulação.

O indivíduo reconstituiria a trágica história na íntegra, descrevendo cada visão, som e emoção familiares — até o ponto em que um irmão afortunado fora transportado aos céus em uma carruagem de fogo.

E depois de ter falado, um outro qualquer deixaria de lado o cachimbo e começaria a falar, contando a sua história sobre a noite em que ele (um *ele* que mal reconhecia com o passar dos anos) e seu mestre viram aquela coisa proibida. E assim por diante.

E todas as histórias eram uma única história. Talvez isso acontecesse porque as palavras e lembranças tinham se misturado irremediavelmente com o passar de tantas décadas de longas e lentas noites de verão. Talvez, houvesse apenas uma história que era contada infinitamente, através de inúmeras gerações de seu povo. Não havia como saber.

Mas esses pensamentos ajudaram pouco Parmênides. Ele era bastante curioso e tinha, claro, feito investigações discretas. O aspecto desse problema que mais o perturbava era o fato de que, embora todos os seus irmãos, quase sem exceção, recontem a inquietante experiência de testemunhar o uso das Palavras de Anulação... nunca encontrou um entre eles que dissesse ter testemunhado qualquer outra missão, desastrosa ou não.

A situação tinha o aspecto desagradável de uma lição de moral. E muito cara. Parmênides não conseguia deixar de pensar (de um modo irreverente e provavelmente blasfemo) que essas falhas dramáticas tinham sido *fabricadas* para a edificação dos neófitos.

Poderiam os mestres saber com antecedência quais missões terminariam em êxito e quais estavam condenadas ao fracasso? Não, nem mesmo o Velho da Montanha possuía essa onipotência.

Mesmo assim, quase qualquer um dos mestres teria se tornado um juiz perspicaz para avaliar as tarefas que mais provavelmente acabariam em destruição. Esse discernimento era necessário para distinguir quais missões deveriam ser aceitas ou recusadas.

Mas isto aqui, isto soava a algo mais sinistro.

Parmênides afastou-se dessa perigosa linha não-ortodoxa de pensamento. Quem era ele para duvidar dos mestres, aqueles que o conduziram ao paraíso terreno? Nem sequer sabia o que se poderia fazer para pagar uma dívida assim. De acordo com seus cálculos, nada menos do que uma vida eterna.

Se os mestres tinham escolhido orientá-lo com lições duras, para deixá-lo mais forte, para fazer dele um instrumento mais sólido ao cumprir seus planos, não deveria recusá-las, renegar a confiança sagrada.

Mas agora parecia que os mestres tinham escolhido... Não. O pensamento estava próximo demais daquele ponto de dor e dúvida que, atualmente, era-lhe negado. O demônio estava mentindo. Só podia ser isso. A simples idéia de que os mestres o abandonariam nas mãos dos Tzimisce era impensável. Era uma condenação bem

pior do que ser escolhido para uma missão suicida. Para o fracasso, havia pelo menos um sacrifício glorioso e um fim rápido na fogueira da purificação.

E, mesmo assim, ele tinha sido incapaz de tocar o lugar secreto — a parte protegida em seu coração onde estavam inscritas as Palavras de Anulação. Não conseguia evocar a centelha sagrada para acender a chama interior.

Parmênides duvidava que mesmo as manipulações neurológicas precisas dos demônios conseguissem atingir seu santuário interior, e muito menos barrar seu acesso a ele. Era um lugar do espírito, não da carne, e portanto não estava sujeito às artes macabras dos Tzimisce.

Mas então, como é que a via lhe era negada? Seria alguma espécie de maldição atrasada, um malefício final da bruxa Tremere, Hannah? Teria ela, através de uma espécie de magia negra obscura e inescrutável, roubado sua Morte Final no momento em que ele a conduzira à sua?

Não, a execução dessa missão tinha sido precisa, infalível. Não podia haver margem para erro, ou para hesitação, quando se perseguia os Tremere. Os feiticeiros tinham a honra incontestável de serem as presas mais letais do planeta. Ninguém, exceto a Fraternidade, seria tão insensato a ponto de sequer tentar esse feito. Ao menor descuido, os papéis seriam dramática e irrevogavelmente invertidos. Seria a sua cabeça decorando uma sala de troféus qualquer na Capela de Atlanta.

A sua cabeça... Parmênides encontrou de novo a barreira, uma parede de fibras nervosas desesperadas bloqueando essa linha de especulação.

Mas se a alteração não fora forjada pela bruxa, os mestres, de propósito ou não, tinham-no mandado para o próprio centro do abrigo profano e desprotegido dos Tremere — sem recursos para uma fuga final.

Estava remotamente consciente de que seu corpo sofria violentas convulsões, os joelhos destruídos (eram apenas uma massa mole pendendo das pernas, como um peso morto) voltados para cima a fim de golpear seu peito. Alguém praguejava e pressionava suas coxas com força contra a cadeira, prendendo-as no lugar.

Vykos. A barreira de nervos expostos que se encontrava entre ele e a consciência foi aberta de cima a baixo.

Com grande esforço, sabendo que estava só e que fora abandonado entre demônios, Parmênides abriu os olhos para o pesadelo.

Quinta-feira, 24 de junho de 1999, 03h04min
Estação de Carga CSX
Atlanta, Geórgia

Victoria abafou um grito. A dor era realmente intensa, mas não exigia uma reação tão exagerada. No entanto, Elford não parecia ter notado o exagero dela e ria com prazer.

O esquelético Tzimisce sentou-se no colo de Victoria com uma perna para cada lado. Suas pernas estranhamente compridas e magras ultrapassavam os quadris de Victoria e iam em direção à parede, por trás da cadeira. A Toreador não conseguia compreender como é que havia espaço para elas, mas pareciam dobrar-se em qualquer ângulo, logo, deveriam estar viradas por baixo da cadeira.

Os braços de Elford estavam dobrados em meia dezena de cotovelos cada um e apoiavam-se na saliência formada pelo peito de Victoria enquanto o Tzimisce se inclinava e executava seu trabalho na parte lateral do pescoço dela.

A cabeça e o pescoço de Victoria estavam agora firmemente presos à cadeira, portanto, não conseguia mexer a cabeça um centímetro que fosse. No entanto, seu corpo estava livre e, quando sentia dor, arqueava as costas e tentava expulsar o Tzimisce de seu colo.

Aquele filho da mãe doentio gostava disso, por isso Victoria continuava fazendo. Exceto desta vez, pois ela também estava tentando torturá-lo.

Elford parou de repente seu trabalho e encarou a Toreador. As órbitas dele estavam cheias de escuridão, embora um nimbo de loucura iluminasse os cantos dos olhos.

Com uma voz macia, de criança que foi castigada, Elford disse:

— Você não está resistindo.

Victoria arranjou um jeito de dar um sorriso ameaçador.

— É claro que vou fazer isso... quando doer de verdade. — disse ela, fingindo determinação, apesar de já estar sentindo uma dor insuportável.

A boca fina de Elford abriu-se em um sorriso.

— Talvez com isto... — murmurou enquanto desviava sua atenção para o pescoço dela, no qual estava ligando filamentos de osso da coluna para formar um exosqueleto composto por uma série de pontas afiadas como agulhas.

Ele é como um rato de laboratório, pensou Victoria. *Ou um dos cães de Pavlov*, concluiu quando ele começou a babar esguichos de um líquido quente que escorria por seu peito nu e por sua barriga. *Talvez seja meu em seis meses.* Quando ele se curvou sobre ela, com a barriga gorda e redonda deslizando sobre seu corpo, corrigiu seus pensamentos novamente. Ele continuou escorregando por ela até ficar com a cara contra o chão um pouco depois.

Durante a lenta descida de Elford, a porta do vagão deslizou, abrindo-se vários centímetros e revelando duas figuras de pé do lado de fora. Ao longo da duração relativamente curta de seu aprisionamento — curta em horas, talvez, mas interminável em relação aos horrores que ela suportara — Victoria tinha quase esquecido a sensação do ar fresco em seu corpo nu — ar limpo, livre da contaminação do bafo fétido de seu carcereiro ou do cheiro do sangue, do suor e da tortura.

As duas figuras subiram no vagão com cuidado, inspecionando o interior em silêncio. Moveram-se lentamente em direção a Victoria, não parecendo notar a figura corpulenta de Elford caído, como se estivessem seguros de que ele não representava risco algum. O casal, um homem e uma mulher, aproximou-se mais ainda; encararam Victoria intensamente e, como se tivessem as mesmas feições, um ar carrancudo cruzou ambas as faces. Victoria não era, nitidamente, quem ou o que esperavam encontrar.

Ela só conseguia devolver o olhar de forma estranha, já que sua cabeça estava presa à cadeira em um ângulo ligeiramente inclinado para cima. O homem tinha um ar bastante comum, talvez um pouco mais alto do que o normal; com o seu casaco leve de safari passaria despercebido facilmente em uma multidão — exceto pelas escamas visíveis que cobriam suas mãos, seu rosto e seu pescoço, e a língua bifurcada que disparava de sua boca a cada segundo. Encarava alternadamente Victoria e o aparelho eletrônico que ele segurava. Continuamente.

A mulher era indescritível, bonita, mas não de uma forma que chamasse a atenção, embora talvez essa não fosse uma distinção justa a ser feita de Victoria. Seus olhos eram duros e inquiridores, destacando-se da beleza que ela possuía. Obviamente impaciente com a indecisão do companheiro, a mulher empurrou ligeiramente o corpo de Elford com o pé. Nenhuma reação.

— Está morto? — perguntou Victoria. Depois, apelando a seu poderoso charme e lançando-o facilmente ao homem perplexo, acrescentou:

— Vocês me salvaram!

Ele olhou imediatamente para ela e avançou para começar a soltá-la.

— Claro que sim. — ele disse, como se sugerisse que qualquer outra idéia seria absurda.

Victoria sorriu. Este, pelo menos, não tinha a força de vontade de Elford, que não se deixava atingir por aquele poder sobrenatural.

O rosto da mulher mostrava incredulidade. Falou com desdém para o recém-conquistado servo de Victoria:

— O que está fazendo, Orthese? Você *conhece* esta mulher? Me escute! Primeiro temos que encontrar Vegel e o motorista. O sinal do celular indica *este* local! Pare com isso! Você poderá brincar com prostitutas mais tarde.

Victoria entendeu imediatamente a situação, a explicação completa do motivo pelo qual estes Setita procuravam Vegel. Virou sua atenção para a mulher que, segundo seus critérios, era mais forte — embora não muito mais.

— O telefone de Vegel está aí no chão. — disse a Toreador.

Apontou em direção ao canto escuro para onde Elford tinha chutado as peças.

— Eu me chamo Victoria e sou uma grande amiga do clã Setita e uma grande amiga de Vegel. Libertem-me e conduzam-me a um local seguro e poderão ser meus amigos também — disse de maneira nobre.

A mulher piscou uma vez, duas e, em seguida, já estava ocupada em ajudar seu parceiro a soltar Victoria. Os Setita estavam agora convencidos de que salvá-la era mais importante do que sua missão original, supostamente o resgate de Vegel, o que queria dizer que Hesha os enviara. O que também queria dizer que poderiam ter informações úteis sobre Hesha, Vegel e o grupo; informações de que Victoria precisava se conseguisse se libertar dos obstáculos daquela noite. Ela ainda não entendera o jogo que Hesha e Vegel estavam fazendo. Mas *alguém* a traíra, usara e manipulara, e isso ela não podia suportar.

Mas haveria tempo para isso depois. Primeiro o mais importante, agora que estava livre de suas amarras.

Victoria olhou para o homem com escamas.

— Quebre o pescoço dele. — disse ela, indicando o corpo de Elford, prostrado no chão. Não sabia como o Tzimisce tinha sido derrubado — um dardo envenenado, ou uma maldição Setita talvez — mas preferia que ele não acordasse antes que ela e sua nova equipe tivessem partido.

O Setita masculino ajoelhou-se ao lado do corpo imóvel do Tzimisce e torceu o pescoço de Elford até que ficasse em um ângulo estranho e eterno — tanto quanto qualquer deformidade física podia ser eterna em um Tzimisce.

As costas de Victoria doeram de forma terrível quando ela se levantou, mas esse desconforto e algumas feridas menores foram facilmente curadas quando cada um de seus novos amigos lhe forneceu vários goles de vitae muito necessária, depois de Victoria ter sugerido inocentemente a idéia. Sentiu-se tentada a cobrar de Elford a sua parte em sangue, mas os salvadores confirmaram sua suspeita de que havia um tipo de veneno Setita correndo com o sangue dele e de que era melhor deixá-lo em paz.

— Dê-me seu casaco, por favor. — disse Victoria ao salvador com escamas. Ele fez isso no mesmo instante. O casaco era suficientemente comprido para esconder a nudez dela.

— Como vocês chegaram aqui? — perguntou Victoria à mulher.

— Há um avião nos esperando em uma pista particular. Temos que voltar a Baltimore, para Hesha.

— Excelente.

Victoria deixou-se conduzir para longe do vagão alojado no meio de trilhos espalhados para todos os lados. *Quantas vítimas dos prazeres de Elford estariam escondidas nesta estação de cargas?*, interrogou-se ela. *E que providências demoníacas impediriam que fossem descobertos por mortais durante o dia?* Não havia tempo para responder a essas perguntas ou para procurar outros prisioneiros. Até mesmo Vegel, pelo que os Setita tinham dito, poderia estar aqui, talvez em um dos vagões próximos.

Isso é problema dele, pensou Victoria. Ela e os Setita iam sair da cidade tão rápido quanto possível, sem perderem tempo com nada e ninguém.

— Excelente — ela disse outra vez. O príncipe Garlotte de Baltimore era um velho conhecido, um de seus admiradores, a quem ela podia apelar em tempos de necessidade, e bem que podia precisar de algum tempo para se recuperar dos acontecimentos antes de estar pronta para lidar com um Setita ou com a perspicácia de Hesha.

— Claro. — concordou a mulher. O homem meneou a cabeça.

Mas quando se viravam para sair, uma necessidade súbita tomou Victoria.

— Só um instante — disse-lhes e subiu de novo no vagão.

Não foi fácil. Reprimiu o desejo de fugir do local de sua prisão e tortura. *Apenas alguns segundos*, prometeu a si mesma enquanto procurava, e acabou por encontrar, um alicate que Elford tinha usado para lhe causar aquele efeito sinistro. Victoria tinha inúmeras cicatrizes do tempo passado com ele — feridas abertas que não pareciam inclinadas a sarar, protuberâncias de osso dolorosas e muito numerosas

para serem contadas. Teria na memória o rosto macabro dele por muitos anos, e muito depois de as marcas que ele lhe deixara no corpo terem sarado. *Se* conseguisse sará-las. Mas nestes últimos segundos antes da fuga, Victoria pegou uma lembrança escolhida por ela mesma.

Sexta-feira, 25 de junho de 1999, 03h41min
Décimo terceiro andar do Hotel Buckhead Ritz-Carlton
Atlanta, Geórgia

— Acorde, meu doce e jovem assassino. Sinto que não posso deixá-lo inconsciente por mais tempo. É a mais simples anestesia contra a dor, mas você está agora perigosamente perto do delírio e as suas pernas não irão se fixar se você continuar em convulsão. Imagino que teve sonhos agradáveis.

O sorriso de Vykos era inocente e ela mantinha o olhar fixo nele, como se estivesse esperando a reação do Assamita, ou dependendo dela. A Tzimisce tinha uma aparência um pouco diferente daquela que ele lembrava ter visto durante o último confronto. As feições dela eram como as de um animal jovem e inocente. Os olhos estavam maiores. O rosto mais acolhedor e suave. As orelhas gentilmente afuniladas.

Não, não como as de um *animal*, corrigiu-se ele — como as de um *fauno*. Ela parecia uma criatura selvagem, tirada de um bacanal em alguma floresta, ainda salpicada de orvalho e libações entusiásticas.

Ele não conseguia suportar o olhar intenso dela.

— Só há uma coisa que eu gostaria de saber — disse rouco, ainda tentando recuperar a voz — Os mestres... você disse que os mestres sabiam deste rapto, que tinha sido combinado, aprovado.

Ele pronunciou as palavras como se fizesse acusações.

Vykos olhou-o satisfeita.

— Ah, que bom. Você se lembra.

Ela apertou a mão dele com afeição.

— Eles deram a entender que você recusaria a idéia, que seria contra. Mas não é nenhuma vergonha ter sido oferecido. Na verdade, trata-se de uma grande honra que foi generosamente concedida a você.

Parmênides não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Se as palavras do demônio eram verdadeiras, ela queria que ele acreditasse que tinha sido traído por seus amados mestres — por seus mentores sábios e justos, seus protetores, guardiões espirituais, seus irmãos — e entregue aos demônios. E mais ainda, que devia estar orgulhoso, sentir-se honrado com a traição daqueles a quem amava mais do que tudo.

— Uma honra? É uma honra ficar entre inimigos sem direito à vingança? É uma honra ser vendido para seu perseguidor? É uma honra ser privado até mesmo da dignidade da Mor...

Parmênides calou-se abruptamente, temendo que tivesse falado demais em sua explosão emocional, que tivesse chegado perto demais de revelar um dos mistérios sagrados a um estranho, a um bárbaro, a um não-iluminado.

— Sabia que você iria encarar dessa maneira.

Ela sorriu.

— Seus mestres falaram muito bem de você. Disseram que era um instrumento de percepção apurada e alguém que seria muito difícil perder. É isso o que torna a oferta tão comovente.

Ele riu. Era um riso alto e desdenhoso.

— Eles não me trairiam. Não me trairiam e me forçariam a viver.

Ao gritar tudo isso, percebeu que as duas sentenças não queriam de forma alguma dizer a mesma coisa.

A cada reviravolta desta situação complicada, ele chegava sempre a mesma conclusão.

— Eu não deveria estar vivo.

— Não diga isso, meu jovem romântico, meu filósofo. Não vê que toda esta complicada orquestra foi arranjada de um jeito que ainda lhe permitisse viver?

Parmênides não compreendia isso. Não teve reação, mas continuou a olhá-la com suspeita. Estava incerto sobre que lado esse novo ataque atingiria, mas não seria pego desprevenido. Desta vez.

— Seus mestres não o verão ser vítima da retaliação dos odiados Tremere. Não há maior indignidade — quer para você ou para eles. Está dentro de meu poder ajudá-los, ajudar você, meu querido. Mas tem que me deixar ajudá-lo.

— Você vai me ajudar — disse ele, categoricamente.

— Você vai me proteger dos terríveis Tremere. Vai me manter aqui indefinidamente, confinado a uma cadeira de rodas, servindo de cobaia para as suas experiências dementes. A este lugar, tenho certeza, nem os Tremere se atrevem a vir. Aqui, estou perfeitamente a salvo, com todas as minhas necessidades supridas. Devo agradecer-lhe agora? Ou tenho outras dívidas que ainda desconheço? Não quero parecer ingrato por sua hospitalidade.

Ela o olhou interrogativamente.

— Eu acho que você ainda não entendeu.

Ela foi para a parte de trás da cadeira e segurou os cabos.

— Nem eu mesma pretendo ficar aqui mais de uma semana. E estou perdendo um tempo valioso ao construir e reconstruir suas pernas. Mas estou disposta a investir o meu tempo nisso porque gosto muito de você. Aliás, espero que escolha me acompanhar quando eu partir.

Ela empurrou a cadeira e começou a fazer uma volta lenta pela sala. Aparentemente, os criados que Vykos tinha mencionado no primeiro encontro haviam voltado e acabado rapidamente de desfazer as malas. Ou talvez não tão rápido. Ele não tinha idéia de quanto tempo estivera inconsciente.

— Não faço essas coisas para que se sinta em dívida comigo. Faço-as em nome da crescente amizade entre os nossos povos. Pelo menos foi essa a razão por que aceitei inicialmente "reciclá-lo" para seus mestres.

— Depois que você chegou, claro, tive o prazer adicional de fazer isso pelo simples prazer de sua companhia e pelo afeto que tenho por você. Não abane a cabeça. Você é uma jóia rara, meu sensível e jovem assassino. Todo calculismo e poesia. Acho a sua postura, que tenho de admitir ser bastante estranha para mim, muito interessante.

— Não somos tão diferentes assim. Estamos ligados pela nossa paixão comum. O nosso ódio imortal pelos cruéis Tremere será a ponte entre os nossos povos. Você irá me ajudar destruindo certos obstáculos — obstáculos de feitiçaria — em meu caminho. Em troca, ajudarei a você e a seu povo reabilitando aqueles seus irmãos que têm experiência com trabalhos perigosos, mas que estão correndo um perigo terrível exatamente pelo fato de terem sido bem-sucedidos nessas missões.

— Nossos povos formarão uma aliança que fará todo o mundo Cainita tremer, e nós — você e eu — seremos os reféns da paz, os embaixadores da boa vontade, a cola que unirá essa relação. É uma responsabilidade enorme e terrível. Você foi honrado acima de todos os seus, jovem Parmênides. Seu nome sem dúvida ecoará pelos lugares secretos da montanha muitas gerações depois de seu desaparecimento.

Ela enlouqueceu, pensou Parmênides. Sempre lhe disseram que os Tzimisce eram dementes, distorcidos desde o momento da Gênese. Ouvira rumores sobre os obscuros ritos de iniciação do Sabá, sobre neófitos sendo enterrados vivos, tendo que escavar o caminho para fora da tumba ou passar o resto da eternidade encarcerados nos braços da terra — esses tormentos que arrasam a mente eram aplicados até mesmo nos delicados Lasombra. O forjar de um Tzimisce era uma tortura ainda mais cruel.

Uma disciplina rígida não era algo estranho a Parmênides. Os rigores do treinamento físico, mental e espiritual intenso tinham matado inúmeros de seus colegas novatos ou feito com que implorassem pela Morte Final — e todos eles já estavam abençoados com a força e a resistência superiores, um direito inato da sua fraternidade.

No entanto, até mesmo Parmênides preferia invocar as Palavras de Anulação a submeter-se a uma simples noite de aprendizagem de um Tzimisce.

A reputação dos demônios pelo seu sadismo físico e mental — e o seu poder terrível para infligir suas predileções insanas não só no seu próprio corpo como nos de seus vizinhos — tornou-os universalmente temidos e evitados.

Se os Tzimisce eram severos com estranhos, tornavam-se mais temíveis ainda para com os de seu próprio gênero. Tinham muito orgulho da maestria de seu clã sobre a forma física e adoravam mostrar a sua arte sempre que houvesse oportunidade. Os novatos Tzimisce eram um público literalmente cativo para esse tipo de experiências desumanas.

— E se eu não cooperar com essa "aliança"? — desafiou Parmênides.

Vykos fez uma pausa.

— Ah, isso vai me deixar muito decepcionada! Já investi tanto na sua reabilitação. Acho que você vai gostar. E os seus mestres também estão contando com isso. Você tem uma grande responsabilidade, assim como uma honra. Não há honra sem responsabilidade.

Ela empurrou a cadeira de rodas em direção a um grande espelho talhado à mão. Era feito com uma moldura de carvalho escurecido, preservada em turfeira, e tinha dois metros de altura. Parmênides recuou apreensivo.

— Ah, eu sei, é um pouco exagerado. Dramático demais. Mas sempre tenho vários espelhos grandes espalhados pelo escritório. Têm um efeito de desarmar os visitantes, especialmente quando se tem muitos contatos de negócios com os Lasombra. Eles se sentem mal. Ficam sem rumo.

— Ah, você tem que me desculpar. Não está familiarizado com os modos deles. Supus que essas interações com os nossos irmãos do Sabá fossem comuns para você, mas estou vendo que não é assim. Espero que em breve tenha a oportunidade de conhecê-los. Sim, tenho que cuidar disso na primeira oportunidade que surgir.

— Os troianos teriam apreciado essa honra dúbia. No entanto, para eles bastava ter cuidado com gregos trazendo presentes. Com os Lasombra, é preciso ter cuidado mesmo com os que se fazem de indiferentes. Mas você os verá com seus próprios olhos e aí poderá avaliar se o que lhe disse estava correto.

O olhar de Parmênides estava preso ao espelho e ele se encontrva totalmente incrédulo. Amaldiçoou-se por ser tão idiota, sabendo que deveria estar preparado para uma eventualidade como aquela. Mesmo assim, não conseguia deixar de ficar atônito.

O rosto que estava olhando para ele não era o seu. *Claro que não é o nosso rosto*, repreendeu-o uma parte distante de sua mente, o *nosso rosto ainda está na escrivaninha — formada a partir do troféu de guerra que trouxemos da capela dos Tremere e pusemos aos pés dela como um sacrifício, uma oferta.*

— Uma oferta de paz. — resmungou alto.

O fato de a voz interna parecer tão racional, tão calma, deixou-o amedrontado. A face que disse as palavras *uma oferta de paz* pertencia ao carniçal. O carniçal que tinha matado e sobre o qual passara rapidamente por cima na primeira vez que entrara neste antro terrível. Do que é que Vykos tinha lhe chamado? Ravenna.

A pele de Parmênides não tinha mais aquela cor de ébano invejável que era a marca registrada da linha Assamita — o legado de décadas de clima deserto, seco e implacável sobre uma tez sem o tom subcutâneo rosado e saudável que era o sinal exterior do humilde milagre da circulação.

A nova tez não era desagradável. Tinha o tom pardo do clima do Mediterrâneo e era mais afável. Suas feições indicavam erroneamente seu ponto de origem em algum lugar da Península Itálica. Parmênides viu-se pensando, incomodado, sobre Veneza.

— Então, o que acha? — interrompeu Vykos — Você tem que admitir que nem mesmo as artes diabólicas dos Tremere serão capazes de descobrir um disfarce desses. Porque não é um disfarce de verdade, se olhar para ele.

Parmênides concordou com um ar ausente. Depois, seu olhar começou a descer. Preparou-se para o primeiro olhar em direção à parte inferior de suas pernas deformadas, mas um cobertor de lã vermelho em seu colo evitou o pior. Apesar de não sentir seus pés, notou, com uma gratidão tristonha, que já não estavam ligados um ao outro.

Segurando firme os braços da cadeira com as mãos, tentou se levantar. Só conseguiu desequilibrar a cadeira, inclinando-a perigosamente para frente. Mas as mãos firmes de Vykos não a deixaram cair.

— Não, não tente se levantar, meu querido. Você ainda está amarrado à cadeira. Suas pernas não podem suportá-lo e não tenho tempo livre para dedicar as próximas noites a consertar as coisas. Há grandes acontecimentos por vir. Receio que terá que permanecer na cadeira até... — ela fez uma pausa, como se estivesse pensando cuidadosamente nas palavras — ... até que tenha se recuperado o suficiente para ficar de pé sozinho.

Parmênides não gostou da idéia de passar semanas, provavelmente meses, em uma prisão. Atirou o cobertor sobre seu colo no chão com a intenção de soltar o que o prendia à cadeira.

Desejou imediatamente não ter feito isso. Nada o prendia. Não conseguia distinguir onde acabava a medonha cadeira e começava a parte inferior de seu corpo. Sentou-se, entregue, enquanto Vykos recolhia o cobertor jogado e o fazia deslizar de novo para seu lugar. Ele ficou olhando fixamente para frente e de maneira inexpressiva.

— Calma, calma. Você logo será capaz de andar de novo. Não deixarei você danificar seu corpo além do ponto onde já não há recuperação. Mas tem que controlar as suas emoções extremas. A sua paixão será a sua anulação. Deve concentrar a impaciência, a raiva e a vontade na recuperação de seu corpo destruído. Só então você se verá livre de...

Ela fez um gesto amplo que podia servir para indicar a cadeira, a sala, a situação ou até mesmo a carcaça destruída que era o seu corpo.

— Enquanto isso, há um trabalho importante que você precisa fazer. Não, não discuta. Esse trabalho não requer uma grande habilidade em corrida ou salto. Pode fazê-lo perfeitamente com seus meios atuais de locomoção. Agora ouça e faça tudo o que eu lhe disser.

Não houve resposta.

— Se não fizer isso por mim, ou por sua própria recuperação, estou instruída a lhe dizer o seguinte: que o fará por aquele que mergulhando em águas verdes alcança o seu próprio calcanhar. É permitido que você saiba que ele é uma pedra que vem de cima atingindo o rio da noite.

Parmênides assentiu com a cabeça, resignado. Não se moveu até ouvir todas as palavras que ela tinha para lhe dizer.

Sexta-feira, 25 de junho de 1999, 23h58min
Oregon Hill
Richmond, Virgínia

Três explosões em *staccato* cortaram a noite. Dom Carlos identificou-as imediatamente como tiros. Tinham sido disparados a vários quarteirões de distância, mas não havia como saber quem disparara. Teria sido um ajuste de contas entre traficantes de droga mortais que se recusavam a deixar este bairro para os jovens casais que haviam se mudado para lá, recuperando, quarteirão a quarteirão, aquelas casas modernas? Ou seria a cena das armas na grande peça que estava em cartaz com Dom Carlos no centro?

Supunha que, enquanto todo mundo pensasse que se tratava da primeira razão, ele não corria perigo. E não seria esse o grande objetivo do exercício que era a não-vida — acumular tanto poder e riqueza quanto possível, correndo o mínimo risco real?

Dom Carlos marchou para uma das casas que, mais distintamente, *não* tinham sido recuperadas. O príncipe Thatchet era claramente contra a idéia de qualquer tipo de progresso. O velho fóssil, presumiu Dom Carlos, preferia que toda a cidade desmoronasse em torno dele. Provavelmente, ele se sentiu em casa quando os ianques bombardearam Richmond até ter um centímetro de vida, cerca de cento e trinta anos antes. Dom Carlos não estava por esses lados na época, nem como mortal, mas, pelo que tinha ouvido e visto com seus próprios olhos, os dias de glória da Confederação tinham sido o último motivo de celebração nesta cidade. Sim, tinha sido reconstruída, mas a História a ultrapassara. Apenas a pressão constante exercida pelo primogênito e pelos companheiros de clã do príncipe, aqueles Ventrue emaranhados ao mundo dos bancos e das finanças, mantiveram a cidade andando para frente e acompanhando o ritmo — de maneira hesitante, neste caso — de outros centros de vitalidade emergentes no Novo Sul, como Atlanta e Charlotte.

De outra forma, uma parte maior da cidade seria mais parecida com a casa da qual Dom Carlos se aproximava, o refúgio principal do príncipe. Haviam passado décadas desde que aquelas paredes foram tocadas por um pincel. O telhado estava intacto em grande parte e várias janelas mantinham painéis de vidro inteiros. Os dois homens claramente armados que montavam guarda na sacada de entrada — Dom Carlos sabia que eram os carniçais do príncipe — davam ao edifício o ar de um ponto de drogas, mas, como a polícia obedecia às ordens do príncipe, não havia perigo de ameaça vinda desse grupo.

Mas outros grupos continuavam disponíveis.

— Tem certeza de que ele está lá? — perguntara o albino.

— Tenho certeza. — foi a resposta confiante de Dom Carlos.

O albino era uma criatura extremamente perturbadora. Talvez fossem os olhos, de um rosa claríssimo, que se somavam à sua mística Sabá e o tornavam de alguma forma amedrontador até mesmo para outros mortos-vivos, seres que já viram o suficiente do sobrenatural e do macabro para se deixarem impressionar por qualquer coisa. Dom Carlos tinha reparado que os próprios seguidores do albino o olhavam inquietos, mantinham uma certa distância dele, como se seu toque fosse venenoso. E eles não eram nem um pouco normais. Dom Carlos tinha ouvido falar do Sabá um

pouco depois do Abraço, claro, mas sempre considerara esses contos o equivalente dos Membros para as histórias do bicho-papão, destinadas a assustar crianças indisciplinadas — neste caso, crianças da noite — e fazê-las ter comportamentos aceitáveis. Agora, cara a cara com os espécimes reais desses contos, já não estava tão certo. Os vampiros com quem tinha se associado anteriormente eram membros da Camarilla, e mesmo que muitos deles fossem certamente monstruosos, havia algo de... *diferente* no albino e nos poucos seguidores que Dom Carlos vira. Havia algo a mais — e algo a menos.

Era mais ameaçador. Dom Carlos tinha sobrevivido durante tanto tempo entre os vampiros mais poderosos porque tinha o dom de prever suas vontades e prazeres. Mais do que uma vez realizara um pequeno favor a uma anciã antes que ela sequer percebesse que queria esse favor. Exibindo assim a sua natureza agradável, garantiu, até certo ponto, a sua segurança. Não que os anciões ou o príncipe confiassem nele, pois perceberam que a fidelidade dele provinha de apreciar o lugar que ocupavam para tirar proveito disso e não de alguma lealdade particular. Na verdade, nenhum deles ficaria sequer surpreso ao ver Dom Carlos tomar partido de qualquer facção predominante. Os despojos ficam para o vencedor. Sempre. O truque tinha dois lados: saber com antecedência quem seria o vencedor e sobreviver por tempo suficiente para aproveitar os despojos. Os anciões, envolvidos constantemente com planos de conquista e poder, e conhecendo a natureza oportunista de Dom Carlos, não confiavam nele. Mas estavam certos que conseguiam prever as ações dele, portanto, não o consideravam uma ameaça. Ele tirava tanto proveito das lutas deles quanto qualquer abutre em um campo de batalha recente.

Mas esse albino, essa criatura do Sabá, era uma incógnita, e ter conhecimento de suas ações dava a Dom Carlos vantagens, inclusive sobre os irmãos mais velhos da Camarilla. O albino era mais ameaçador porque não fazia parte da estrutura estática de poder que fornecia segurança a Dom Carlos. Por ser um desconhecido, a criatura era mais perigosa, no entanto, bem mais útil. Ambas as situações provinham diretamente da segunda parte da equação: o albino era menos previsível. Dom Carlos estivera sempre pensando constantemente sobre as vantagens e desvantagens da situação desde que tinha sido contatado pela primeira vez por agentes do Sabá, há alguns meses. O corpo estava meio cheio ou meio vazio? Concluíra que os possíveis benefícios de cooperar com o Sabá suplantavam os perigos, e, apesar de seu receio quando estava diante do perturbador albino, continuava a achar o mesmo. Para estabelecer a sua presença em Richmond, o Sabá precisaria da assistência de alguém que conhecesse a cidade e os hábitos e refúgios dos Membros que residiam nela. Esse alguém provavelmente receberia certos benefícios em troca: o desaparecimento de um rival, informação interna que lhe permitisse eliminar uma "ameaça" ao príncipe. Na mente de Dom Carlos, havia várias maneiras de ajudar o Sabá e de ser ajudado por ele.

O breve encontro com o albino mal serviu para criar aspirações ainda mais elevadas nos pensamentos de Dom Carlos.

— Exigimos uma demonstração de seu livre acesso ao príncipe. — disse o albino.

Agora, à medida que Dom Carlos se aproximava do refúgio do príncipe, com um pequeno microfone preso a seu peito por baixo da camisa, estava com a cabeça cheia das possibilidades que lhe foram reveladas. *Eles querem saber como chegar ao príncipe!*

A audácia do Sabá o impressionava. Os membros não só queriam fortalecer a sua presença em Richmond como também estavam preparando o terreno para o que só podia ser o assassinato do príncipe em uma data futura. Como sabia o que ia acontecer, raciocinou Dom Carlos, poderia tentar influenciar a seleção do próximo príncipe. Olhando mais longe ainda, talvez ele mesmo conseguisse assumir esse cargo. Apenas pensar nisso fez Dom Carlos se sentir embriagado. Nunca antes, em suas noites de infindáveis conspirações, sentira-se tão vivo, tão consciente do pulsar da sua cidade.

Ao subir os degraus da entrada, os carniçais na sacada retribuíram seu cumprimento. Eles o estavam esperando. Algumas horas antes, enviara uma mensagem dizendo que havia descoberto informações importantes e que deveria entregá-las ao príncipe de imediato. Respeitosamente, pediu uma audiência.

— A sobrevivência da cidade é incerta! — Dom Carlos escreveu no fim do bilhete, recorrendo a um nível de hipérbole que normalmente evitava, mas assegurando, assim, uma aceitação rápida de seu pedido.

A sacada rangeu sob o peso de Dom Carlos. *Que inconveniente*, pensou ele, *um príncipe comportar-se desta maneira. Comigo, as coisas serão diferentes.* Os carniçais pareceram não notar no sorriso de lábios cerrados que Dom Carlos não conseguia dissimular.

Ele se controlou rapidamente e lá dentro foi recebido por mais carniçais, meia dezena pelo menos. Eles formavam um grupo lamentável, com roupas velhas, barba por fazer, odor e comportamento desagradáveis, despreocupados em relação aos aspectos mais básicos do decoro, ou não educados através deles. Mas o ar degenerado não os tornava menos letais. O príncipe Thatchet os selecionara — seu exército de carniçais, pois confiava tão pouco em seus semelhantes que nunca escolheria outros vampiros como guarda-costas — em função de sua habilidade para manipular facas ou outras armas. Seu dever não era receber dignitários e não tinham ilusões quanto a isso.

O interior da casa estava tão arruinado quanto o exterior e cheirava a mofo e urina. Dom Carlos passou pelos valentões contratados, ignorou as escadas mais óbvias que conduziam ao primeiro andar da estrutura pouco segura. Já estivera lá em cima antes; era desagradável imaginar os cômodos fedorentos onde os carniçais descansavam, quanto mais vislumbrá-los — e abriu a porta do porão. Reparou que essa porta era reforçada e notavelmente firme se comparada ao resto do lugar. Desceu até o porão úmido, mal iluminado por uma lâmpada pendurada em um fio, e foi saudado por Terrence Hill, assistente pessoal do príncipe. Um carniçal, claro.

— Dom Carlos, o príncipe está esperando pelo senhor.

Notavelmente bem alinhado entre a sujeira, Hill torcia as pontas encaracoladas de seu bigode enquanto falava. Essa mania irritava demais a Dom Carlos, mas cumprimentou-o com respeito. Afinal, esse carniçal era mais velho do que Dom Carlos e muitos outros Membros de Richmond. Aparentemente, o príncipe Thatchet valorizava tanto as capacidades de Hill que não o Abraçava para não correr o risco de perder o serviço de um criado tão leal.

Que humilhação ser um criado por toda a eternidade, pensou Dom Carlos enquanto esperava pacientemente que o carniçal o anunciasse.

Hill deslizou por uma outra porta bem reforçada, com seus modos fugazes escondendo a rapidez de seus movimentos. O ouvido apurado de Dom Carlos captou a apresentação abafada:

— Meu príncipe, Dom Carlos, do clã Toreador, quer vê-lo.

A porta foi aberta novamente e Terrence conduziu Dom Carlos através de outra sala mal iluminada.

— Meu príncipe.

Dom Carlos fez uma reverência exagerada — abaixou-se tanto que podia ver claramente as camadas pretas e cinzentas de bolor que cobriam o chão de terra batida — e manteve-se nessa posição. A porta fechou-se com um estalido quando Terrence saiu.

— Levante-se, Dom Carlos.

As palavras do príncipe eram um murmúrio rouco, quase inaudível.

Os carniçais a serviço do príncipe eram, para um olho destreinado, bem diferentes dos mortais normais e não adulterados. No entanto, o príncipe, podia certamente ser confundido com um carniçal no sentido clássico da palavra✝. Dom Carlos, assim que se levantou, desviou o olhar, um costume exigido pelo príncipe. Mas mesmo um breve passar de olhos pela figura sentada era mais do que suficiente para refrescar a memória sobre aquela pele amarela, doentia e tão pálida que parecia translúcida. A cabeleira esparsa e irregular de Thatchet fazia lembrar as cerdas de uma planta carnívora e, apesar da impressão de que os anos — as décadas ou séculos, de acordo com os outros — não tinham sido muito benevolentes com o príncipe, Dom Carlos ouvira muitas histórias que diziam que Thatchet era tão letal para os Membros quanto a planta a que se assemelhava era para os insetos.

— Dom Carlos. — disse o príncipe com um sussurro que obrigou o vampiro a fazer um esforço para ouvi-lo.

Será que ele fala assim de propósito?, interrogou-se Dom Carlos. *Estará tentando me intimidar? Bom, não vai funcionar.*

— Que notícia pode ser assim tão importante? — perguntou o príncipe — Por que você está me incomodando?

Se a voz de Thatchet não tinha conseguido intimidar Dom Carlos, as palavras causaram um arrepio gelado na espinha abaixo do súdito. Esperara uma recepção mais calorosa do príncipe, talvez interesse, até mesmo entusiasmo. Em vez disso, o Toreador sentia que era aquela mosca que só repara muito tarde no anel de cerdas e na saída que se fecha rapidamente atrás de si. Limpou a garganta e mediu suas palavras.

— Trago notícias de importância vital para o bem-estar da cidade. — Dom Carlos disse.

— Foi o que me disseram.

Um estalido de madeira indicou que o príncipe tinha mudado de posição na cadeira, mas estaria se encostando para ouvir ou levantando-se para derrubar a cria insolente? Dom Carlos, forçando os limites da visão periférica, não conseguia perceber, e o príncipe não disse mais nada.

Ou disse? *Será que ele disse alguma coisa e eu não ouvi o maldito sussurro?* O Toreador ficou na dúvida. Nesse momento, ouviu passos no andar superior, alguém estava se movendo. Talvez também tivesse sido esse o som que ouvira alguns instantes atrás — passos, e não um indício de mudança de posição do príncipe. Essa possibilidade, porém, não acalmou muito o espírito de Dom Carlos.

✝ N.T. Espírito maligno que desenterra os mortos para devorá-los.

— Recebi uma mensagem de fontes seguras — disse por fim, incapaz de suportar o peso do silêncio — dizendo que o Sabá tem planos de dominar a cidade.

Pronto. Estava dito. Dom Carlos planejara desde o início usar essa informação como uma estratégia para ter acesso ao príncipe. Era uma mentira incrível o que deduzira, mas achava que Thatchet iria lhe agradecer, talvez até lhe pedir para se aprofundar mais no assunto, o que lhe daria cobertura para futuras interações com o Sabá. Além disso, o albino, à escuta esta noite e em encontros futuros, poderia recolher informações sobre o príncipe e suas defesas, informações que Dom Carlos iria confirmar ou esclarecer em seguida.

Ah, parabenizou a si mesmo, *pôr um lado contra o outro, enquanto eu sou o verdadeiro mestre de ambos — como deve ser.*

— E você acredita que tem acesso a espiões que estejam fora de minha influência? — perguntou o príncipe.

Ao ouvir essas palavras e a ameaça e desdém que continham, Dom Carlos sentiu a sua confiança murchar de repente até restar apenas um cadáver seco. A voz gelada do príncipe inundou todas as brechas de confiança de Dom Carlos. Thatchet, percebeu o Toreador, era um mestre do *não* dito, assim como do dito, e o que não dissera estava suspenso como um machado acima do pescoço do Toreador.

A pergunta breve e sussurrada do príncipe pairava no ar, intimando Dom Carlos a responder. O Toreador sentiu seus joelhos tremerem; rezou para que seu nervosismo — o seu *medo*, medo de um Membro mais velho cujas simples palavras o intimidavam — não fosse totalmente óbvio. Como é que este encontro tinha sido tão ruim logo no início?

Talvez houvesse uma razão para esta criatura doentia e paralítica ser o príncipe de Richmond há tanto tempo. Dom Carlos vira a reação de surpresa dos mortais quando confrontados com a sua magnificência de morto-vivo. A razão desaparecia. Eram prisioneiros de seu próprio receio. Agora, começava a reconhecer que o príncipe tinha o mesmo poder estranho sobre ele. Mas, mesmo reconhecendo isso, não conseguia combatê-lo.

Dom Carlos esforçava-se freneticamente para encontrar uma maneira de salvar os seus planos. Então, sua mente acelerada encontrou a resposta. Vou *contar tudo a ele!*, decidiu Dom Carlos. *Em vez de avisá-lo sobre um potencial ataque futuro, o que era, sem dúvida, o caso, vou lhe contar sobre o albino e os outros monstros do Sabá que estão com ele. O príncipe saberá o que fazer.*

Mas então, percebeu a falta de lógica no plano: o microfone debaixo da camisa; o albino fugiria e Dom Carlos seria o tolo. Os tremores terríveis que atingiram seus joelhos espalhavam-se agora por todo o corpo, ou pelo menos era o que sentia. Ele fechou os olhos com força, lutando pelo autocontrole.

Acalme-se, pensou ele, e lembrou que apenas segundos — e não horas, como parecia — haviam passado desde que o príncipe fizera a pergunta.

Demore... mas sem medo, aconselhou a si próprio. *Responda, mas dê um tempo a si mesmo para desligar o microfone.*

Dom Carlos meneou a cabeça, tentando tirar vantagem do fato de seus olhos já estarem fechados, em uma exibição solene de respeito.

— Meu príncipe, sua influência e seu conhecimento são maiores do que o meu. Neste caso, porém...

Sua voz falhou. Foi tomado pelo medo súbito de ter contrariado abertamente o príncipe, de ter assinado a sua própria sentença de morte.

Abra a boca, homem!, pensou ele. *Você já passou dos limites. Agora, vá em frente!*

— Sim, meu príncipe.

Dom Carlos engoliu com dificuldade. Esperava que apenas ele tivesse ouvido o barulho.

— Acredito que tenho acesso a fontes que estariam... além de *seu alcance.*

Ele quase disse isso, mas a impertinência das palavras calou sua boca.

— Que estariam ocultas para alguém de sua posição.

O Toreador deu um suspiro baixo e se parabenizou por aquela tortuosa mudança no final da frase que significava uma traição por parte dos outros e não uma imperfeição do príncipe.

Alguns instantes se passaram, mas o príncipe não respondeu. Dom Carlos abriu os olhos, mas não levantou o rosto. Nessa posição, via apenas o pé do príncipe firme sobre o chão.

Por que ele não diz alguma coisa? Maldito! Os tremores estavam voltando, cada vez mais intensos. Dom Carlos tinha certeza que não seria capaz de controlá-los, de escondê-los de seu senhor. O silêncio corroía os nervos do Toreador, consumiam o restante de sua paciência.

Vou contar tudo a ele!, resolveu. *Vou ficar à mercê do príncipe.*

Dom Carlos forçou-se a abrir a boca para falar, mas as palavras que ouviu não partiram dele ou do príncipe.

A voz era de um homem, de um homem grande, um barítono com voz grave, mas tentando imitar uma criança:

— Posso brincar também?

Esquecendo-se de si e de todo o protocolo, Dom Carlos virou-se rapidamente e viu a cabeça de Terrence Hill saindo detrás da porta, que só estava um pouco encostada. Mas a voz não era a do carniçal e a expressão de seu rosto estava diferente: os olhos esbugalhados, o queixo totalmente caído, e este subia e descia, mas não junto com as palavras.

Depois, o resto da porta se abriu e Dom Carlos viu um punho firme ao redor do pescoço de Hill e a figura imensa a qual o punho pertencia. A criatura teve que se abaixar para entrar na sala, arrastando Hill como uma boneca sem vida, o que era mais ou menos o caso. Atrás do animal estava o albino, com uma expressão severa no rosto, e, atrás dele, outros que iam para trás e para a frente, tentando olhar por cima de seus ombros.

O fato de haver vampiros do Sabá no esconderijo do príncipe era complicado demais para Dom Carlos entender de imediato. Três segundos se passaram até ele pensar em olhar para o príncipe. Certamente, o Membro ancião destruiria os intrusos.

No entanto, mais alguns instantes se passaram e o príncipe não se moveu. Nem quando o albino entrou com tudo na sala e nem quando o animal jogou o corpo de Terrence no chão, revelando que o pescoço do carniçal tinha sido torcido como o de um galo de briga rebelde — a cabeça parecia ter dado duas voltas completas.

Apenas com um segundo olhar é que Dom Carlos percebeu que as sombras que envolviam o seu príncipe eram escuras demais; elas invadiram o local onde a luz de

uma pequena lâmpada na sala se projetava. E apesar de a lâmpada estar imóvel, as sombras se moviam. Elas se contorciam e se enrolavam em volta do corpo do príncipe, debatiam-se como cobras feitas de pura escuridão, prendendo os braços e as pernas de Thatchet à cadeira. Uma faixa esvoaçante de negro oleoso cobriu a parte inferior do rosto dele, mas seus olhos grandes e os fracos sons engasgados vindos de sua garganta sugeriam que as sombras vivas tinham mergulhado também em seu interior. Pela primeira vez na sua existência de morto-vivo, uma náusea suave começou a atingir o estômago de Dom Carlos.

O albino, com uma serra na mão, passou por ele. O animal avançou pela sala, e o espaço, que até ali fora bastante adequado, pareceu ser muito pequeno de repente. As duas outras criaturas do Sabá seguiram o albino: uma delas era uma coisa aracnídea, com pernas arqueadas, magra a ponto de parecer que todos os ossos eram visíveis e com a pele escura, como se tivesse sido assada até queimar, mas retirada do forno no último segundo antes da destruição total; a outra estava quase totalmente escondida por baixo de um casaco de mangas compridas e um chapéu puxado para baixo, apesar do calor do verão.

— Meu príncipe, — zumbiu o albino, caçoando da conversa que tinha escutado eletronicamente — desculpe a invasão, mas o seu assistente disse que podíamos entrar.

Fez um gesto em direção ao corpo de Terrence e depois ergueu uma sobrancelha para a falta de resposta de Thatchet.

—Talvez tenha se enganado. — disse no mesmo tom seco, completamente sem emoção — Ele parece um pouco agitado mesmo. Talvez precise de umas férias.

Dom Carlos só conseguia permanecer de pé e piscar os olhos, confuso. A criatura aracnídea deu uma risadinha da piada fraca do albino. O animal parecia indiferente à tentativa de humor, mas também deu uma gargalhada, pois seus companheiros estavam rindo.

Os carniçais?, interrogou-se Dom Carlos. *Onde estão os guardas?*

— Não haverá outras invasões. — disse o albino a Dom Carlos, como se tivesse escutado telepaticamente a pergunta.

O Toreador olhou de novo para Hill. *Os guardas... e nenhum som de luta.* O *coup d´etat* que ele tinha imaginado não ia ocorrer em um dia próximo. Estava acontecendo agora.

— Vocês da Camarilla têm sempre o mesmo problema. — disse o albino de maneira trivial. Ele se aproximou até ficar a alguns centímetros de distância do príncipe prisioneiro.

— Você temem demais os anciões.

O albino levantou a serra, fez uma inspeção rápida na lâmina sob a luz fraca e encostou-a no braço esquerdo de Thatchet, logo abaixo do cotovelo. As sombras que o confinavam, sem libertarem o braço do príncipe, separaram-se diante dos dentes da serra.

O albino começou a trabalhar com a serra, para frente e para trás, para frente e para trás, e cortou a carne com precisão. Dom Carlos olhou para o outro lado — podia banquetear-se com o sangue mortal, mas isso estava bem longe desta carnificina cruel — mas não conseguiu evitar o som terrível da lâmina atravessando os ossos.

— Hmm. — disse o albino. Rádio ou cúbito? Nunca consigo lembrar. Não interessa. Os dois terão que sumir.

O som da serra recomeçou, mais intenso desta vez. Ele acabou com o primeiro osso e começou a serrar o segundo. No entanto, o barulho rítmico acabou com um estalo súbito.

— Droga. Acho que danifiquei este. — resmungou o albino — Mas é como dizem: muita prática, muita prática, muita prática.

O baque seco do pé de Dom Carlos atraiu a atenção do vampiro. O Toreador olhou para baixo e viu a mão e o braço esquerdos do príncipe e um pedaço afiado de osso saindo de onde deveria estar o cotovelo.

Dom Carlos saltou para trás e, contra qualquer princípio, olhou para o príncipe, e não onde o albino começava a serrar no outro braço, mas para o rosto de Thatchet. Se o príncipe tentara gritar, o som não ultrapassara o véu de sombra que prendia a sua boca. Seus olhos estavam esbugalhados de dor, mas isso não era tudo. Dom Carlos esperava ver medo e arrependimento no fim do que poderia ter sido uma existência eterna. Em vez disso, tudo o que se misturava com a dor naqueles olhos retesados era o ódio. Thatchet não encarava o albino ou a destruição progressiva de seu braço direito. Tinha o olhar fixo em Dom Carlos, e o ódio daqueles olhos era dirigido tanto, ou mais ainda, ao Toreador quanto às bestas do Sabá.

— Pronto.

O albino segurou a mão direita do príncipe.

— Está vendo, meu amigo da Camarilla. Não se deve temer os anciões desde que estejam apropriadamente desarmados.

A coisa aracnídea deu outro risinho. O som parecia uma unha arranhando uma lousa. O trator dava gargalhadas altas, como uma criança da noite gigante e idiota. Durante todo esse tempo, o vampiro do Sabá oculto pelo casaco e pelo chapéu manteve-se em silêncio.

— Delona, traga a minha caixa de ferramentas e uma corda de extensão. — disse o albino.

Sua pele branca estava salpicada de sangue, embora houvesse pouco no chão, considerando tudo o que acontecera. Aparentemente, fazia tempo que o príncipe tinha se alimentado, pois pouco sangue saía dos tocos, que já começavam a sarar graças à potência da vitae vampírica.

A coisa-aranha correu para fora da sala, mas o albino mudou abruptamente de idéia e chamou-a.

— Acredito que não temos muito tempo.

De forma igualmente abrupta, a atenção do albino e o seu perturbador olhar rosa fixaram-se em Dom Carlos.

O Toreador tentava com todas as suas forças negar o que tinha visto. Mas os braços decepados, o segundo que o albino jogava agora no chão, não desapareciam, e os monstros do Sabá continuavam ali.

— Você está de saída, então. — disse Dom Carlos, recuperando finalmente a voz, mas tentando não soar muito esperançoso.

O albino assentiu.

— Há pouco a ser feito em Richmond. Dentro de uma hora, não haverá um único ancião da Camarilla aqui.

Essa afirmação ousada demorou um pouco para ser assimilada. *Não haverá um único ancião da Camarilla...*

Novamente, Dom Carlos percebeu seu erro. Assim como essa não era uma missão secreta de reconhecimento para preparar um futuro golpe, não se tratava de um mero golpe cirúrgico para deixar os Membros da cidade sem líderes.

Não haverá um único ancião da Camarilla aqui.

Se o que o albino disse era verdade, se todos os anciões fossem destruídos, essa limpeza levaria a geração de Dom Carlos às rédeas do poder. Estava disposto a começar a sua ascensão ao poder como peão do Sabá, pois um peão, no tempo certo, podia ser convertido em um rei — ou, neste caso, em um príncipe.

— Vocês vão precisar de alguém que fique aqui de olho na nova liderança da cidade. — sugeriu Dom Carlos — Eles serão fracos no começo, mas um contato interno será inestimável com o tempo.

E com o tempo, pensou Dom Carlos, *eu é que vou expulsar vocês.*

O albino não respondeu e, em vez disso, virou-se para o príncipe Thatchet, ainda prisioneiro das sombras encarnadas. Agarrando alguns fios de cabelo e puxando a cabeça do príncipe para trás, o albino pôs a lâmina da serra no ponto mais elevado da laringe do prisioneiro.

— Acredito que a lâmina esteja um pouco mais cega do que antes.

E começou a serrar.

Devagar.

Cada passagem, para trás e para a frente, causava tremores no corpo do príncipe. Os olhos dele incharam tanto que Dom Carlos pensou que iam saltar das órbitas. Mas a sombra continuava mantendo o príncipe imóvel e indefeso.

Dom Carlos fechou os olhos e, quando os abriu, o albino, como um Perseu pálido depois de vencer a górgona, ergueu a cabeça do príncipe, o rosto finalmente livre das sombras.

— Não preciso de contatos internos — disse o albino triunfante, sorrindo pela primeira vez para Dom Carlos. A visão causou-lhe um calafrio em seu coração de morto-vivo.

— Pois não haverá um interior. Não viemos aqui atacar e destruir os anciões da cidade para irmos embora e deixarmos vocês continuarem com tudo, tendo apenas como diferença os nomes dos líderes idiotas da Camarilla.

— Esta noite vamos esmagá-los. Todos vocês.

O Toreador começou a protestar, mas sentiu uma enorme pressão em seu pescoço. Estava sendo levantado pelo animal. E o albino já tinha esquecido dele, descartando-o como lixo.

Eu posso ajudá-los! Deixem-me ajudá-los! Era o que Dom Carlos queria dizer, mas estava sendo estrangulado.

— Isto deve ser o suficiente para ganhar a aposta com Hardin. — disse o albino olhando para a cabeça do príncipe. Depois, virou-se e olhou pensativamente para Dom Carlos.

— É melhor levar mais um.

Sábado, 26 de junho de 1999, 02h13min
Perto da zona portuária
Washington, D.C.

A *Grande Enchilada.*

Hardin não estava muito impressionado com D.C., pelo menos por enquanto. Era muito silenciosa e tranqüila demais para o gosto dele. Havia sirenes ao longe, a cada dez ou quinze minutos, e, apesar de estar a vinte metros do pequeno bar do outro lado da rua, os sons de uma velha canção de Sammy Hagar ressoavam em seu peito. Mesmo assim, faltava alguma coisa.

Hardin tinha ouvido falar que em Washington tudo era pobreza ou beleza, não havia meio termo. Ele estava em um bairro simples de operários, daqueles que existem aos montes em volta dos centros de poder. Os edifícios baixos eram quase todos de concreto ou tijolo antigo, todos com grades ou portas metálicas cobrindo qualquer parte de vidro. Suspeitou que ia gostar menos ainda da beleza.

A meia dezena de pessoas que estavam fora do bar não reparou em Hardin quando ele atravessou a rua. A cada dois passos, o *neon* na janela acendia e apagava:

Purgatório
Purgatório
Purgatório

Que gracinha., pensou ele. *Aquilo não é uma multidão da Camarilla? Todos juntinhos atrás da Máscara para se protegerem dos mortais — Mortais! Umas merdas de caixas automáticos de um banco de sangue — mas depois, não resistem a dar piscadinhas para os que estão por dentro.*

Purgatório
Purgatório

A cada passo, a cada *flash* do *neon*, Hardin ficava mais p... da vida. *Eles são estúpidos demais — gracinhas demais, porra — para viver.*

Havia motos suficientes estacionadas na frente para Hardin já ter catalogado o local como um bar de vampiros Brujah, mesmo que não tivesse visto o letreiro brilhante dizendo "*Vampires 'R' Us*". Pelo *menos você sabe onde está se metendo com os Brujah,* pensou ele. *Alguém que quer acabar com a sua raça. Talvez ele tenha um motivo, talvez não. Não importa.*

Pelo menos os Brujah tinham coragem. E alguns Anarquistas, aqueles que não eram uns chatos, também tinham coragem. Na verdade, Hardin preferia os tipos arruaceiros da Camarilla a seus próprios anciões Lasombra, que tendiam para o topo da escala da pretensão. Os Brujah podiam até ter uma chance, mas não os que estavam no bar esta noite.

Purgatório
Purgatório

— Purgatório, o caramba. — murmurou Hardin enquanto entrava no bar lotado.

Parou logo na porta. A música, alta quando ele estava do outro lado da rua, abafava tudo menos as conversas aos berros, e a fumaça no lugar era quase tão útil quanto qualquer sombra que Hardin pudesse evocar. Não tentou forçar a passagem. Em vez disso, relaxou e deixou sua visão desfocar — as formas distintas ficaram menos distintas, as linhas desfizeram-se e as várias figuras diante dele assumiram

aspectos bem diferentes. A cena não era muito diferente de um caleidoscópio em movimento; a fumaça densa parecia assumir várias cores e formas, tornando mais confusa a atmosfera caótica; mas, através desse filtro nebuloso, Hardin viu o que estava escondido da visão normal — quem era mortal, carniçal ou Cainita. As distinções nem sempre eram claras ou precisas, algumas exigiam mais interpretação do que outras. As cores e as formas mudavam, passavam de uma para outra, e muitos freqüentadores do bar se mexiam também de um lado para outro.

Mas Hardin não precisava da informação exata, apenas de uma impressão geral.

A entrada do bar estava cheia de mortais, com um ou dois carniçais no meio. No fundo do estabelecimento, em meio às sombras e fumaças mais densas, estavam os vampiros. Pelo menos seis ou sete, talvez mais um ou dois.

Hardin voltou a focar a visão, depois virou-se com um pequeno sorriso para um dos freqüentadores mais próximos, que poderia ser um carniçal, um cão de guarda dos Cainitas no fundo do bar, ou talvez não. Hardin não tinha certeza se a mulher de calças curtas e camiseta era uma carniçal, mas havia uma chance. Com um movimento hábil do pulso, uma navalha em forma de borboleta apareceu em sua mão. Colocou a outra mão no ombro dela e enterrou a lâmina no abdômen, logo abaixo do umbigo. A cara dela refletiu surpresa inicialmente e, em meio ao barulho e confusão, ninguém no bar percebeu o que ele tinha feito. Mesmo quando a esquartejou para cima, com uma força e velocidade inumanas, rasgando sua barriga, sutiã e garganta, e ela caiu no chão, houve apenas um pequeno tumulto entre a multidão, e não alarme — outra bêbeda que estava vomitando ou desmaiando. Se alguém reparou no sangue, os gritos de aviso foram abafados pela música.

Desmond e Rojo passaram por Hardin aos empurrões, e também Jake, Greasy e Amber, formando uma parede ao longo do bar. Como se fossem um único ser, sacaram simultaneamente suas pistolas e abriram fogo.

A primeira explosão abriu uma enorme clareira entre a clientela. Corpos, copos, mesas explodiram. A segunda rajada teve praticamente o mesmo efeito. Hardin admirou-se com a rapidez com que a parte da frente do estabelecimento se esvaziou sem ninguém ter saído pela porta. Os clientes que não tinham sido mortos, estavam caídos e feridos ou tinham se jogado no chão para se protegerem.

Pela primeira vez, os gritos sobrepuseram-se à música, agora uma canção sentimental dos *Righteous Brothers.*

"*And there's no tenderness, like before, in your finger-tips*"

Dois Brujah lançaram-se aos berros, como mísseis, das sombras do fundo, mas os atiradores não perderam um segundo para recarregar as armas e os disparos simultâneos de cinco pistolas atingiram os dois Membros e os empurrou para a direção oposta.

"*You're trying hard not to show it, ba-by...*"

Os homens de Hardin concentraram os disparos no fundo do bar, mas, com a dispersão e velocidade dos tiros, não havia um centímetro livre da devastação — apenas a parte de trás do balcão. E Hardin estava pronto quando o *barman* se ergueu com uma pistola na mão.

"*You've lost that loving feeling, whoa-oa, that loving fee-ee-ling...*"

A cimitarra de Hardin cortou o pomo de adão do *barman* antes de ele conseguir puxar o gatilho.

"*You've lost...*"

Amber irrompeu pelo bar com mais três disparos como precaução e a música parou. Ouviram-se mais tiros lá fora. Hardin sorriu. Lonnie e os outros estavam fazendo seu trabalho, bloqueando as saídas dos fundos pelo lado de fora.

Mais alguns disparos acabaram com tudo. Até mesmo os Membros ou os mortais que tinham se escondido atrás das mesas viradas foram assassinados. Rojo e Desmond sugaram todos os corpos caídos — não fazia sentido dar alguma chance a um vampiro. Nenhum dos beberrões da Camarilla no local, supondo que estavam armados, disparou um tiro sequer.

Um silêncio intenso abateu-se sobre o Purgatório.

— Dois minutos, rapazes. — disse Hardin.

— Juntem o sangue que conseguirem e vamos embora.

Considerou por alguns instantes levar mais algumas cabeças, mas não queria esperar mais e ter de lutar contra a polícia. Além disso, havia muito mais Membros em D.C. e a diversão estava apenas começando.

Domingo, 27 de junho de 1999, 00h05min
The Arcanum Chapter House, Georgetown
Washington, D.C.

O chanceler Abrahm Yrul certificou-se de que o portão da frente tinha sido bem fechado e dirigiu-se ao carro estacionado na rua. A segurança da fraternidade não representava um problema qualquer. Era um tema que ele discutia quase regularmente com os outros Arcanistas.

— E quanto à nossa segurança pessoal? — Geoffrey Truesdell perguntara algumas horas antes naquela mesma noite — Deveríamos construir um estacionamento subterrâneo para não termos de andar pela rua tarde da noite.

Era verdade que os Arcanistas costumavam entrar e sair a qualquer hora do dia ou da noite. A pesquisa, apesar de ser uma raridade fazer uma descoberta, podia facilmente fazer alguém perder a noção do tempo, como Abrahm bem sabia. Havia passado um longo dia — três longos dias, na verdade, desde que deixara a fraternidade. Alguns companheiros juravam que ele vivia lá, e Abrahm às vezes achava que tinham razão.

Mas um estacionamento subterrâneo não era uma solução, com certeza.

— Vocês sabem com quantas leis bizantinas de zoneamento e com quantos departamentos burocráticos teríamos de negociar para fazer uma coisa dessas? — perguntara Abrahm — Além disso, teríamos que mudar os cofres de lugar, expor a fraternidade a empreiteiros estranhos, fazer um sistema de segurança para um acesso mais amplo...

Enumerara as razões com os dedos de uma mão e foi para a segunda.

Evidentemente, todos sabiam da violência que dominara a região sudeste da cidade na noite anterior e estavam preocupados — não, isso não era verdade, ele percebeu; havia vários Arcanistas mergulhados completamente em seus estudos e que *não sabiam de nada* sobre os acontecimentos no mundo exterior às paredes da fraternidade. Mas a *maioria* dos arcanistas ouvira sobre a violência aparentemente relacionada às drogas que tinha estourado na zona portuária e depois se alastrado como um incêndio. Além disso, corriam notícias de que houvera mais derramamento de sangue aquela noite.

Abrahm inspecionou a rua deserta. A situação requeria certamente que se mantivessem alerta, mas esta era Georgetown e nenhum dos incidentes tinha ocorrido a menos de oito quilômetros da fraternidade. Mesmo assim, Abrahm sentiu-se melhor dentro do seu Jaguar, quando as travas de segurança abaixaram, protegendo o veículo.

O tamborilar no vidro assustou-o. Não havia ninguém na rua, mas agora tinha um homem estranho batendo pacientemente com o indicador no vidro de Abrahm. O dedo do homem era inteiro branco, assim como seu rosto. Os olhos rosados agigantavam-se do outro lado do vidro.

Como é que não vi esse cara?, interrogou-se o chanceler. De fato, como? O homem, obviamente um albino, quase brilhava na escuridão da noite. No entanto, Abrahm não tinha a intenção de abaixar o vidro e falar com ele; por outro lado, não queria parecer mal-educado. Como solução, Abrahm fez um gesto educado, mas continuou a enfiar a chave na ignição.

A mão branca quebrou a janela e a transformou em uma nuvem de vidros e agarrou a garganta de Abrahm Yrul. A buzina do Jaguar soou por breves segundos, enquanto o joelho do chanceler pressionava o volante.

O silêncio regressou rapidamente ao carro vazio, com as chaves ainda na ignição.

Domingo, 27 de junho de 1999, 00h49min
Reagan National Airport
Washington, D.C.

O avião mal tinha acabado de se imobilizar no asfalto da pista e Parmênides-Ravenna e Vykos foram levados para a limusine que os esperava.

— Uma bela noite para um *tour* pelos monumentos, não acha? — perguntou Vykos, percorrendo com um dedo o joelho de Parmênides.

Estava muito orgulhosa daquele joelho, construíra e reconstruíra essa parte várias vezes nas últimas noites. Ele conseguia andar agora com alguma dificuldade e com a ajuda de uma bengala com uma ponta de bronze. Mesmo assim, a sua recuperação fora notável.

— Eu sei que é terrivelmente incômodo, mas a culpa é sua. — ela o lembrava disso o tempo todo.

— Os meus planos eram que você estivesse completamente recuperado e já conseguisse andar, que fosse você mesmo, por assim dizer, a esta altura.

A resistência veemente e contínua dele ao afeto dela, enfatizou Vykos, "deixara as coisas desnecessariamente mais complicadas e causara dores evitáveis". Esta última frase foi dita com uma espécie de sorriso beatífico em sua face.

Parmênides ignorara esses comentários e ignorou a pergunta sobre os monumentos. Estava bem consciente de que era uma bela noite para fazer seja lá o que for que Vykos achasse.

— Ah, não fique amuado agora.

Ela tocou o queixo dele.

— Posso colocar um sorriso em seu rosto. — ela disse, de maneira perversa.

Era verdade, claro. Ela podia fazer — e faria — o que quisesse com a forma física dele. Parmênides considerou que um sorriso era uma mudança pequena, mas lembrou que ela não teria tempo para isso agora, pois vários dos caprichos passageiros dela se mostraram válidos de receberem uma dedicação de diversas horas nas últimas noites.

Apesar da falsa ameaça, Parmênides ocupou-se em olhar pela janela, ignorando não apenas a anfitriã, mas também o reflexo no vidro, a imagem que era, e não era, a sua. Desde que fora transformado, dedicara-se ao silêncio, em busca de qualquer consolo que pudesse encontrar. Vykos estava condenada. Mas é claro que era Parmênides quem estava mais condenado, ainda, entregue ao demônio pelos seus. A sua mente ainda era incapaz, talvez *cada vez mais* incapaz, de entender aquela situação. Não havia um apoio firme, nem mesmo o seu próprio reflexo, em volta do qual se pudesse construir uma versão razoável da realidade. Portanto, olhava em silêncio, a sua única fortaleza, a sua única forma de desafio — e sabendo perfeitamente que, se a sua nova senhora quisesse, também destruiria com pouca dificuldade essas muralhas.

Passaram pelo Monumento a Washington, "uma bugiganga mortal encantadora", ele ouviu Vykos dizer. Ela parecia capaz de continuar a conversa sozinha e mais do que disposta a fazer isso. A voz dela arrastava e empurrava a consciência de Parmênides, o que acontecia desde que ele sentira os caninos dela em sua garganta. Será que só haviam passado algumas noites mesmo? Para ele, parecia mais tempo do que todos os anos árduos de treino, do que todos os seus anos como mortal e imortal juntos. Já não sabia mais se os sons que ouvia eram palavras realmente ditas ou o

eco da voz dela preenchendo os espaços vazios de sua mente confusa. Ele tentou ficar ainda mais alheio, mas foi puxado por uma forte pressão sobre o seu miraculoso joelho semi-funcional.

— Aquilo, sim, é *um* monumento — disse ela.

A limusine tinha diminuído a velocidade e estava quase se arrastando. Parmênides olhou através do vidro, através daquele outro rosto, mas viu apenas uma grande casa destruída pelo fogo. A admiração de Vykos pelos destroços deixou-o confuso, mas menos do que se ela fosse qualquer outra pessoa no mundo. Apesar do contato íntimo que tiveram, ele não conseguia desvendar os pensamentos dela, assim como não conseguia voltar a ser um mortal.

Eles continuaram o passeio, com a limusine insinuando-se por ruas estreitas e apertadas devido aos carros estacionados em ambos os lados. Parmênides não viu quando deixaram para trás a parte da cidade cheia de monumentos e museus — um pouco antes do edifício queimado — mas estavam bem longe agora.

Em pouco tempo, o carro diminui a velocidade de novo e depois parou. O reflexo de luzes em movimento chamou a atenção de Parmênides. Desviou o olhar da janela para ver uma nova cena de destruição, que desta vez ainda estava ocorrendo. No fim do quarteirão seguinte, uma fileira de casas com fachada de arenito pardo queimavam incontrolavelmente. Carros de bombeiros bloqueavam a rua; jatos de água irrompiam na noite e caíam com pouco efeito no meio das chamas. Homens suados, de capacetes e casacos grossos, mantinham-se ocupados. Talvez conseguissem manter o incêndio naquele quarteirão. Talvez não.

O peito de Vykos subiu e desceu com um suspiro profundo.

— A destruição da arquitetura mortal é uma coisa comum. — disse Parmênides. As suas palavras, menos venenosas do que pretendia, soaram vagamente patéticas. A força delas parecia atenuada pelo confinamento da limusine, pela capacidade isoladora do compartimento que abafava quase totalmente os sons do inferno próximo.

Vykos virou-se para ele com um sorriso sedutor.

— Você está vivo, meu filósofo.

Vykos colocou suavemente a mão sobre o rosto dele.

E sua mente está intacta. Eu sabia que você era feito de um material bem forte. Que material era esse, ela não disse.

Ela voltou a sua atenção para o edifício em chamas.

— Você tem toda a razão, é claro. Tão intuitivo.

Ela desviou o olhar do fogo por tempo suficiente para dar um beliscão na bochecha dele.

— Uma das razões por que lhe quero tão bem.

— As construções mortais são tão fracas. — ela acrescentou — Mas este... — bateu com o dedo no vidro para enfatizar o que dizia — este é um *verdadeiro* monumento — um monumento ao príncipe Ventrue desta cidade.

As palavras dela fizeram Parmênides mergulhar no caos. Teve de novo a sensação de que as palavras de Vykos dançavam em sua mente sem antes atravessarem o espaço físico entre eles. As chamas e a fumaça deram lugar a uma massa rodopiante de cores.

Vitel.

As palavras surgiram sozinhas, como se viessem das chamas escondidas.

Vitel.

— Sim. — disse Vykos gentilmente — Marcus Vitel.

Parmênides não percebeu que dissera o nome em voz alta, mas ela tinha respondido. E agora, via-se com a cabeça no colo dela, como uma cria à procura de conforto. Ela acariciou seu cabelo.

— Este era o refúgio dele. — disse Vykos — *Um* de seus refúgios.

— E o outro edifício...

— Sim, meu querido. Mas não se preocupe com isso ainda.

Os dedos dela massagearam as têmporas dele, aliviando a pressão que teve que aceitar como parte de estar consciente.

Vitel. Marcus Vitel. Príncipe.

Parmênides abriu os olhos. Estava sentado ao lado de Vykos. A limusine estava se movendo novamente. Percorreram vários quilômetros. As casas deram lugar aos edifícios comerciais, que deram lugar a centros comerciais de beira de estrada, que deram lugar a lojas de penhores e casas de bebidas...

Ao mesmo tempo que o cenário exterior mudava, Parmênides percorria os marcos de sua mente, tentando fixar os pensamentos que se lançaram.

Vitel. Príncipe Vitel.

Mas havia algo mais. Nas profundezas de sua mente, havia algo mais. Estava certo disso — tão certo quanto não mais estaria sobre qualquer outra coisa. O carro parou. Antes de Parmênides conseguir se separar completamente de sua paisagem interior, Vykos abriu a porta e o mundo lá fora atingiu todos os seus sentidos de uma vez.

A limusine estava tão calma, tão silenciosa, um mundo tranqüilo só para ele. Além desse confinamento, imperava o caos. O cheiro da fumaça e o som de sirenes distantes chamaram sua atenção. Tinham parado diante de mais um edifício em chamas. *Outro refúgio — príncipe Vitel.* Quantos abrigos ocultos poderia ter o príncipe de uma cidade tão importante? Possivelmente dezenas, Parmênides sabia. Aquele edifício, ou o que restava dele, parecia ser alguma relíquia da História excêntrica que os americanos prezavam tanto.

Sair da limusine não foi fácil ou indolor, mas Parmênides sentiu-se compelido a seguir Vykos. Havia outros em cena — todos do Sabá, o mais notável era um albino inexpressivo e um Cainita mais baixo que rodopiava uma faca entre os dedos, com um ar indiferente. Não prestaram atenção em Parmênides, uma atitude que começou a levar a mal até se dar conta de que já não era um representante do clã Assamita para eles — talvez nem para ele mesmo. Era Ravenna, carniçal e criado da Senhora Sascha Vykos. Ignorado, mancou até ficar do lado dela.

— Até agora, esta foi a maior resistência. — disse o albino.

Entregou a Vykos um saco grande, claramente ensopado de sangue.

— Uma das crias vagabundas do príncipe. Agora só falta uma. — disse a seu companheiro com a faca.

Ninguém parecia se preocupar com o fato de haver testemunhas. Parmênides viu vários indivíduos entrando e saindo das sombras, indo para cima e para baixo no quarteirão. Aparentemente, as testemunhas em potencial estavam sob controle. Parmênides também notou que as sirenes estavam se afastando.

— Ainda vai demorar até a polícia e os bombeiros chegarem aqui. — disse o albino, adivinhando os pensamentos de Parmênides-Ravenna.

— Há bastante coisa para mantê-los ocupados.

Quando essas palavras foram ditas, tornou-se óbvio para Parmênides que havia outros incêndios, vários incêndios, alguns próximos e outros espalhados por toda a cidade, provavelmente. A fumaça formava um manto em constante mudança no céu. Conseguia sentir o sabor das cinzas que cobriam o chão como uma fina camada de neve.

Vitel. Príncipe Vitel.

Um de seus refúgios.

— Muito bem. — disse Vykos — Acabem com tudo aqui e vão embora.

Ainda olhando para o albino, ela estendeu o saco ensangüentado para Parmênides.

— Vamos, Ravenna.

E voltou para a limusine.

Vykos mal olhava para a cabeça no saco.

— São como gatinhos me dando um rato como troféu. — comentou ela sobre o albino e seu companheiro. Se tinha feito a mesma comparação sobre Parmênides em seu primeiro encontro, não disse nada.

Agora que o santuário da limusine deixara de existir, Parmênides já não conseguia bloquear o que lhe parecia um mundo de violência encarando-o por trás do rosto refletido na janela. Estava acostumado à violência, é claro, e à morte — pelo menos estivera acostumado — mas os incêndios, a fumaça constante, o som dos disparos, os corpos nas ruas, tudo o deixava perturbado. Talvez fosse a voz fraca e incompreensível no fundo de sua mente, zunindo alto, deixando-o instável. Ou talvez Ravenna não fosse tão imune a atrocidades quanto Parmênides. O turbilhão de coisas tornou-se irremediavelmente indistinto.

Vykos sentiu a falta de tranqüilidade dele.

— É apenas a segunda noite do domínio Sabá. — ela esclareceu com um movimento exagerado de pouco caso, como se sugerindo que seu reinado benevolente logo restauraria a paz e a ordem.

Quando a limusine parou de novo, tinham voltado ao centro comercial. Vykos admirou o Monumento a Washington por um momento.

— Duvido que eu pudesse ter feito melhor. Quem, além dos americanos, erigiria um falo gigante em honra do pai de sua nação?

Ela encolheu os ombros e abriu a porta.

A rua em frente ao Hotel Presidencial era mais normal do que tudo o que Parmênides vira naquela longa noite — normal à primeira vista. Na entrada principal do hotel, encontrava-se um porteiro de uniforme. Havia uma atividade pouco habitual, já que a cada minuto passava um carro de polícia ou uma ambulância com as luzes piscando e as sirenes soando. Contudo, a visão sobrenatural e treinada de Parmênides reparou em detalhes que quaisquer mortais e muitos Cainitas teriam deixado escapar: uma sombra pesada colava-se às paredes laterais do hotel, uma camada negra acrescentada à escuridão habitual; e perto do lugar onde a limusine tinha parado havia um outro homem de uniforme — não um uniforme como o do porteiro ou de um policial de D.C., mas a armadura de combate negra de um legionário do cardeal Ambrosio Luis Monçada, de Madri.

O legionário fez uma reverência.

— Conselheira Vykos.

Como os outros, não prestou atenção no carniçal Ravenna.

— Nós o prendemos lá dentro.

O tom das palavras dele era preocupado, com um pequeno toque de orgulho profissional.

— Preso? — disse Vykos com a sobrancelha erguida.

— Acho que não, comandante Vallejo.

Vallejo parecia surpreso pela forma descontraída como ela negou a situação, mas não deixou que isso o influenciasse.

— Ele está encurralado há cerca de uma hora, mas não o atacamos — de acordo com as suas ordens.

— Entendo.

— Ele pediu uma negociação, conselheira Vykos.

Desta vez, ambas as sobrancelhas se levantaram.

— Ah, é? Aquele diabinho.

Vallejo era obviamente contra a postura irreverente dela. Ele até se dignou a olhar por um momento para Ravenna, talvez à procura de um apoio em relação à seriedade da situação.

— Devo dar a ordem para matar, conselheira?

Vykos passou a língua pelos lábios.

— Acho que não.

Depois, ela disse:

— Uma negociação...

— Conselheira Vykos, — disse Vallejo de maneira rápida e subitamente preocupado — você não pode estar considerando...

Parou em resposta ao olhar interrogativo de Vykos; sabia que não devia dizer a ela o que podia ou não considerar.

— Retire os seus homens, comandante. Eu enfrentarei o príncipe de Washington.

Levantou a mão para calar os protestos de Vallejo.

— Ele não tem nada a ganhar se me matar.

— E nada a perder. — acrescentou Vallejo, mas não tentou mais dissuadi-la. — O que *nós* temos a ganhar? — ele perguntou.

— *Nós* — disse Vykos — podemos ganhar um príncipe da Camarilla cativo — talvez até um colaborador — em vez de outro cadáver, algo que já temos em quantidade suficiente a meu ver.

— Ravenna, — ela disse abruptamente — traga os telefones e o... troféu do carro.

Parmênides-Ravenna apressou-se em obedecer às ordens, embora cada passo fosse uma agonia e o apoio da bengala não aliviasse em nada a rigidez de cada músculo, dos pés até os quadris. Havia, de fato, dois celulares na limusine e o troféu com o qual já estava familiarizado.

— Agora, — disse Vykos, colocando um dos celulares em um bolso fundo — vou negociar com o príncipe. Suspeito que ele irá querer ver a sua cria, — fez um gesto em direção ao saco ensangüentado — uma de suas *filhas*, como acredito que as chama. Uhmm... Que extravagante.

Ela fez uma pausa e pensou por alguns momentos, depois continuou:

— Irei telefonar dentro de poucos minutos. Se me certificar de determinadas fraquezas, pedirei a Vallejo para trazer a filha do príncipe. Nesse caso, comandante, dê a seus legionários ordens para avançar e iremos capturá-lo.

— Sim, conselheira.

— Por outro lado, — disse Vykos — se eu desejar falar mais com ele, direi a Ravenna para trazer a filha do príncipe. Depois, quando sairmos, vocês poderão atacá-lo e destruí-lo.

Vallejo assentiu novamente.

Parmênides deu um passo para trás, uma sensação estranha se apossara de suas pernas, como se fossem de borracha. Só a bengala o impediu de tombar no meio da rua. Nem Vykos e nem Vallejo notaram a sua súbita falta de firmeza. A pressão atacava de novo suas têmporas, surgindo do nada, mais dolorosa do que antes.

— Você entendeu?

As palavras ecoaram em sua mente. Ou teria sido Vykos quem as dissera? Parmênides não conseguia distinguir. Fixou o olhar na calçada, com medo de que, se olhasse para cima, ela iria se mover sob seus pés instáveis.

— Você entendeu?

Ele assentiu com a cabeça, ainda sem saber se estava respondendo a um som ou a um pensamento.

— *Bom.*

Vykos não estava mais a seu lado. Ela passou pelo porteiro, que não olhou para o outro lado, como se simplesmente não a tivesse visto. Parmênides sabia que isso era possível. Não representava um truque tão extraordinário entre os mortos-vivos.

Vallejo também se afastara. Parmênides não sabia se ele tinha ido muito longe. O mundo estava girando. Ele estava fazendo um grande esforço apenas para ficar de pé. E sempre as palavras, sempre falando com ele, sempre chamando-o...

Chamarei Ravenna.

Vitel. Príncipe Marcus Vitel.

A voz dentro de sua cabeça estava falando com ele, estava ganhando influência. Era uma voz familiar, uma voz que transmitia calma.

Chamarei Ravenna e você irá matar Vitel. O príncipe Marcus Vitel.

Vykos. Ela lhe dissera tudo isso antes, e parecia tão distante. No entanto, as palavras ainda estavam dentro dele.

Você irá matar Vitel.

Parmênides vacilou. A bengala. Se ao menos conseguisse segurar a bengala com força suficiente, talvez não caísse. Seus dedos agarraram-se à haste de bronze e passaram pelo discreto trinco que, se fosse pressionado, faria o espinho saltar da ponta. A bengala iria se tornar uma estaca de carvalho com um metro, uma ponta de bronze e, no extremo oposto, um punho de bronze para ajudar a dar um golpe certeiro. Ele sabia e não sabia disso.

Você irá matá-lo, meu filósofo. Ela tinha tocado seu rosto. Você *irá matá-lo para mim.*

Um carro da polícia passou rapidamente. As luzes brilharam através das pálpebras de Parmênides. Não se lembrava de ter fechado os olhos. O barulho da sirene adentrou o nevoeiro de sua memória, retiniu em seus ouvidos, mas não conseguiu afastar a

voz que estava mais próxima do que os seus desejos mais íntimos.

Você irá matá-lo para mim.

Onde estava Vallejo?, interrogava-se Parmênides. Conseguiria o Lasombra perceber que algo estava errado? Conseguiria perceber que Parmênides estava ficando louco? O legionário seguraria Ravenna se o carniçal caísse na calçada? *Por que não ele?* Por um momento, Parmênides ficou com medo de ter gritado a pergunta na noite. Não conseguia ter certeza absoluta de que não fizera isso. *Por que não o legionário? Ele conseguiria matar Vitel.*

O riso divertido de Vykos atingiu-o como um golpe — ou seria outra sirene, uma ambulância passando a toda ou um carro de bombeiros?

Sim, Vallejo conseguiria matá-lo, ela concordou, *mas ele é soldado do cardeal. A glória iria para o cardeal. Se tenho que colher os prêmios da cidade, o golpe final deve ser dado pela minha mão — ou pelo meu assassino. O meu filósofo.*

Parmênides havia se voltado contra ela. Novamente, rompera as amarras embora fossem forjadas com a sua própria carne. Como é que ela se atravera a tratá-lo assim, e por um fim tão ridículo!

Ah, mas isto não é o fim, meu jovem romântico. Isto é apenas o começo.

O coração dele queimava. Preferia arrancá-lo do peito e atirá-lo ao fogo do inferno a entregá-lo nas mãos dela.

Mas eu já o tive em minhas mãos. Calma, meu Ravenna. Você está cansado. Descanse, meu Ravenna.

Descanse, meu Ravenna.

Descanse. Ravenna.

Ravenna.

— Ravenna!

Vallejo agarrou-o pelo ombro, enterrando as unhas na pele dele.

— O telefone!

O Lasombra falava com firmeza. Não havia crueldade em sua voz ou em seu rosto; ele simplesmente não conseguia suportar fraquezas. E nem Parmênides... antes.

— O telefone, Ravenna.

O telefone estava realmente tocando. Ravenna ergueu-o na sua frente, como se estivesse revelando a arma de um assassinato para todos. Vallejo o encarou, esperou.

Maldito. Você não sabe, pensou Parmênides. Depois, de maneira muito estranha, ali de pé em frente ao hotel, com o telefone na mão, um sentimento desconhecido cresceu dentro dele, um sentimento que não experimentava há séculos — compaixão. *Você não sabe... tomara que nunca saiba.*

Olhou para Vallejo, esperando encontrar piedade pela sua compaixão muda, mas foi saudado com a dura expectativa de que o dever fosse cumprido. A vontade sumiu de Parmênides-Ravenna. O telefone aproximou-se de seu rosto. Era a sua própria mão que o erguia. Ele apertou o botão "talk", mas não falou, não conseguiu dizer uma palavra.

— Ravenna, o príncipe gostaria de ver sua filha. Traga-a para cá.

O telefone ficou mudo. Vallejo tirou-o das mãos do Assamita. Ravenna inclinou-se para a calçada, com todo o seu peso sobre a bengala, e pegou o pacote. Ele o havia largado em um lugar qualquer. Havia uma marca de sangue na calçada.

O porteiro reparou tão pouco nele quanto reparara em Vykos. Parmênides, mesmo em suas primeiras noites, teria conseguido um efeito semelhante sobre o mortal, mas hoje não restavam forças no Assamita-carniçal. Passou com uma postura rígida por ele, cada passo confirmando o alinhamento imperfeito entre os ligamentos e os ossos. O *lobby* do hotel estava deserto, a não ser pela recepcionista atrás do balcão, que o ignorou. Ravenna seguiu uma trilha que Vykos havia deixado de propósito, e os olhos mortais não conseguiam ver nem a trilha nem o viajante que a seguia.

Ele continuou na trilha, passou pela lojinha com as luzes apagadas, pelos elevadores usados pelos hóspedes e chegou a um corredor privado e a um elevador isolado dos demais. As portas estavam abertas, à sua espera. Ravenna girou a chave que saía do painel e começou a subir.

Chamarei Ravenna e você irá matar Vitel.

O tempo expandiu-se diante de Ravenna. O hotel não era particularmente alto — o sexto andar servia de cobertura — mas a luz sobre a porta parecia passar de má vontade do T para o 1 e o 2. À medida que os números aumentavam lentamente, crescia também a agitação de Ravenna. Pensou em Vallejo. O espanhol não hesitaria em matar o príncipe, bastava Vykos pedir. Mas, em nome dos jogos de poder, Ravenna tinha sido criado para esta tarefa. Segurou a bengala como se fosse sua salvação. O pequeno trinco encontrava-se sob a ponta de seus dedos. Estava a caminho do assassinato — era a arte que tinha estudado anos e anos, um ato que tinha executado inúmeras vezes. No entanto, o que era natural para ele, o que era o seu objetivo e a sua paixão, enchia-o de terror agora. Recuou diante da tarefa que tinha de executar.

Porque ela quer isso de mim, ele percebeu.

Você irá matá-lo para mim.

Vykos queria que ele fizesse isso e Parmênides-Ravenna não estava disposto a servir aos caprichos da vampira. Pelo que ela tinha feito com ele, pelo que os mestres a tinham deixado fazer, ele devia cortar a garganta de Vykos, o coração negro dela. Seu ódio era feroz, quase tão feroz quanto o que tinha por si, pois sabia que faria o que ela pedisse.

Você irá matá-lo para mim.

— Seja forte, jovem Assamita.

A voz não o surpreendeu, não o assustou. Ela flutuava, rodeava-o como um luar suave.

— Seja forte, seus mestres não o esqueceram.

Pela segunda vez nesta noite, Parmênides-Ravenna não conseguiu falar.

A luz fraca, tão ocupada com seu avanço, moveu-se do 4 para o 5.

— Eu irei até você, eu ou meus irmãos.

Parmênides-Ravenna fitou o teto do elevador. Que criatura estava do outro lado, chamando-o, falando de seus mestres? Parmênides queria quebrar o alçapão, exigindo que quem o perturbava aparecesse, mas o corpo de Ravenna estava destruído, suas pernas mal serviam para realizar o mais simples movimento.

— Você tem alguma novidade para eu levar a seus mestres?

Parmênides-Ravenna tinha um olhar fixo e ausente; olhava para a luz.

5 e 6.

— Fale, jovem Assamita.

A campainha soou. As portas começaram a abrir.

Os lábios dele se abriram, mas estavam mais secos do que os desertos mais áridos de suas primeiras noites.

— Eu... sou forte. — ele murmurou por fim.

As portas permaneceram abertas. Com passos incertos, Ravenna entrou no refúgio suntuoso de Marcus Vitel, príncipe de Washington, D.C. O sorriso ardiloso de Vykos saudou-o.

Você irá matá-lo para mim.

Vitel era uma figura imponente. Parmênides notou o terno de boa qualidade, os traços fortes do rosto, as madeixas grisalhas. Parmênides viu os olhos azuis escuros do príncipe. Um assassino confiante conseguia fazer isso — encarar um Membro ancião idoso sem revelar nada — mas a confiança de Parmênides, nos fundamentos mais básicos de sua existência anterior, tinha sido abalada. Ele ficou gelado. Na presença deste príncipe da Camarilla, esta criatura acostumada ao comando, Parmênides não conseguia avançar. Suas articulações endureceram e não se moveram mais. Era tudo o que conseguia fazer para não deixar cair o saco que transportava. Apenas o pensamento de uma falha assim era aterrorizante.

— Olha o que você fez, meu príncipe. — disse Vykos em um tom bem informal e suave — Assustou o meu pobre carniçal. E se ele caísse de medo aqui mesmo? Não faz idéia do trabalho que tive para arranjar um bom ajudante.

— Vamos, Ravenna. — ela disse, esticando a mão para fazê-lo se aproximar.

Vitel observou em silêncio enquanto Parmênides forçava seu corpo a avançar. Na verdade, o olhar do príncipe fixou-se no saco que o carniçal carregava, sem hesitar.

Não estava a grande distância de onde eles permaneciam — não tinham entrado na cobertura para conversar confortavelmente, como a etiqueta geralmente prega — mas a cada passo, sob o olhar implacável do príncipe, o saco parecia se tornar mais pesado, como se a cabeça infeliz tivesse desenvolvido um corpo, e todo o peso da cria do príncipe estivesse lá dentro agora.

Com a deslocação, embora torturado, Parmênides pensava menos na cabeça que escapava de suas mãos e no baque surdo e estranho que faria ao bater contra o chão. Sua cabeça girava, cheia de possibilidades; seu dedo permanecia próximo ao trinco da bengala. O príncipe, querendo reconhecer o fato ou não, certamente sabia o que estava dentro do saco ensangüentado. Parmênides podia jogá-lo a Vitel. Com certeza, o príncipe iria instintivamente segurar a cabeça de sua cria, e, nesse momento de distração, Parmênides poderia atacar. No entanto, faltava a esse cenário um pouco de dignidade. Podia atacar enquanto entregava o saco...

— Vamos, Ravenna. — disse Vykos novamente enquanto ele se aproximava.

Chamarei Ravenna e você irá matar Vitel.

As palavras dela o abalavam, mostraram-lhe a facilidade com que tinha caído no habitual padrão de pensamentos quando confrontado com a perspectiva de matar. Uma súbita onda de dúvida inundou-o e em seu coração havia a desobediência. Sentiu a vontade, a *necessidade*, de usar sua arma, mas não no príncipe. Em Vykos.

Ela olhava para Vitel, observava com um prazer pouco velado a dor que apareceu nos olhos dele, orlados de lágrimas de sangue. O saco estava suficientemente próximo para que pudesse tocá-lo; só tinha que esticar a mão.

Você irá matá-lo para mim.

Parmênides não conseguia ouvir por causa da pressão em suas têmporas. Em sua mente, viu Vykos sorrindo, contemplando o seu próprio peito empalado. Seu coração saltou, mas a mão na bengala permanecia tão estável quanto suas pernas quando os tendões e os ossos foram soldados uns aos outros.

Você irá matá-lo para mim.

O príncipe, lutando com a sua dor, suspirou profundamente. Parmênides pressionou o trinco — a lança saltou — e ele atacou. Mas um segundo mais tarde do que devia. Vykos gritou de fúria quando o príncipe desviou do golpe dirigido a seu coração. A bengala perfurou o ombro dele.

As costas da mão de Vitel atingiram o rosto de Parmênides. O assassino-carniçal, instável e trôpego, perdeu o equilíbrio com o golpe poderoso e caiu no chão.

Vykos guinchou e lançou suas garras no príncipe, mas ele já tinha se desviado e afastado dos agressores. Seu corpo, empalado pela bengala, quebrou uma das grandes janelas panorâmicas que mostravam o centro comercial. Antes de Parmênides conseguir ficar de joelhos, Vitel tinha desaparecido. Reinou um silêncio mortal.

Tremores intensos atingiram Parmênides. A fraqueza de sua pernas impediu-o de se levantar. Vykos virou-se de onde estava depois de ter perseguido o príncipe até a janela quebrada e regressou para junto de seu protegido. Lágrimas de sangue corriam pelas faces dele, pingavam no tapete luxuoso e o ensopavam.

Eu sou forte, ele dissera ao mensageiro de seus mestres. Tão forte que não conseguia libertar-se; tão forte que não conseguia desafiar a sua nova senhora; tão forte que a sua miserável desobediência só o tinha levado ao completo fracasso em sua missão.

Vykos pôs uma mão afável no rosto dele. Não havia ira e nem recriminação naquele toque. Ela não conseguia imaginar a traição que ainda ardia no coração dele, o seu ódio por ela... e o seu amor.

Puxou-o para ela, pressionando a pele quente dele contra a sua barriga fria.

— Sou fraco.

As palavras saíram abafadas contra o tecido do vestido dela. Soluços agitaram o corpo tenso dele.

— Sou fraco.

— Calma, calma, meu filósofo. Não tenha medo.

Ela acariciou seus cabelos, aliviou a pressão em suas têmporas.

— Você irá se redimir.

Algum tempo depois, Vallejo estava diante do vidro quebrado da janela e relatava que o príncipe tinha fugido.

Quarta-feira, 30 de junho de 1999, 00h51min
The Castle, The Smithsonian Institute
Washington, D.C.

Sascha Vykos sentou-se no topo do telhado inclinado da única torre do Castelo. Observou a cidade lá embaixo. *A sua cidade*, lembrou a si mesma.

O plano ousado que tinham criado meses atrás em Madrise concretizara por fim. Sob a pressão de Monçada, viajara para este Novo Mundo. Tomara o comando das forças do Sabá que cercavam a cidade de Atlanta. Incentivara uma campanha impiedosa de ataque-relâmpago, acabando com toda a resistência ao longo da Costa Leste, a norte deste ponto, e deixando toda a Camarilla à sua frente. Tomara o controle da mais poderosa cidade deste continente das mãos de seus inimigos e de seus mestres fantoches antediluvianos.

E agora, finalmente era tempo de descansar — de festejar as vitórias, de honrar os mortos, de manter as forças para os julgamentos que estavam para acontecer.

Ela podia ouvir, lá embaixo, o som de um órgão a vapor experimental — uma das curiosidades da extensa coleção do Smithsonian — tossindo para a vida. Seus convidados estavam todos reunidos. Tinha visto eles chegarem, sozinhos ou em pequenos grupos.

Do ponto elevado de onde os observava, pareciam muito pequenos e inseguros, intimidados pela perspectiva de caminharem abertamente pelas ruas que formavam o que a maioria deles ainda considerava uma fortaleza inimiga. *E talvez, em alguns aspectos, tenham razão*, pensou Vykos, com um sorriso perverso se abrindo em seu rosto.

Polônia e o seu adulador, Costello, tinham regressado de sua "missão de reconhecimento" — a Buffalo, ou Atlantic City, ou a qualquer outro lugar — quando testaram a capacidade das defesas da Camarilla e, sem dúvida, consideraram-nas fracas. Não havia outra explicação para o entusiasmo de Polônia, que era, normalmente, bem cauteloso. Esse jogo de conquista e domínio era contagioso e viciante.

Borges e Sebastian tinham chegado separados, cada um de sua própria cidade. Vykos não tinha dúvidas sobre o acordo clandestino que transformara o protegido de Borges em bispo de Atlanta. Ela tinha incluído Savannah na barganha, apesar de achar que, depois de uma última análise, Borges ainda reservava a cobiçada cidade portuária para si.

O acordo foi útil. A verdade é que ela precisava garantir que esses dois conspiradores ambiciosos ficassem extremamente ocupados e fora da jogada enquanto a campanha ia para o norte de Atlanta. A última coisa que queria era ter que se defender das manipulações e traições sutis dos Lasombra enquanto estava empenhada em uma longa batalha contra as forças da Camarilla.

Até mesmo o venerável Borges, cujos olhos se abriam para os subtextos sombrios, e não para a vida, tinha sido rápido ao aceitar a oferta de Vykos. Ele chegara ao ponto de assinar o contrato com o seu próprio sangue. Querido Borges...

Bolon e Vallejo também estavam presentes, é claro. Raramente permitia que seus comandantes se afastassem em dias como este. Ainda havia tanto a ser feito para manter a segurança da capital da nação. Talvez em algumas semanas ela conseguiria dispensar alguns deles do trabalho cansativo de realizar a defesa ao inevitável contra-ataque.

A formidável capela Tremere de Washington ainda resistia, desafiadora, e, para dizer a verdade, as forças de Vykos, tão dispersas e desorganizadas na vitória quanto a Camarilla na defesa, não tinham a união necessária para enfrentar esses inimigos. Ela esperava que no momento certo, sem o apoio da Camarilla, a capela definhasse. Por enquanto, era suficiente que os Tremere não tivessem defendido Vitel, o rival de muitos anos.

Ela estava se divertindo com a idéia de mandar Bolon para o sul por uns tempos, para reagrupar a desfeita Coligação Nômade. O grupo tinha se separado depois da morte precoce de Averros. Vykos sorriu ao lembrar-se disso. Se havia alguém que poderia ganhar o respeito desses bandos errantes e extremamente independentes, esse alguém era o formidável Bolon.

Vallejo, claro, era uma espécie de presente de seu patrono, o cardeal. E não daqueles que ela já pudesse considerar como certo. Mas tendo conquistado tanto em apenas uma semana — e o que era uma semana para alguém como Monçada, um manipulador tão astuto que media as suas maquinações em séculos? — ele decerto não arriscaria os ganhos tentando retirar Vallejo e enviando-o para Madri.

Se houvesse um conflito de interesses entre ela e o cardeal, pensou Vykos, não tinha ilusões de espécie alguma sobre a que mestre o experiente veterano obedeceria. Ele seguiria as ordens dela sem questionar nada, mesmo até um certo grau de destruição, principalmente depois de Vitel ter escapado. Vykos repreendera Vallejo de maneira suave, mas o orgulho brutal dele fora ferido.

No entanto, ele esperava que *ela* seguisse as exigências do cardeal com o mesmo entusiasmo resoluto. Vykos esperava nunca ter de convencê-lo do contrário.

A Tzimisce mudou de posição, desconfortável. Este poleiro era o único lugar onde podia ter uma privacidade razoável. Pela terceira vez esta noite, Vykos desdobrou a carta. O pergaminho incomum tinha um tom avermelhado perturbador e enrugava-se como folhas secas na brisa noturna.

Querida Vykos,

Como posso exprimir a intensidade de meus sentimentos por você neste instante? Apenas pensar em sua proximidade me consome com um desejo irresistível. As minhas mãos tremem com a perspectiva do nosso encontro. Se pudesse ao menos uma vez acariciar o inigualável arco de sua garganta, o meu desejo mais profundo seria satisfeito.

Mas isso não pode acontecer. Quando penso em tudo o que você já arriscou por mim, sinto-me inútil e envergonhado. É demais para suportar. Talvez você me entenda se lhe disser que não posso deixar que se arrisque mais por minha causa. Prefiro ir de livre e espontânea vontade para a pira a ser a causa de um simples arranhão em seu delicado calcanhar.

Você tem que afastar essa idéia imprudente de sua cabeça. Estou certo de que existem diversões suficientes em Atlanta para ocupar os seus pensamentos por enquanto. Espere por mim e irei lhe encontrar, juro — no outono, talvez. Sim. Ouvi tantas coisas maravilhosas sobre a paisagem georgiana. Gostaria muito de ver o outono.

Minha querida, cada noite que passamos separados consome-me como o sol do meio-dia. Por que você me atormenta tanto? Você sabe que deixei sob os seus cuidados as chaves da minha alma sombria. Não há nada que eu possa negar a você.

Mas se tem que vir, trazendo o fogo e a espada aos locais secretos de meu coração, venha depressa. É melhor sucumbir em braços como os seus do que defender-me deles.

"Ah, amor, sejamos sinceros
um com o outro! Pois o mundo
que parece deitar-se frente a nós
como uma terra de sonhos,
tão variado, tão lindo, tão novo
Não tem realmente nem alegria, nem amor, nem luz,
Nem certeza, nem paz, nem ajuda contra a dor..."

Abandonada, a carta esvoaçava levemente na mão de Vykos. O olhar dela era distante, fixando um ponto imaginário no centro comercial. Ela mal notou as nuvens de fumaça que provinham dos incêndios ainda sem controle em diversas partes da cidade. O som das sirenes, das metralhadoras e dos vidros se quebrando vinha de todos os lados. Um helicóptero da Polícia pousava sobre a Casa Branca.

"E estamos aqui em uma planície que escurece
Levados por confusos alarmes de luta e vôo
Onde exércitos ignorantes se chocam à noite."

Vykos não percebeu que tinha falado em voz alta até ouvir uma tosse discreta. Uma cabeça apareceu na janela da torre. Parmênides esticou o pescoço para conseguir vê-la.

— Está na hora, minha senhora. Vamos até eles?

Vykos lançou um último olhar prolongado sobre a cidade silenciosa e levantou-se. Desceu a inclinação até a janela.

Segurando o braço de Parmênides, deixou-o ajudá-la a passar pelo peitoril da janela — apesar de ele parecer o mais frágil dos dois. A apreensão era evidente no rosto dele quando bloqueou a passagem para as escadas da torre.

— Você sabe que tentarão matá-la.

— Eu sei.

Inclinou-se para ele com um ar de conspiração.

— Mas eles não sabem que hoje à noite tenho uma apólice de seguro.

Parmênides afastou-se rapidamente, evitando olhar para ela.

— Ah, você está magoado de novo. Qual é o problema, meu jovem romântico, meu *filósofo*?

Ele virou-se para ela enfurecido.

— Como é que você pode perguntar isso? Que utilidade posso ter para você... assim?

Bateu com a bengala em suas pernas aleijadas, frustrado. Vykos recuou, esperando que ele caísse de repente, mas Parmênides nem se mexeu.

— Acredito — disse ela, atenciosa — que terá que ser você mesmo. Não se preocupe, você não irá falhar.

Ele não conseguiu manter o olhar fixo no dela e baixou os olhos.

— Nunca falhou.

Vykos tomou o braço dele. Desceram juntos a escada circular estreita para a sala onde os dignitários do Sabá reunidos esperavam para reconhecer e declarar

Sascha Vykos a nova arcebispo de Washington, D.C.
Sexta-feira, 2 de julho de 1999, 1h22min
Manhattan, Nova Iorque

A cabine desceu na escuridão do poço do elevador de serviço. Witgenstein preparou-se para a viagem interminável. Já a fizera várias vezes e nunca tinha se tornado mais fácil.

Tentou ocupar seus pensamentos polindo as elaboradas portas metálicas. O elevador de serviço para o "covil do dragão" era uma relíquia genuína. De alguma forma, tinha conseguido evitar todas as tentativas de remodelagem e modernização desde da década de 20. Witgenstein sabia que mais ninguém veria, e muito menos apreciaria, o resultado de seu trabalho, mas esfregou o pano com uma afeição reservada somente a automóveis de coleção.

O poço descia por quase cinco quilômetros, até o estômago da Besta. As prensas do "Times" eram uma das maravilhas da engenharia moderna. As máquinas eram tão gigantescas que as vibrações decorrentes atingiam proporções quase sísmicas. Colocá-las em movimento teria destruído imediatamente não só o edifício onde estivessem instaladas, mas também os que estavam próximos.

Por fim, as prensas tiveram que ser afundadas no solo rochoso da ilha. As mesmas fundações inabaláveis que fizeram da cidade um lugar singularmente adequado ao permanente clamor em direção aos céus também escondiam maravilhas em seus recantos mais profundos.

Witgenstein sabia que o elevador estava se aproximando do fundo do poço pelos primeiros sintomas de uma vertigem de pânico. De uma só vez, os estreitos limites do poço tinham desaparecido — recuando *para cima* na distância obscura. Por mais vezes que experimentasse essa sensação alarmante, nunca deixaria de ter a impressão de que a jaula de bronze despencaria sem controle em direção ao impiedoso solo rochoso.

Witgenstein forçou-se a abrir de novo os olhos, amaldiçoando-se por ser tão idiota. Forçando a visão na escuridão, conseguia perceber as formas sombrias dos dragões sonolentos lá embaixo. Pareciam preencher o vasto espaço aberto. Fios de vapor elevavam-se dos corpos deles e subiam em espiral no ar úmido e frio.

Neste momento, percebeu que algo estava errado. À luz incerta da lanterna, as prensas pareciam ter um brilho molhado. Tiras espessas e viscosas como algas bloqueavam os rolos titânicos. Mas isso era impossível. Estas prensas teriam esmagado com facilidade os braços de um homem forte antes que alguém conseguisse sequer desligar as máquinas — supondo que alguém fosse tão descuidado a ponto de não manter uma distância respeitosa dos gigantes.

Mas para conseguir imobilizar as prensas, as tiras que se agarravam a elas deveriam ser tão grossas quanto árvores.

O elevador de serviço atingiu a água e continuou a descida com um ritmo mais calmo. A água que subia queimou a lâmpada elétrica e Witgenstein agarrou-se ao trinco das portas. As partes mais baixas da treliça já tinham sido dominadas pelo vegetal verde, impedindo o funcionamento do elevador.

Com o tempo, a cabine desapareceu na superfície escura.

Em breve, até mesmo os ecos da luta dele se extinguiram, pois perambulava para trás e para a frente entre as paredes do estreito túnel de serviço como se estivesse tentando achar seu caminho.

Lá embaixo, aquele que tinha se emocionado com o zumbido incessante das prensas retornou às suas contemplações.